



Marília Ceccon Salarini da Rosa

Design & Envelhecimento: Técnicas de identificação de demandas dos maiores de 60 anos

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design.

Orientador: Profa. Vera Maria Marsicano Damazio

Rio de Janeiro
Março de 2015



Marília Ceccon Salarini da Rosa

Design & Envelhecimento: Técnicas de identificação de demandas dos maiores de 60 anos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Design do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Vera Maria Marsicano Damazio

Orientadora

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Prof. Hélio Lemos Furtado

Secretaria de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida do Rio de Janeiro - SESQV

Prof. Jorge Calmon de Almeida Biolchini

Escola Médica – PUC-Rio

Prof. Marcelo Fernandes Pereira

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 31 de Março de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Marília Cecon Salarini da Rosa

Graduou-se em Desenho Industrial com habilitação em Projeto de Produto pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2011. É integrante do Laboratório Design Memória e Emoção da PUC-Rio desde 2008, pesquisando sobre Design Emocional.

Ficha Catalográfica

Rosa, Marília Cecon Salarini da

Design & envelhecimento: técnicas de identificação de demandas dos maiores de 60 anos / Marília Cecon Salarini da Rosa ; orientadora: Vera Maria Marsicano Damazio. – 2015.

145 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2015.

Inclui bibliografia

1. Artes e design – Teses. 2. Design Emocional. 3. Envelhecimento saudável. 4. Autonomia. 5. Cidadania. 6. Sociabilidade. 7. Bem-estar. 8. Humor. 9. Autoestima. I. Damazio, Vera Maria Marsicano. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. III. Título.

CDD: 700

Para minha família que sempre me apoiou e para meu tio-avô, Pe. Checon, que foi meu grande exemplo de belo velho e sempre reforçou a generosidade e importância do “PUC-Rio mais de 50”.

Agradecimentos

A minha querida orientadora Vera Damazio, por todo carinho, dedicação e ensinamentos ao longo de toda a minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais, que sempre apoiaram as minhas escolhas e estiveram dispostos a me ajudar sempre que preciso.

A minha irmã Juliana, que sempre esteve disposta a me ouvir, a revisar e dar opiniões sobre meus textos.

Ao Philipe, sempre compreensivo e pronto para me apoiar em qualquer momento.

A Silvia Nogueira, a amiga que o mestrado me deu. Minha companheira de pesquisa, com quem dividi dúvidas e conquistas ao longo desse trabalho.

A Fernanda Pina, sempre muito prestativa e disposta a colaborar.

A minha avó, meu exemplo de bela velha.

A meu tio-avô, que me motivou ao longo desse estudo e foi meu grande exemplo de belo velho.

A todos os idosos que nos inspiraram e foram nosso parceiros nessa pesquisa.

A todos os professores da PUC-Rio, que colaboraram e contribuíram para que esse trabalho acontecesse.

Ao Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento, a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée e a Coordenação Central de Extensão, que contribuíram diretamente com a realização desse trabalho.

Aos professores que participaram desta banca examinadora.

Resumo

Rosa, Marília Ceccon Salarini da; Damazio, Vera Maria Marsicano; **Design & Envelhecimento: Técnicas de identificação de demandas dos maiores de 60 anos**. Rio de Janeiro, 2015. 145p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho teve como motivação o atual e crescente fenômeno do envelhecimento e longevidade da população. Ele traz o registro de uma abordagem do design sobre o tema envelhecimento e pretende explorar o potencial da atividade em contribuir para qualidade de vida dos maiores de 60 anos. Tendo em vista que o design tem como resultado final a construção de produtos e serviços tangíveis, este trabalho inclui três ações próprias do processo ou modo de pensar e fazer do design. São elas: (1) direcionamento e acompanhamento de turmas da disciplina “Projeto Avançado – Produção e Distribuição” em prol da qualidade de vida do idoso, do curso da graduação em design da PUC-Rio; (2) estudo para identificação de demandas e geração de soluções ”para” e “com” idosos moradores da Gávea; e (3) desenvolvimento do protótipo de design de serviço de educação continuada “PUC-Rio mais de 50”. Este trabalho foi norteado pela premissa de que o público idoso é diverso e não tem tido suas necessidades atendidas pelos produtos e serviços existentes. Foi norteado, também, pela ideia de que o design pode atender necessidades além das mecânicas e funcionais consequentes das limitações ocasionadas pelo avanço da idade. Nesse sentido, este trabalho teve como ponto de partida seis perspectivas do design emocional, abordagem que tem como foco atender necessidades de natureza emocional e não tangíveis. Essas perspectivas, identificadas em estudos anteriores, foram revistas e adequadas com base em pesquisa bibliográfica e estudo de campo sobre o público idoso, e transformaram-se nas seguintes possíveis frentes de ação em: (1) design para resgate e manutenção da identidade (que contempla demandas como autonomia, independência e liberdade); (2) design para sociabilidade (que contempla demandas como criação de novos vínculos sociais e fortalecimento dos já existentes); (3) design para cidadania (que contempla demandas como engajamento social, político e econômico); (4) design para bem-estar (que contempla demandas como equilíbrio mental e espiritual); (5) design para autoestima (que contempla demandas como orgulho próprio e cuidado

consigo mesmo); e (6) design para o humor (que contempla demandas como rir e se divertir).

Palavras-chave

Design Emocional; Envelhecimento saudável; Autonomia; Cidadania; Sociabilidade; Bem-estar; Humor; Autoestima.

Abstract

Rosa, Marília Ceccon Salarini da; Damazio, Vera Maria Marsicano; (Advisor) **Design & Aging: Techniques for identifying demands of the elderly..** Rio de Janeiro, 2015. 145p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work had as motivation the current and growing aging phenomenon of the population. It shows the records of design's approach to the aging theme and intends to explore the activity's potential in contributing to the life quality of the over 60's. Knowing that design has as a final result the building of tangible products and services, this work includes three examples of the process and way of thinking from design. They are: (1) directing and following classes from the discipline "Advanced Project – Production and Distribution" for the elder's life quality, from the graduation in design course at PUC-Rio; (2) study to identify demands and generating solutions "to" and "with" elders from Gávea, Rio de Janeiro and (3) development of the service design and continued education "PUC-Rio mais de 50" (PUC-Rio over 50's). This work was guided by the premise that the elder public is diverse and hasn't had its needs attended by the existing products and services. It was also guided by the idea that design can provide for beyond the mechanical and functional needs caused by the limitations brought by age advance. In this way this work had as a starting point the perspectives of emotional design: an approach that had as focus attending emotional needs and not tangible ones, plus six perspectives of action, identified in previous studies. This categories were reviewed and adapted according to the bibliographic research and field study on the elder public and became: (1) design for the rescue and maintenance of identity (which contemplates demands as autonomy, independence and freedom); (2) design for sociability (which contemplates demands as the creation of new social connections and strengthening of the remaining ones); (3) design for citizenship (which contemplates demands as engagement in social, political and economical matters); (4) design for the well being (which contemplates demands as mental and spiritual balance); (5) design for the self esteem (which contemplates demands as self pride and self care); (6) design for the humor (which contemplates demands as laughter and fun).

Key Words

Emotional Design; Healthy Aging; Autonomy; Citizenship; Sociability; Well Being; Humor; Self Esteem.

Sumário

1 Introdução	14
1.1 Metodologia	16
1.2 Principais interlocutores e parceiros	17
1.3 Organização da dissertação	19
2 Sobre Design	20
2.1 Design Social	21
2.2 Design em Parceria	23
2.3 Design Emocional	24
2.4 Seis perspectivas do Design Emocional	25
Design & identidade	26
Design & cidadania	31
Design & sociabilidade	33
3 Levantando meios e forma de bem viver depois dos 60 anos	37
3.1 Guia Global: Cidade Amiga do Idoso	39
3.1.1 Espaços abertos e prédios	40
3.1.2 Transporte	41
3.1.3 Moradia	42
3.1.4 Participação Social	43
3.1.5 Respeito e inclusão social	43
3.1.6 Participação cívica e emprego	44
3.1.7 Comunicação e informação	45
3.1.8 Apoio comunitário e serviços de saúde	46
3.4 O estudo “Design Emocional e envelhecimento”	46
3.4.1 Levantamento de meios e formas para o bem-estar do público idoso	47
3.4.2 Levantamento de meios e formas de “uma nova velhice”	52
4 Exercitando meios e formas de bem viver depois dos 60 anos	62
4.1 Sobre o contexto e dinâmica da disciplina Projeto Avançado – Produção e Distribuição do Curso de Design da PUC-Rio	62
4.2 Apresentação sobre envelhecimento saudável e qualidade de vida depois dos 60 anos	64
4.3 Entrevista com um idoso	65
4.4 Exercício empático: se colocando no lugar do idoso	66
4.5 Exercício “quem você quer ser quando crescer?”	68
4.6 Atividade para geração de ideias de novos produtos e serviços	71
4.7 Conversa com idosos da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée	74
4.8 Principais projetos desenvolvidos	77
5 Identificando demandas e gerando ideias de novos meios e formas para o bem viver depois dos 60 anos	85
5.1 Métodos da pesquisa	86
5.2 Seleção dos participantes	87
5.3 Dinâmica do estudo	89
5.3.1 Primeira visita à casa do idoso	90
5.3.2 Segunda visita à casa do idoso	91
5.4 Demandas identificadas e suas categorias	92
5.4.1 Categoria Identidade	93
5.4.2 Categoria Bem-estar	99
5.4.3 Categoria Cidadania	100
5.4.4 Categoria Sociabilidade	103
5.4.5 Categoria autoestima	105

5.4.6. Categoria vontade de saber mais	108
5.5. Principais desdobramentos	111
6 Prototipando meios e formas de bem viver depois dos 60 anos: Projeto PUC-Rio mais de 50	113
6.1. Demandas em forma de domínios e cursos	113
6.1.1. Domínio: Cultura Religiosa	114
6.1.2. Domínio: Atualidades e Conhecimento Gerais	115
6.1.3. Domínio: Arte & Entretenimento	118
6.1.4. Domínio: Revitalização Profissional	120
6.1.5. Domínio: Oficinas digitais	121
6.2. Divulgação	122
6.3. Estrutura geral dos cursos	123
6.4. Avaliação dos cursos	124
6.4.1. Curso: Os Conflitos Atuais do Oriente Médio	124
6.4.2. Curso: Doenças, Curas e Medicina na Perspectiva da Bíblia	126
6.4.3. Curso: Vídeo chamadas por Skype	127
6.4.4. Curso: The Beatles: História, Arte e Legado	128
6.4.5. Curso: Fenômenos Físicos Extraordinários da Natureza	129
6.4.6. Curso: A Repercussão Gráfica da Passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil	130
6.4.7. Curso: Exposição e Comercialização de Produtos: potencializando seu negócio	130
6.5. Avaliação geral do piloto PUC-Rio mais de 50	132
7 Considerações finais	136
8 Referências bibliográficas	139

Lista de figuras

Figura 1. Imagens da avaliação do mockup do “parceiro eletrônico”	15
Figura 2. Imagem do acervo de Wendy Tsao disponível no <i>site Child’s Own Studio</i> .	27
Figura 3. Imagem da personalização da luminária.	27
Figura 4. Representação do sistema.	28
Figura 5. Imagens do semáforo dançante. (Frames do vídeo de divulgação da campanha.)	29
Figura 6. <i>Alphasphere</i> em atividade.	30
Figura 7. Imagens do <i>Kitten Therapy</i> . (Frames de divulgação da campanha.)	31
Figura 8. Imagens da <i> festa do vampiro</i> . (Frame do vídeo de divulgação.)	32
Figura 9. Imagens do <i>outdoor</i> na estrada de Papakura.	32
Figura 10. Maria Eduarda Calobrizi, de quatro anos, com seu ursinho Elo. (Imagem divulgada pela UOL Notícias.)	33
Figura 11. A reação das pessoas ao interagir com desconhecidos na piscina de bolinhas. (Frame do vídeo de divulgação da campanha.)	34
Figura 12. Imagens de pacientes recebendo os recados e imagem de divulgação	35
Figura 13. Compartimentos para guardar o soro que representa as fórmulas usadas pelos super-heróis.	36
Figura 14. Representação do percentual da população idosa em 2014 e a projeção para 2025, segundo gráfico da HelpAge.	37
Figura 15. Patrícia Moore com o disfarce de idosa e sem o disfarce.	48
Figura 16. <i>OXO Good Grips</i> e vista interior do metrô na superfície de Phoenix.	48
Figura 17. Talheres <i>Dining with Dignity</i> e manuseio dos talheres.	49
Figura 18. Prato <i>Another Hand</i> .	49
Figura 19. <i>Pashimina clothes protectors</i> .	50
Figura 20. Compartimentos diferenciados do <i>Pillbox’s funky shapes</i> .	50
Figura 21. Etapas de utilização do <i>Matryoshka-doll pillbox</i> .	50
Figura 22. MEMO box.	51
Figura 23. Da esquerda para direita, cintas ortopédicas, próteses e bengalas & muletas.	51
Figura 24. As bengalas multifuncionais.	52
Figura 25. Aetrex GPS.	52
Figura 26. Fotos do <i>tumblr What Ali Wore</i> .	53
Figura 27. Fotos do blog <i>Advanced Style</i> .	54
Figura 28. Desfile com modelos idosas.	54
Figura 29. Em ordem da esquerda para direita: Paola Kortis, Sabine Jost, Eloisa Berceo e Marie-Ange Schmitt.	55
Figura 30. Liu Xianping posa para fotos vestindo roupas da marca <i>Yecoo</i> .	55
Figura 31. Ensaio fotográfico da <i>Super Mamika</i> .	56
Figura 32. Cartazes criados para divulgação do <i>Senior Self Defence Academy</i> .	56
Figura 33. Integrantes do <i>The Zimmers</i> .	57
Figura 34. Produtos feitos no projeto <i>Pick-it</i> .	57
Figura 35. Imagens do projeto “A Avó que Veio Trabalhar”.	58
Figura 36. Imagens de concertos da <i>New Jersey Intergenerational Orchestra</i> .	58
Figura 37. <i>Pick-it</i> e a <i>New Jersey Intergenerational Orchestra</i> .	59
Figura 38. Juan Duyos Outono/Inverno 2010 e o grupo <i>The Zimmers</i> .	59
Figura 39. <i>Senior Self Defence Academy</i> e <i>Dining with Dignity</i> .	60
Figura 40. Blog <i>Advanced Style</i> e ensaio fotográfico <i>Super Mamika</i> .	60
Figura 41. Primeiro dia de aula no CEPE. Alunos e professores assistem à palestra do ILC-Br.	64
Figura 42. Fichas 1 e 2 entregues aos alunos para a realização do exercício empático.	67
Figura 43. As imagens mais selecionadas no enunciado 1: “Escolha até cinco imagens que representam a sua visão de uma pessoa com 75 anos”.	67
Figura 44. Imagens mais selecionadas no enunciado 2: “Escolha até cinco imagens	

que representam você com 75 anos”.	68
Figura 45. Folha entregue aos alunos para realização do exercício “quem você quer ser quando crescer?”	70
Figura 46. Imagem dos quatro idosos mais escolhidos pelos alunos. Em ordem, Marília Gabriela, o Surfista, Dona Violeta e Mike Jagger.	71
Figura 47. Folha entregue aos alunos para realização do exercício de geração de ideias de novos produtos e serviços.	72
Figura 48. Tela site com o processo de criação da Rosácea.	78
Figura 49. Alunas improvisam com os adereços.	79
Figura 50. Alunas improvisam com os adereços.	79
Figura 51. “Fitadica” e guarda-chuva produzidos para intervenção urbana.	80
Figura 52. Distribuição da “Fitadica” na Lagoa Rodrigo de Freitas. (Frame do vídeo.)	80
Figura 53. Distribuição da “Fitadica” na Lagoa Rodrigo de Freitas. (Frame do vídeo.)	81
Figura 54. Tela do <i>site</i> “Coroando”.	82
Figura 55. Representação da página de um usuário.	83
Figura 56. Tela do <i>site</i> “Em cada canto um encanto”.	84
Figura 57. <i>Diário Bipolar</i> de uma das entrevistadas.	86
Figura 58. Exemplo do <i>Mapa Relacional</i> .	87
Figura 59. Vaso de flor entregue para uma das entrevistadas e incorporado no ambiente.	91
Figura 60. Participantes construindo o <i>Mapa Relacional</i> da Gávea.	92
Figura 61. Jornalista aposentado mostra o livro que está escrevendo sobre Copas do Mundo.	94
Figura 62. Mapa de uma entrevistada com pontos de perigo assinalados.	98
Figura 63. Livro com dedicatória de Chico Xavier.	99
Figura 64. Dona D ensaia a música da apresentação que iria fazer na cidade de Conservatória, no Estado do Rio de Janeiro.	101
Figura 65. Os sapatos de tricô feitos por Dona D para doação.	102
Figura 66. Relato sobre a rotina de Sr. A com a namorada no “Diário Bipolar”.	105
Figura 67. Geladeira de Dona MC, 77 anos, com lembranças de todos os lugares que ela já visitou.	111
Figura 68. Filipetas de divulgação do curso.	114
Figura 69. Filipetas de divulgação do Curso.	116
Figura 70. Filipeta de divulgação do curso.	117
Figura 71. Filipeta de divulgação do curso.	118
Figura 72. Filipeta de divulgação do curso.	119
Figura 73. Filipeta de divulgação do curso.	120
Figura 74. Filipeta de divulgação do curso.	121
Figura 75. Alunos no <i>coffee break</i> durante a aula do Pe. Hortal.	123
Figura 76. Pe. Hortal ministra sua primeira aula no projeto <i>PUC-Rio mais de 50</i> .	124
Figura 77. CD com o conteúdo das aulas entregue aos alunos que participaram do curso.	125
Figura 78. Alunos assistem ao início da aula.	126
Figura 79. Alunas em conversa em grupo via videochamada.	127
Figura 80. Algumas alunas ao final do curso de Skype.	127
Figura 81. Aula no CEPE.	128
Figura 82. <i>Show cover</i> dos Beatles.	129
Figura 83. Alunos atentos à história do dirigível.	130
Figura 84. Professora Mônica organiza a degustação da Lasanha da D. Maria.	131
Figura 85. Alunos trabalham em grupo para montar o conceito dos marcadores de livro feitos por Dona Lígia e para as lasanhas feitas por Dona Maria.	131
Figura 86. Alunos realizam a avaliação.	133
Figura 87. Alunos que participaram da dinâmica de avaliação com seus certificados de curso e integrantes do LABMEMO.	135

1

Introdução

Este trabalho é o registro de uma abordagem do design sobre o tema envelhecimento. Ele teve como motivação o atual e crescente fenômeno do envelhecimento e longevidade da população, e é a união do design com um público que muito me encantou durante a graduação: o dos maiores de 60 anos.

Em 2010, escolhi desenvolver como trabalho de conclusão do Curso de Design de Produto da PUC-Rio um projeto direcionado ao público idoso. Na época, investigando o tema envelhecimento, descobri que três em cada quatro idosos brasileiros são afetados por alguma doença crônica — como pressão alta, problemas cardíacos e diabetes, entre outras (IBGE, 2009).¹ Descobri, ainda, que o avanço da idade pode também aumentar os riscos de queda e o surgimento de doenças como o Alzheimer, que afetam o cotidiano das pessoas que envelhecem. Por outro lado, também descobri que apesar dessas doenças exigirem acompanhamento e cuidados constantes, nem todas as pessoas que estão nesse grupo etário precisam ser privadas de sua vida normal. Além disso, encontrei dados que mostravam que o número de idosos que moram sozinhos cresce a cada ano: eram quase três milhões de pessoas; ou seja, aproximadamente 14% do total de brasileiros com mais de 60 anos (IBGE, 2009).

Naquela ocasião, no decorrer do meu projeto, entrevistei médicos, idosos e seus familiares e identifiquei a possibilidade de desenvolver um sistema de acompanhamento e monitoramento de saúde à distância. Além de possibilitar assistência médica e cuidados necessários ao idoso, o projeto teve como objetivo contribuir para a independência e autonomia dos usuários, e também proporcionar mais tranquilidade a seus familiares.

O resultado final do projeto foi a conceituação de um serviço e o *mockup*² do “parceiro eletrônico”, um aparelho em forma de relógio com funções de: (1) monitoramento de sinais vitais como pressão arterial, frequência respiratória e batimentos cardíacos; (2) identificação de quedas ou ausência de movimentos; (3) contato direto com uma central médica e (4) alerta de cuidados rotineiros tais

¹ Pesquisa divulgada pelo IBGE em 2009. Ver em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/com_sobre.pdf

² Mockup é o modelo tridimensional de um produto, embalagem ou dispositivo, construído em tamanho real e parte de suas funções para testes, estudos e avaliação. Costumam ser usados por designers para observar a relação de uso com os usuários como por exemplo, a adequação da forma do “parceiro eletrônico” e tamanho de seus botões.

como aplicação de insulina ou ingestão de remédios. Além disso, o aparelho também contava com um sistema de GPS para localização de seus usuários em caso de desaparecimento, situação comum em pessoas com Alzheimer. O “parceiro eletrônico”, era, também, recarregável por meio de sensores de movimento e transmitia informações a uma central 24 horas que avaliava os dados e, se necessário, entrava em contato com o usuário, seus familiares ou pessoas por ele indicadas. Com esse sistema, seu portador poderia se prevenir de possíveis complicações de saúde ou da falta de socorro, principalmente no caso de morar sozinho. O produto, por ter conexão com a Internet via *chip* de celular, garantia também o monitoramento fora de casa.



Figura 1. Imagens da avaliação do mockup do “parceiro eletrônico”

Ao longo do desenvolvimento de meu projeto de conclusão de curso, enxerguei o potencial do Design para a melhoria da qualidade de vida desse crescente grupo etário. Decidi, então, me aprofundar no tema envelhecimento em meu projeto de mestrado.

Quando os assuntos Design e Envelhecimento se encontram, é grande a possibilidade de se pensar no desenvolvimento de produtos e serviços com foco nas limitações físicas, mas isso está bem longe do conteúdo desta dissertação. A ideia de que pessoas com mais de 60 anos são invariavelmente doentes é ainda recorrente, apesar dos dados que apontam para uma numerosa e vigorosa geração de “belos velhos” (GOLDENBERG, 2013).

Segundo resultados de estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2013, 45 em cada 100 consumidores com mais de 60 anos, têm dificuldades de encontrar produtos e serviços adequados aos seus interesses e necessidades. Os itens citados incluíram roupas, aparelhos eletrônicos, bares, restaurantes, turismo, serviços de transporte, espaços para

lazer, maquiagem, produtos de beleza, entre outros muito além de asilos e fraldas geriátricas, indicando que as demandas desse público dizem respeito aos aspectos positivos do envelhecimento e são tão diversas quanto o crescente número de idosos no País. No Brasil, aproximadamente 24 milhões de pessoas estão nessa faixa etária, que hoje tem o potencial de movimentar mais de R\$ 400 bilhões por ano.³ Nesse sentido, é vital e urgente que o design concentre esforços para a construção de um universo mais acolhedor e atento à população que envelhece.

Como bem resume Simone de Beauvoir (1990: 345), “a velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção”. Tão ou mais numerosos e heterogêneos do que os públicos infantil, jovem e adulto, os idosos do século XXI indicam não se identificar com os serviços e produtos que a eles vêm sendo destinados e impõem uma urgente extensão e inovação de seu universo material.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo geral contribuir com o desenvolvimento de produtos, serviços e outras ações do design em prol da qualidade de vida dos maiores de 60 anos e foi norteado pelas seguintes questões: Como é o cotidiano do público com mais de 60 anos? Quais são os aspectos positivos e negativos de suas rotinas? Como potencializar os positivos e minimizar os negativos?

Nesse sentido, os objetivos específicos deste trabalho correspondem às principais etapas do processo do design, quais sejam: (1) levantar formas e meios voltados para o bem viver depois dos 60 anos; (2) gerar ideias e explorar novos meios e formas com foco no bem viver depois dos 60 anos; (3) identificar as demandas do público com mais de 60 anos e (4) desenvolver protótipos de meios e formas com foco no bem viver depois dos 60 anos.

1.1.

Metodologia

A primeira etapa deste trabalho se deu a partir de pesquisa bibliográfica e buscou investigar os aspectos positivos, as oportunidades e novas possibilidades associadas à velhice cabendo ressaltar o *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*, documento preparado pela Organização Mundial da Saúde sob

³ Ver mais em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/09/1509438-faltam-produtos-adequados-a-terceira-idade-diz-consumidor-em-pesquisa.shtml>

coordenação do gerontólogo brasileiro Alexandre Kalache e da pesquisadora canadense Louise Plouffe, com resultados de pesquisa realizada em 33 cidades de vários portes em todo o mundo. Esta etapa incluiu, também, resultados do estudo *Design & Envelhecimento* desenvolvido pelos integrantes do Laboratório de Pesquisa aplicada Design, Memória e Emoção (LABMEMO) sob a coordenação da Profa. Vera Damazio e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A segunda etapa foi resultado de minha atuação em Estágio de Docência, atividade curricular facultada aos alunos de pós-graduação. Ela se deu a partir do acompanhamento e direcionamento das turmas de “Projeto Avançado – Produção e Distribuição”, do curso de graduação em Design da PUC-Rio. que teve como tema central “envelhecimento e qualidade de vida” e contou com a colaboração das pesquisadoras Louise Plouffe e Ina Voelcker, do International Longevity Centre Brazil (ILC-Br).

A terceira etapa foi dedicada à ação investigativa de base etnográfica realizada em parceria com nove idosos moradores da Gávea (bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro) e intitulada “Estudo de Identificação de demandas e geração de ideias de novos produtos e serviços ‘para’ e ‘com’ os idosos moradores da Gávea”.

A quarta etapa foi destinada à conceituação, desenvolvimento e avaliação do protótipo de serviço de educação continuada intitulado “PUC-Rio mais de 50”.

1.2.

Principais interlocutores e parceiros

No âmbito do design, este trabalho teve como principal interlocutor Jorge Frascara, designer argentino, professor emérito de Artes e Design da Universidade de Alberta, no Canadá, grande articulador do design social e da ideia de que o papel do design é afetar as pessoas e transformar realidades existentes em outras mais desejadas (FRASCARA: 2000).

No âmbito do envelhecimento, a principal interlocutora foi Mirian Goldenberg, reconhecida antropóloga que em seu livro *A bela velhice* aborda o lado positivo da velhice, e revela o que as pessoas pensam e sentem em relação ao processo de envelhecimento (GOLDEMBERG: 2013).

Dentre as instituições parceiras, e sem as quais não seria possível realizar grande parte desta investigação, destacam-se: A Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, projeto da Secretaria Especial de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida (SESQV)⁴, que por meio de seus dedicados e atenciosos funcionários, proporcionou a aproximação com o público maior de 60 anos e contribuiu com a divulgação do projeto *PUC-Rio mais de 50*.

O Centro de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE)⁵, que por meio de sua acolhedora e entusiasmada equipe, promoveu eventos e atividades esclarecedoras sobre o público idoso. E abriu as portas para importantes atividades realizadas ao longo deste estudo.

O Centro Internacional da Longevidade (ILC-Br)⁶, que por meio das competentes pesquisadoras Louise Plouffe e Ina Voelcker e coordenadora de comunicação e informação Sílvia Costa colaborou com a sensibilização e aproximação dos alunos das turmas de “Projeto Avançado – Produção e Distribuição”, com o tema envelhecimento ativo.

A Coordenação Central de Extensão da PUC-Rio (CCE), que por meio da alegre e competente equipe de funcionários comandada pela vigorosa Fernanda Pina, foi nossa principal parceira na prototipação e realização do projeto “PUC-Rio mais de 50”.

Finalmente e mais importante, destacamos os idosos frequentadores da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, os informantes do “Estudo para identificação de demanda de idosos moradores da Gávea” e os participantes do projeto “PUC-Rio mais de 50”. Sem a participação e colaboração deles, este trabalho não teria sido realizado e nem faria sentido.

⁴ Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/sesqv/exibeconteudo?id=131943>

⁵ Disponível em: <http://www.vitalbrazil.rj.gov.br/cepe.html>

⁶ Disponível em: <http://www.ilcbrazil.org/>

1.3.

Organização da dissertação

Esta dissertação está dividida em sete partes. A primeira e presente seção apresenta a pesquisa. A segunda apresenta três importantes abordagens do design utilizadas e aplicadas ao longo deste trabalho: o design social, o design em parceria e o design emocional. A terceira seção traz os resultados do levantamento de formas e meios voltados para o bem viver depois dos 60 anos. Ela descreve o *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*, documento publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que aponta, sob o ponto de vista dos idosos, os aspectos positivos e negativos da vida daqueles que envelhecem nas cidades. Esta seção traz, também, resultados do estudo “Design & Envelhecimento”, e levantamento de produtos e serviços com foco no bem-estar e visão positiva da velhice. A quarta seção descreve as atividades realizadas em parceria com a equipe do ILC-Br nas turmas de “Projeto Avançado – Produções e Distribuição” da graduação em Design da PUC-Rio em prol do envelhecimento saudável e traz exemplos de produtos e serviços desenvolvidos pelos alunos na disciplina. A quinta seção apresenta a ação projetual de base etnográfica denominada “Estudo de Identificação de demandas e geração de ideias de novos produtos e serviços ‘para’ e ‘com’ os idosos moradores da Gávea” e seus resultados. A sexta seção apresenta o protótipo de design de serviço de educação continuada “*PUC-Rio mais de 50*”, as origens do projeto e sua avaliação. A sétima e última seção apresenta as considerações finais e os possíveis desdobramentos deste trabalho.

Sobre Design

O design é uma área muito ampla e passível de interpretações e definições bastante distintas, que variam de acordo com o contexto em que foram formuladas. Sobre essa multiplicidade, a pesquisadora e designer Vera Damazio ilustra que o Design ora é apresentado:

[...] como uma atividade cuja principal finalidade é a criação de produtos de valor estético, ora como importante promotor do desenvolvimento econômico, produtivo e tecnológico. Ora ressaltam sua importância para o aumento das vendas, manutenção e conquista de mercados, ora seu compromisso com a construção de um entorno ajustado às necessidades do ser humano, das mais básicas às mais transcendentais. (DAMAZIO, 2004)

A palavra "design" deriva do termo em latim "designare", verbo que significa designar e desenhar, abrangendo o sentido de intenção e de configuração. Com base em sua origem etimológica, o Design pode ser entendido como uma atividade que engloba a ação abstrata de planejar e, também, a ação concreta de dar forma àquilo que foi planejado. A partir do início do século XIX, o termo "designer" passou a ser utilizado para nomear o operário que se diferenciava dos demais por sua experiência, senso estético ou habilidade técnica e que, por essas qualidades, acabava ocupando postos ligados à concepção e controle de qualidade dos artefatos produzidos em série (DENIS, 2000; DAMAZIO, 2004).

Apesar de constantemente reconhecida pela estética, funcionalidade e sofisticação de seus produtos, a atuação do designer não se resume a isso. Em seu livro *Uma história do design*, Rafael Cardoso explica que o campo opera atribuindo forma tangível a conceitos intelectuais (CARDOSO, 2008).

Harold Nelson e Erik Stolterman (2012:12) acrescentam que:⁷ "Design is the ability to imagine, that-which-does-not-yet-exist, to make it appear in concrete form as a new, purposeful addition to the real world. [...] Design touches nearly every aspect of our experienced world."

Além de dar forma a ideias, as ações do designer também propõem soluções para problemas de diferentes naturezas.

Em *The sciences of the artificial* (1969), Herbert Simon explica que o projeto — leia-se processo de design — tem por objetivo transformar situações

⁷ Nelson, Harold G & Stolterman, Erik (2012) *The Design Way: Intentional Change in an Unpredictable World*, 2nd end. MIT Press

existentes em situações desejadas. Seguindo a mesma linha, Jorge Frascara, em *Diseño Gráfico para la Gente: Comunicaciones de massa y cambio social*, acrescenta que o papel do Design

[...] não termina na sua produção e distribuição, mas em seu efeito sobre as pessoas. As motivações para a sua criação e seu propósito devem estar centradas na intenção de transformar uma realidade existente em uma realidade desejada. Esta realidade não é construída por formas gráficas e sim por pessoas. (FRASCARA, 2000, p.19.)⁸

Frascara (2000, p. 25) apresenta o designer como “solucionador de problemas e como ativo coordenador de equipes multidisciplinares dedicadas a melhorar o bem-estar das pessoas.”

Além de ser uma área ampla, o Design abrange vários propósitos, campos de ação e perspectivas teóricas e metodológicas. Este trabalho foi guiado por três abordagens do design: o design social, o design em parceria e o design emocional, apresentadas a seguir.

2.1.

Design Social

Sobre Design Social, Rita Couto e Vera Damazio, professoras e pesquisadoras do campo (2015), ensinam que o design é uma atividade social por definição, mas que o termo Design Social vem sendo atribuído a projetos orientados a necessidades básicas, problemas complexos e/ou desafios permanentes que exigem uma intervenção holística e não operam sob o tradicional mecanismo de mercado ou resultam em produtos para a venda. Os designers sociais desenvolvem pesquisas e intervenções abraçando preocupações globais e interesses públicos tais como educação, saúde, segurança, igualdade social, cuidados com o envelhecimento, proteção ambiental, prevenção de desastres, crises humanitárias, ajuda e promoção dos direitos humanos. Couto e Damazio ressaltam que a ação dos designers sociais exige empenho e o uso de métodos colaborativos de modo a promover a interação e a participação dos envolvidos em todas as etapas do processo de design, como também a troca de conhecimento e experiências empáticas (COUTO e DAMAZIO, 2015. Texto inédito).

Jorge Frascara, um dos principais autores do campo, acrescenta que os designers devem reconhecer as situações sociais em que trabalham e tomar posições conscientes para definir o futuro da profissão. Para que isso aconteça,

⁸ Tradução do autor.

precisarão desenvolver novas ferramentas e integrar-se a grupos interdisciplinares, entre outras ações que ampliem a base de conhecimentos da profissão e permitam que mais designers atuem em projetos socialmente relevantes (FRASCARA, 1997).

O Design Social abrange a abordagem denominada Design Universal, também conhecida como Design para Todos, Design Inclusivo e Design sem Barreiras. O Design Universal foi criado na década de 1980 pelo arquiteto americano Ronald Mace, fundador do Centro de Design, e o termo foi definido como "o desenho de produtos e ambientes a serem utilizados por todas as pessoas, o máximo possível, sem a necessidade de se recorrer a adaptações ou a design especializado".⁹ O Design Universal inclui pessoas de todas as idades, estaturas e capacidades e é norteado pela ideia de que a "deficiência" não está nos indivíduos, mas no ambiente e nas coisas que os cercam. É norteado também, pela ideia de que soluções projetadas com foco no indivíduo "médio" não atendem à maioria. Seus adeptos acreditam que esta conduta acaba resultando em soluções discriminatórias e restritivas, pois poucas pessoas têm as características físicas do suposto "indivíduo médio". Assim, as soluções para o "indivíduo médio" acabam dificultando e até mesmo impedindo o acesso da maioria das pessoas a bens, serviços, áreas da atividade social e a plena participação na vida civil, social e cultural. O Design Universal é sensível ao fato de que todos — por questões permanentes, temporárias ou circunstanciais — podem vir a ter dificuldades com o "meio projetado" e não conseguir entrar em um lugar, usar um aparelho ou entender uma mensagem.

Tal como resume Elaine Ostroff, diretora do Adaptive Environments Center, em Boston:¹⁰

Design Universal é uma abordagem que honra a diversidade humana. Confere a todos, desde a infância até a velhice, o direito de usar todos os espaços, produtos e informação de um modo independente, inclusivo e igualitário.

A exemplo do Design Social, a prática do Design Universal se dá "com" e não "para" as pessoas e as comunidades, e inclui ambos os setores: o público e o privado (FRASCARA, 2000; COUTO e DAMAZIO, 2014).

⁹ http://www.design.ncsu.edu:8120/cud/univ_design/ud.htm

¹⁰ Conferir em <http://www.concretecentre.com/main.asp?page=390>.

2.2.

Design em Parceria

O Design em Parceria é um método de projeto bastante utilizado pelos designers sociais e vem sendo desenvolvido no curso de graduação em Design da PUC-Rio desde a década de 1980.

Tal como conta um de seus principais desbravadores, o Prof. José Luiz Ripper, a partir de 1982 os trabalhos dos alunos do curso de Design começaram a vincular-se a contextos reais e não mais a realidades imaginadas em sala de aula:

O modo de projetar que hoje chamamos “Design de Parceria” surgiu naturalmente. Os alunos foram sendo orientados a procurar o seu tema de projeto fora do contexto da PUC. A universidade já tinha uma tradição de trabalho extra-muros. (In COUTO, 1990.)

Zoy Anastassakis (2012), em texto publicado na *Revista Brasileira de Design*, discorre sobre essa abordagem adotada no curso de graduação em Design da PUC-Rio, no qual os alunos cursam disciplinas de projeto em todos os semestres ao longo de quatro anos.

As duas primeiras disciplinas de projeto, que os alunos devem cursar no primeiro e no segundo semestre do curso, são orientadas pelo enfoque metodológico do design em parceria [que consiste em] exercícios de projeto em um contexto real, junto a um grupo social com o qual [o aluno] desenvolverá um trabalho, chegando até a construção de protótipos que podem ser experimentados e, muitas vezes, utilizados. (In Ribeiro, 2002, p. 17.)

Em síntese, a primeira etapa dessa metodologia é dedicada ao conhecimento do contexto e da realidade com a qual o designer irá trabalhar. Nesse processo de aproximação, normalmente são utilizados métodos adaptados da Antropologia. Na segunda etapa são identificadas e mapeadas oportunidades de projetos a serem desenvolvidas, elas são expostas para o parceiro que as valida e escolhe a que melhor lhe atenderá. Na terceira etapa do projeto, o designer cria alternativas de produtos ou serviços dentro da oportunidade projetual escolhida pelo parceiro. As alternativas são testados e avaliados por ele. Normalmente nessa fase emergem soluções inovadoras, pois os produtos ou serviços acabam ganhando nova forma de uso sob a interpretação do grupo. Na quarta e última etapa, a solução aceita e validada pelo parceiro é aprimorada e construída como o produto final dessa parceria. (PORTAS; COUTO; RIBEIRO; MAMEDE-NEVES, 2012)

Couto, professora do curso de Design da PUC-Rio, ressalta que essa metodologia não é uma regra e que nem sempre é aplicável a todas as

situações de projeto. É, contudo, uma prática que traz um enorme diferencial para aqueles que a vivenciam, tal como descrito a seguir:

[...] se o aluno vivenciou esta prática, se entendeu que este processo é muito mais do que fazer um objeto, é muito mais do que construir e experimentar, que é uma postura perante o problema do projeto, que inclui o usuário, que inclui as pessoas que vão se relacionar com o objeto, então ele pode ir para o mundo do trabalho. Porque lá, sempre que possível, ele vai pensar no usuário [...]. E, se tiver a chance de escolher, provavelmente vai escolher a metodologia do Design em Parceria. (COUTO, 2005.)

Ainda sobre a metodologia do design participativo, é importante ressaltar que ela é orientada pelas práticas antropológicas. Ou seja, a perspectiva da antropologia fornece subsídios metodológicos e ferramentas de pesquisa para o designer construir um olhar mais contextualizador e relativista sobre a sua prática e o contexto cultural em que ela se realiza (ANASTASSAKIS, 2012).

Vera Damazio complementa reforçando que o principal diferencial dessa abordagem é a aproximação entre os designers e as pessoas para quem eles projetam:

O Design em Parceria tem como prioridade a lógica do usuário e caracteriza-se pela participação efetiva, ou pela parceria com o grupo envolvido e futuros usuários em praticamente todas as etapas do processo projetual. Na perspectiva do Design em Parceria, o foco são as pessoas, suas necessidades e a busca de soluções em conjunto. Seus resultados, na maior parte das vezes, são produzidos em pequena escala e até unitariamente. (DAMAZIO, 2005, p. 35.)

Design em Parceria é, em resumo, um método através do qual se busca conhecer e intervir positivamente em uma dada realidade, e que não apenas prioriza como inclui as pessoas envolvidas em todas as fases do processo de desenvolvimento de soluções.

Vários contextos podem se beneficiar do trabalho do Design em Parceria. A prática, no entanto, é mais acolhida por instituições beneficentes, organizações não governamentais, postos de saúde e escolas, entre outros segmentos da sociedade pouco atendidos pelo sistema convencional de produção (in COUTO, 1990).

2.3.

Design Emocional

Sobre Design Emocional, Vera Damazio ensina que trata-se de uma área de pesquisa interdisciplinar que explora e desenvolve conhecimento teórico e prático acerca do potencial do design de evocar emoções e

promover experiências positivas, mudanças de comportamentos e de atitudes (DAMAZIO, 2015).

Leandro Tonetto e Felipe Campelo resumem que o Design Emocional “se refere à profissionalização do projetar com o intuito explícito de despertar ou evitar determinadas emoções” (DEMIR et al., 2009), e acrescentam que: “Esse tipo de atividade, de certa maneira, sempre foi exercido pelos designers sem a certificação de que suas intenções projetuais tinham realmente o impacto desejado sobre os usuários.” (TONETTO e CAMPELO, 2011.)

Os objetivos do Design Emocional incluem identificar as principais emoções evocadas pelo meio físico; entender a razão por trás de conexões afetivas entre pessoas e objetos; desenvolver ferramentas e procedimentos para avaliar as respostas emocionais dos usuários e propor métodos e modelos teóricos para compreender e atender às necessidades emocionais dos usuários (DAMAZIO, 2015).

O Design Emocional pode ser dividido em duas principais vertentes. A primeira delas se concentra em produtos e interfaces e em seu potencial de suscitar emoções positivas e promover experiências prazerosas e reúne conceitos das ciências cognitivas, do *marketing* e da psicologia:

A segunda vertente inclui produtos e serviços, políticas públicas e dinâmicas sociais, e seu potencial de suscitar as emoções “apropriadas” (tais como aversão, medo, compaixão, compromisso) e promover mudança de atitudes e estilo de vida (tais como parar de fumar, dirigir com mais responsabilidades, realizar doações e trabalho voluntário, combinando, principalmente, conceitos da sociologia, antropologia e ciências culturais). (DAMAZIO, 2015.)

Esta vertente vem norteando as ações do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção do qual sou integrante desde 2008, incluindo a identificação e o contínuo desenvolvimento de seis perspectivas de Design Emocional.

2.4.

Seis perspectivas do Design Emocional

Em sua tese de doutorado intitulada *Artefatos de memória da vida cotidiana: Um olhar interdisciplinar sobre as coisas que fazem bem lembrar*, Vera Damazio investigou as circunstâncias e razões que levavam alguns objetos a se tornar memoráveis. Com base em relatos e histórias de vida e referencial teórico

do campo dos Estudos da Memória, a pesquisadora levantou cerca de 300 “coisas que fazem bem lembrar” e identificou que os objetos se tornam memoráveis quando: (1) nos distinguem e nos expressam como indivíduos; (2) divertem e nos fazem rir; (3) proporcionam conforto e serenidade; (4) nos estimulam a fazer o bem; (5) criam e fortalecem vínculos afetivos; e (6) nos fazem sentir queridos e importantes (DAMAZIO, 2013).

Essas seis categorias de objetos memoráveis deram origem à hipótese de que é possível projetar produtos e serviços memoráveis. Em outras palavras, produtos e serviços podem se tornar memoráveis quando: (1) nos distinguem e nos expressam como indivíduos; (2) divertem e nos fazem rir; (3) proporcionam conforto e serenidade; (4) nos estimulam a fazer o bem; (5) criam e fortalecem vínculos afetivos; e (6) nos fazem sentir queridos e importantes (DAMAZIO, 2013).

Na sequência, foram levantados os seguintes possíveis atributos de memorabilidade: (1) identidade; (2) humor; (3) bem-estar; (4) cidadania; (5) sociabilidade; e (6) autoestima. Esses atributos, por sua vez, nomearam seis perspectivas para o projeto de produtos memoráveis. Foi dado início, então, ao levantamento e análise de produtos resultantes de ações projetuais que apresentassem um ou mais dos atributos de memorabilidade acima elencados. Nesse procedimento foram reunidos cerca de 200 produtos que ilustram as seis perspectivas para o projeto de produtos memoráveis; estas são constantemente revistas, reestruturadas e ganham novos exemplos. São elas:

Design & identidade

Esta perspectiva inclui produtos, serviços e ações projetuais que têm como efeito favorecer a autoexpressão e o fortalecimento da identidade e da individualidade, a partir de produtos “abertos” e passíveis de ser transformados de acordo com o desejo, as preferências, a imaginação e as necessidades do usuário (CECCON, 2009; SANTOS, 2010; DAMAZIO, 2013).

Um exemplo de Design & identidade é o *Child's Own Studio*, serviço criado por Wendy Tsao, que transforma desenhos infantis em *peluches* com a parceria das crianças. A designer começou a transformar os desenhos de seu filho com o intuito de estimular a criatividade dele e hoje oferece o serviço na

Internet. No *site* da empresa é possível fazer um pedido enviando o desenho que se deseja transformar em um objeto tridimensional.¹¹



Figura 2. Imagem do acervo de Wendy Tsao disponível no *site Child's Own Studio*.

Outro exemplo desta categoria é a luminária *Do Scratch Lamp*, de Martí Guixé, que foi desenvolvida para o projeto *Do Create*, promovido pelo *Droog Lab*¹², cujo propósito foi estimular a intervenção dos usuários na forma final dos produtos, que só funcionam depois que sua superfície preta é riscada e são abertas passagens para a luz.¹³



Figura 3. Imagem da personalização da luminária.

Design & humor

Esta perspectiva engloba produtos, serviços e ações projetuais que têm como efeito surpreender, tornar a rotina mais divertida, entreter e favorecer o surgimento de sentimentos como alegria, descontração, leveza e despreocupação (CECCON, 2009; SANTOS, 2010; DAMAZIO, 2013).

¹¹ Disponível em: <http://www.childsown.com/>

¹² O Droog Lab apresenta-se como um espaço colaborativo de experimentação, criação e desenvolvimento de produtos concebidos por Renny Ramakers (co-fundador da Droog) Ver mais em: <http://www.drooglab.com/projects/models/droog-lab/>

¹³ Ver mais em: <http://www.drooglab.com/projects/events/do-create-on-location/>.

Um exemplo de Design & Humor é o sistema “Ok, vou arrumar meu quarto rapidinho”, criado por Fernanda Canto para o projeto “Brigas bobas nunca mais”, durante o curso de Design Emocional, ministrado pela professora Vera Damazio. O objetivo foi desenvolver uma forma rápida e prática para deixar o quarto arrumado e assim evitar brigas entre mães e filhos bagunceiros. O sistema constitui-se de uma colcha branca para cobrir a desordem reunida em cima da cama e de um projetor de imagens variadas como o fundo do mar, gramados, nuvens, etc.

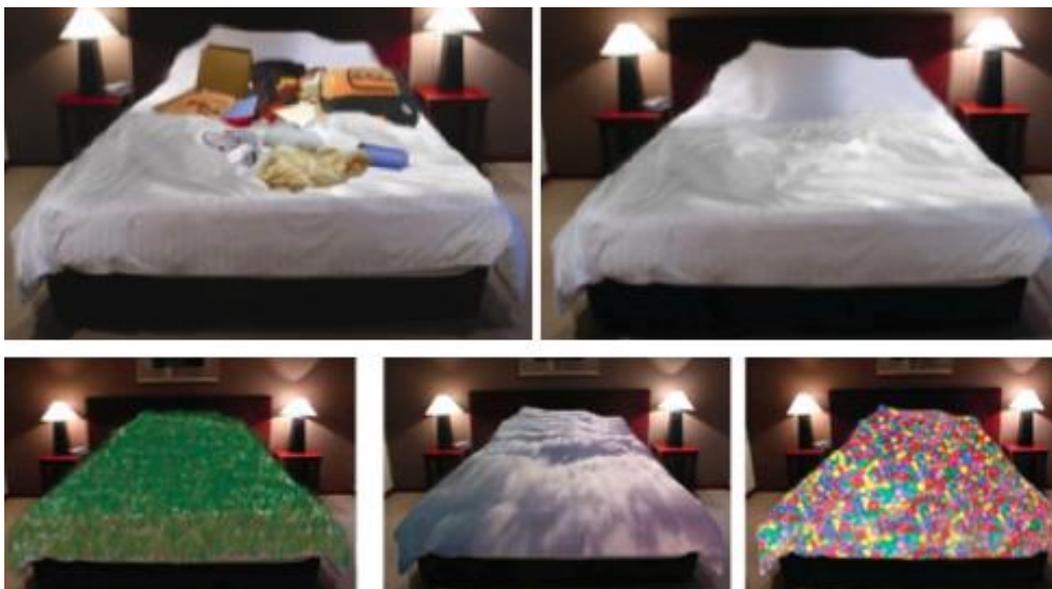


Figura 4. Representação do sistema.

Outro exemplo dessa categoria foi a ação *The Dancing Traffic Light*, realizada pela fábrica de automóveis *Smart*. Sabendo da falta de paciência dos pedestres para aguardar o tempo de atravessar, a empresa resolveu distraí-los durante a espera. Para isso, desenvolveu um semáforo dançante, em um cruzamento da cidade de Lisboa. O bonequinho vermelho do sinal foi ligado em transmissão direta com uma cabine de dança: quando o sinal fechava para o pedestre, o dançarino na cabine começava a dançar, e seus movimentos eram representados pelo boneco vermelho do semáforo. Qualquer pessoa podia entrar na cabine pra dançar, e, enquanto lá estivesse, podia ver, por meio de uma câmera, a reação das pessoas na rua.¹⁴

¹⁴ Ver vídeo em: https://www.youtube.com/watch?v=SB_0vRnkeOk

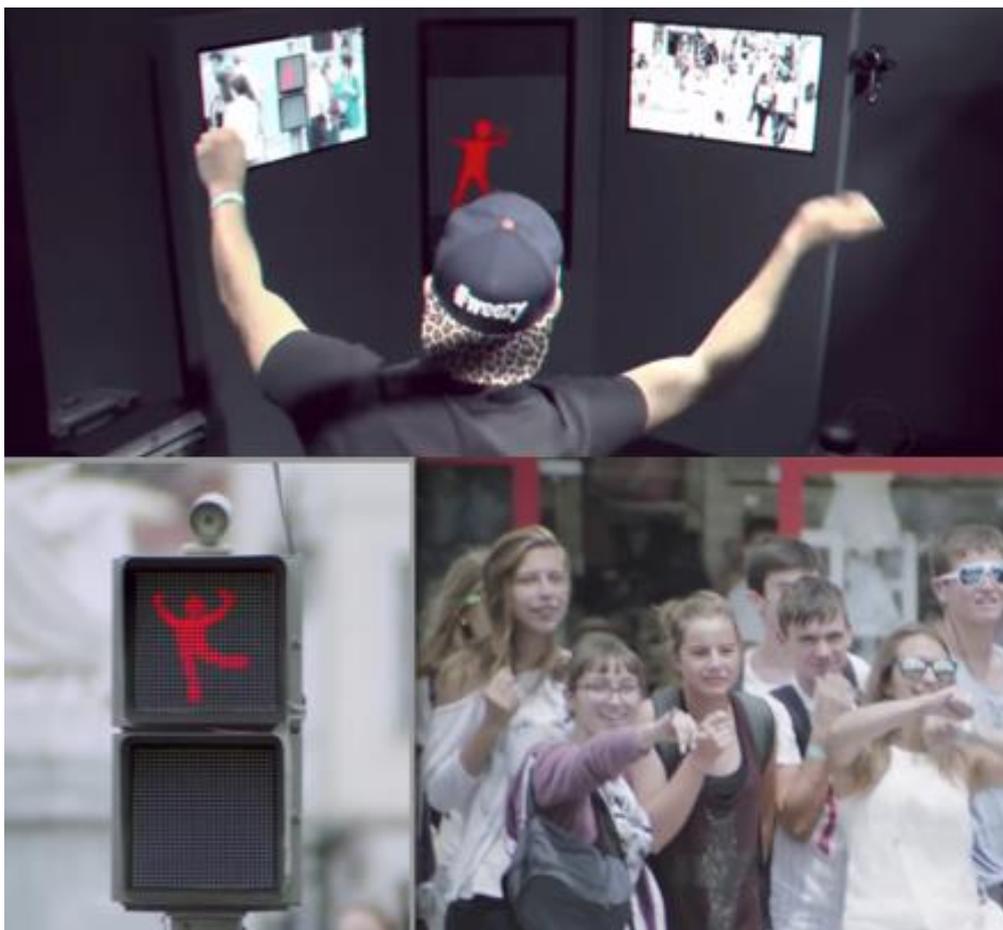


Figura 5. Imagens do semáforo dançante. (Frames do vídeo de divulgação da campanha.)

Design & bem-estar

Esta perspectiva inclui produtos, serviços e ações projetuais que têm como efeito promover a serenidade, desacelerar, relaxar, renovar o corpo, o espírito e a mente (CECCON, 2009; SANTOS, 2010; DAMAZIO, 2013).

Um exemplo de Design & Bem-estar é *AlphaSphere*, concebida por Sha, artista vienense e pesquisador da percepção. O produto proporciona uma experiência multissensorial que combina forma, cor, luz, som, vibração e calor com o objetivo de reduzir o estresse e trazer profundo relaxamento a quem o utiliza.¹⁵

¹⁵ Disponível em: <http://www.sha-art.com/content.asp?id=116&id2=399&id3=0&id4=0&lid=2&eid=2&sid=1&gid=0>



Figura 6. *Alphasphere* em atividade.

Outro exemplo dessa categoria foi a ação *Kitten Therapy*, desenvolvida pela agência americana SoulPancake em parceria com marca Purina, e teve como objetivo diminuir o estresse das pessoas após um dia cansativo de trabalho. Criou-se, então, uma caixa de acrílico no meio de uma praça, na cidade de Los Angeles; os “estressados” que por ali passavam eram convidadas para uma sessão de meditação dentro da caixa. Ao entrar na “caixa de vidro”, a pessoa recebia um fone de ouvido que tocava músicas relaxantes, e de repente era surpreendida com o surgimento de filhotes de gatos. Naquele momento, tudo que deveria ser feito era se entregar à fofura dos pequenos felinos e brincar com eles, esquecendo o mundo do lado de fora por alguns instantes e relaxando.¹⁶

¹⁶ Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=35T8wtmTbVg&list=PLzvRx_johoA_Zhuo_pRsWSbARe2IZ2XZJ&index=24

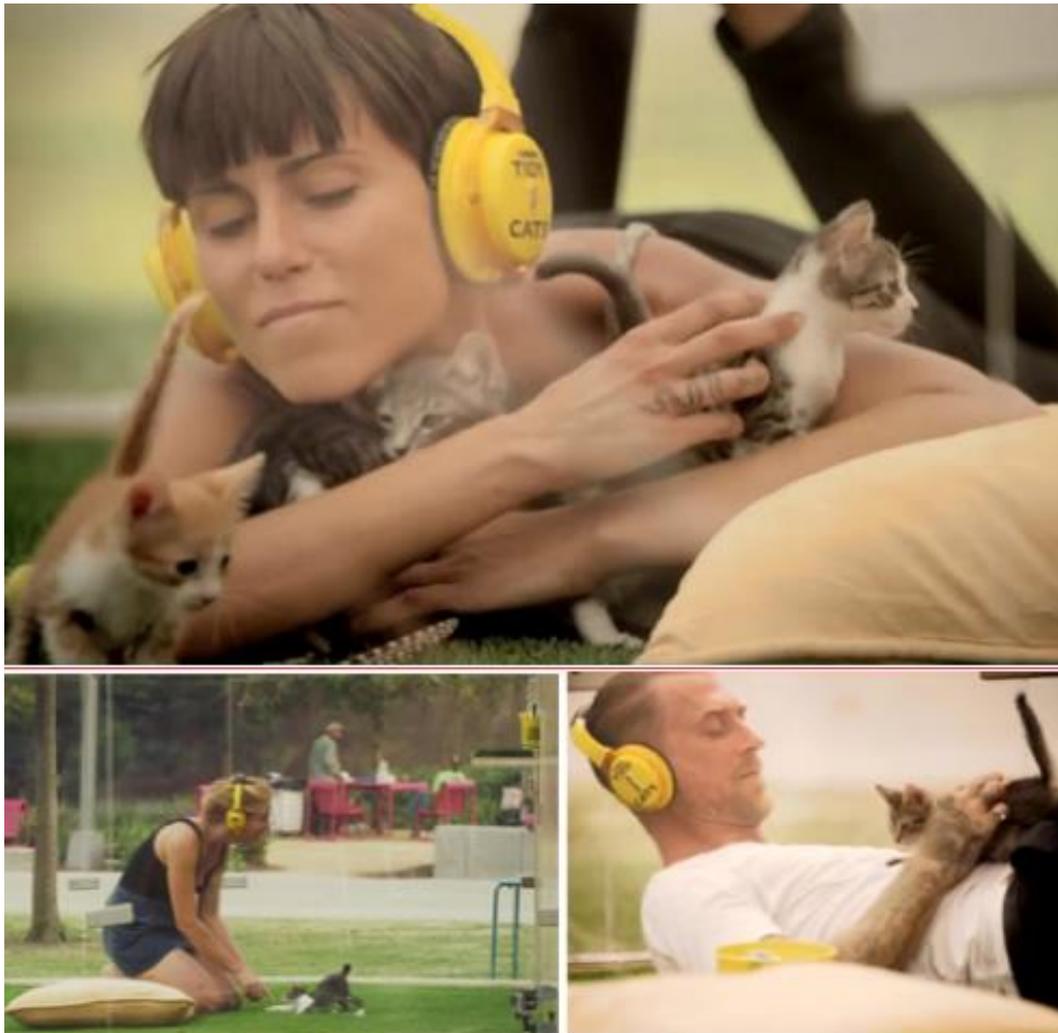


Figura 7. Imagens do *Kitten Therapy*. (Frames de divulgação da campanha.)

Design & cidadania

Esta perspectiva inclui produtos, serviços e ações projetuais que têm como efeito estimular a civilidade, a responsabilidade social, práticas solidárias, humanitárias, colaborativas e em prol do bem coletivo (CECCON, 2009; SANTOS, 2010; DAMAZIO, 2013).

Um exemplo de Design & Cidadania é a *Festa do vampiro*, que resultou em uma doação de sangue recorde na Hungria. A campanha, desenvolvida pela agência Leo Burnett e promovida pela empresa de telecomunicações *Djuice* e a Cruz Vermelha da Hungria, teve como fim encorajar a doação de sangue, prática pouco comum no país, principalmente entre jovens. Além do ingresso para a festa, quem fazia a doação também ganhava a maquiagem simulando mordidas

de vampiros no pescoço. A ação resultou em 25 litros de sangue, quantidade geralmente recolhida no país ao longo de dois meses.¹⁷



Figura 8. Imagens da *festa do vampiro*. (Frame do vídeo de divulgação.)

Outro exemplo desta categoria foi a campanha *Bleeding Billboard*, criada pela agência Colenso BBDO (NZ), que teve como fim alertar os motoristas de Papakura, na Nova Zelândia, sobre os perigos de dirigir com asfalto molhado. Para isso, foi posto na estrada um *outdoor* com a foto de uma criança e um texto que dizia: “*Rain Changes Everything. Please drive to the conditions*”. Quando começava a chover, uma tinta vermelha, simulando sangue, escorria pelo rosto da criança. O anúncio contribuiu para reduzir a zero o número de acidentes em dias de chuva naquela região.¹⁸



Figura 9. Imagens do *outdoor* na estrada de Papakura.

¹⁷ Ver vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=3OcnueqOfA> e mais fotos em <http://www.facebook.com/events/134200769937973/>.

¹⁸ Ver mais em: <http://theinspirationroom.com/daily/2009/bleeding-billboard-in-auckland/>

Design & sociabilidade

Esta perspectiva inclui produtos, serviços e ações projetuais que têm como efeito promover a cordialidade, o compartilhamento, o entendimento, a harmonia, aproximação e novos vínculos sociais, criar e fortalecer laços afetivos e tornar o convívio entre as pessoas mais harmônico (CECCON, 2009; SANTOS, 2010; DAMAZIO, 2013).

Um exemplo de Design & sociabilidade é o *Ursinho ELO*, desenvolvido pelo hospital do Câncer Amaral Carvalho em parceria com a agência DM9Rio. O ursinho reproduz mensagens de voz enviadas via *WhatsApp* por amigos e familiares de crianças que estão internadas em tratamento e isoladas de seus círculos afetivos. Sempre que a criança se sentir sozinha, basta apertar a mão do *Elo* e ouvir as mensagens enviadas para ela.¹⁹



Figura 10. Maria Eduarda Calobrizi, de quatro anos, com seu ursinho Elo. (Imagem divulgada pela UOL Notícias.)

¹⁹ Disponível em: http://www.amaralcarvalho.org.br/amaralcarvalho/pt/destaques-conteudo/visualizar/coddestaques_conteudo/124/conheca-o-ursinho-elo-do-hospital-amaral-carvalho.html

Outro exemplo desta categoria foi a ação *Take a seat – Make a friend*, desenvolvida pela agência americana SoulPancake. Com o objetivo de estimular o surgimento de novas amizades, foi colocada no meio da rua uma piscina de bolinhas com um cartaz que dizia: “sente-se e faça um amigo”. Ao entrar na piscina, as pessoas encontravam bolinhas que continham perguntas para estimular o início de uma conversa entre os que ali se sentavam. Assim, a ocasião, que inicialmente poderia parecer estranha, acabava virando uma situação de descontração e compartilhamento de momentos e sentimentos íntimos entre pessoas até segundos antes desconhecidas.²⁰



Figura 11. A reação das pessoas ao interagir com desconhecidos na piscina de bolinhas. (Frame do vídeo de divulgação da campanha.)

Design & autoestima

Esta perspectiva inclui produtos, serviços e ações projetuais cujos efeitos visam promover nas pessoas o orgulho de si próprias, a esperança, a autoconfiança e a coragem, fazendo com que as pessoas se sintam queridas (CECCON, 2009; SANTOS, 2010; DAMAZIO, 2013).

Um exemplo de Design & autoestima é o projeto *Doe palavras*, desenvolvido pela RC Comunicação e o Instituto Mário Penna, em Minas Gerais. Trata-se de uma plataforma digital desenvolvida para receber e transmitir

²⁰ Ver em: <http://soulpancake.com/>

palavras positivas para ajudar pacientes com câncer a enfrentar a doença. Qualquer pessoa pode enviar suas palavras de conforto e motivação, em forma de texto, pelo *site* da campanha. As mensagens são expostas em televisores instalados nas salas de quimioterapia e radioterapia do hospital. Lançada no Dia Mundial de Combate ao Câncer, em 2010, hoje a plataforma foi disponibilizada sem custos para hospitais de todo o mundo.²¹



Figura 12. Imagens de pacientes recebendo os recados e imagem de divulgação do projeto.

Outro exemplo desta categoria é o ambiente para tratamento de crianças com câncer criado pela agência JWT Brasil junto com o Hospital A. C. Camargo, em São Paulo. Com o intuito de despertar a força para enfrentar a doença com mais coragem e vigor, uma ala do hospital foi transformada na “Sala da Justiça”, iniciativa inspirada na *Liga da Justiça* — equipe de super-heróis criada pela editora americana DC Comics — que tem como integrantes o Batman, a Mulher Maravilha e o Lanterna Verde, entre outros. As portas e os corredores do setor

²¹ Ver em: www.doepalavras.com.br

foram adesivados com histórias em quadrinhos que explicam a doença e motivam a luta contra essa *vilã*. Os recipientes usados para os medicamentos de quimioterapia foram apresentados para as crianças como fórmulas utilizadas pelos super-heróis das histórias. O projeto transformou a rotina das crianças que estão no hospital em tratamento contra o câncer.²²



Figura 13. Compartimentos para guardar o soro que representa as fórmulas usadas pelos super-heróis.

Norteadas pelos preceitos do Design Social, do Design em Parceria e das seis perspectivas do design Emocional e certa de que a ação do design pode contribuir para a qualidade de vida dos maiores de 60 anos, inicio a partir do próximo capítulo o registro de uma designer sobre o tema envelhecimento.

²² Ver em: <http://www.accamargo.org.br/newsletter-atuacao/criancas-lutam-como-super-herois-para-vencer-o-cancer/300/>

3

Levantando meios e forma de bem viver depois dos 60 anos

O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno global sem precedentes. A proporção de pessoas idosas aumenta mais rapidamente do que a de qualquer outra faixa etária em um número cada vez maior de países. Em menos de quatro décadas, seremos dois bilhões de pessoas com mais de 60 anos, representando quase 30% da população mundial (OMS, 2007 e HelpAge, 2014).



Figura 14. Representação do percentual da população idosa em 2014 e a projeção para 2025, segundo gráfico da HelpAge²³.

No Brasil, a população idosa aumentou consideravelmente nos últimos 50 anos. Enquanto em 1960 apenas 4,7% da população tinham mais de 60 anos, no ano 2000 esse percentual passou a ser de 8,5%, e, em 2010, de 10,8% da população nacional (IBGE, 2012).

²³ <http://www.helpage.org/global-agewatch/population-ageing-data/infographic/>

“Vamos viver trinta anos mais do que nossos avós”, alerta o presidente do Centro Internacional de Longevidade (ILC-Br), Alexander Kalache, defendendo a ideia de que o envelhecimento e a longevidade devem ser tratados de forma positiva.²⁴

Tal como sugere o relatório *Envelhecimento no século XXI: Celebração e Desafios*, publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas, o envelhecimento demográfico é um triunfo do progresso. Ele traz, contudo, desafios de toda ordem. Nesse sentido, o Secretário-Geral da ONU Ban Ki-moon (UNFPA, 2012) orienta que é a “forma” como optamos por tratar dos desafios e maximizar as oportunidades de uma crescente população idosa que determinará se a sociedade colherá os benefícios do “dividendo da longevidade”.²⁵

Conclui-se que o aumento do número de idosos e de anos que eles viverão deve ser tratado como uma oportunidade, e não como problema, sobretudo no que diz respeito à contribuição que eles podem trazer à sociedade se lhes forem oferecidos meios de se manter ativos, seguros e saudáveis.

O envelhecimento da população é uma conquista da humanidade, mas, sem dúvida, uma nova e surpreendente realidade (UNFPA e HAI, 2012), que exigirá novas formas de se entender e, conseqüentemente, de atender a contento as demandas da crescente população dos maiores de 60.

Este capítulo pretende apresentar possibilidades de atuação do design em prol do envelhecimento saudável e qualidade de vida dos maiores de 60 anos. Ele tem como base o *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*, elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS); e o estudo *Design Emocional e Envelhecimento*, realizado no Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção, que ilustra algumas possibilidades de atuação do design em prol do envelhecimento saudável.

²⁴Vídeo disponível em: <http://tedxtalks.ted.com/video/Voc-vai-viver-30-mais-do-que-se>

²⁵Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/sumario%20envelhecimento%20sec%20xx.pdf>

3.1.

Guia Global: Cidade Amiga do Idoso

Ao lado do envelhecimento e da longevidade, observa-se, hoje, um intenso processo de urbanização. A previsão é de que, em 2030, cerca de três em cada cinco pessoas no mundo viverão em uma cidade (IBGE, Observatório das Metrôpoles: 2007). No Brasil, cerca de 80% da população já vivem em cidades, segundo a pesquisa conduzida pelo coordenador do Observatório das Metrôpoles, Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro.

Elaborado com base na visão de idosos, cuidadores e prestadores de serviços de 33 cidades de distintas partes do planeta, o documento proporciona novas perspectivas e oportunidades para o campo do design frente ao envelhecimento urbano e será brevemente apresentado nesta sessão.

Diante dessa realidade, a Organização Mundial da Saúde desenvolveu o *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*, que — como sugere o título — tem por objetivo fornecer subsídios para a avaliação, promoção e identificação de aspectos que possibilitem, facilitem e melhorem a vida cotidiana da população idosa nas cidades.²⁶

A metodologia para o desenvolvimento do *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso* foi definida por um grupo de investigadores de diferentes áreas do conhecimento durante um *workshop* realizado em Vancouver, Canadá, em março de 2006. Naquela ocasião, foram estabelecidos os seguintes oito tópicos relacionados à vida na cidade: (1) espaços abertos e prédios; (2) transporte; (3) habitação; (4) participação social; (5) respeito e inclusão social; (6) participação cívica e emprego; (7) comunicação e informação; (8) apoio comunitário e serviços de saúde.

Foram definidas, também, as cidades participantes do projeto, buscando-se um grupo representativo de todos os continentes; de países desenvolvidos e em desenvolvimento e de variados ambientes urbanos e densidade demográfica. Nas 33 cidades²⁷ selecionadas, foram realizados grupos focais, formados por

²⁶.Cfr em <http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>

²⁷Cidades participantes: (1) Amán, Jordânia; (2) Cancun, México; (3) Dundalk, Irlanda; (4) Genebra, Suíça; (5) Halifax, Canadá; (6) Himeji, Japão; (7) Islamabad, Paquistão; (8) Istambul, Turquia; (9) Kingston e Montego Bay (em conjunto), Jamaica; (10) La Plata, Argentina; (11) Londres, Inglaterra; (12) Mayaguez, Porto Rico; (13) Melbourne, Austrália; (14) Melville, Austrália; (15) Cidade do México, México; (16) Moscou, Rússia; (17) Nairobi, Kenia; (18) Nova

idosos de 60 anos ou mais, de classe social baixa e média, totalizando 158 grupos e 1.485 participantes. Foram realizados, também, grupos focais com cuidadores, de modo a obter dados sobre a realidade de idosos não participantes do estudo em virtude de limitações físicas ou mentais e, ainda, com prestadores de serviços dos setores público, privado e voluntário. Os participantes foram questionados sobre as suas experiências, sobre os problemas e as barreiras existentes em suas respectivas cidades e sobre as características de uma cidade amiga do idoso.

O *Guia Global* está disponível em vários idiomas e vem sendo utilizado como referência para a formulação de políticas voltadas a atender a população idosa.

O documento foi organizado em torno de oito tópicos da vida na cidade, preestabelecidos e a seguir resumidos.

3.1.1.

Espaços abertos e prédios

Os espaços exteriores foram altamente valorizados pelos entrevistados. Observou-se que ambientes bem planejados contribuem com a mobilidade, a independência e a qualidade de vida dos idosos e aumentam a possibilidade deles envelhecerem em suas próprias casas.

A beleza natural foi uma das características mencionadas como “amigável ao idoso”. Morar próximo ao mar, em cidades como o Rio de Janeiro e Cancun, ou próximo a um rio, em cidades como Londres, também foi considerada uma grande vantagem. Em cidades como Himeji, no Japão, os entrevistados valorizaram a paz e a tranquilidade de seus ambientes e, em Xangai e Melbourne, as áreas externas para sentar e descansar.

A sensação de insegurança foi identificada pelos pesquisadores como um dos aspectos que mais afeta a vontade dos idosos de saírem à rua, e, conseqüentemente, sua independência, saúde física, integração social e bem-

Delhi, Índia; (19) Ponce, Porto Rico; (20) Portage La Prairie, Canadá; (21) Portland, Estados Unidos da América; (22) Oregon, Estados Unidos da América; (23) Rio de Janeiro, Brasil; (24) Região metropolitana de Ruhr, Alemanha; (25) Saanich, Canadá; (26) San José, Costa Rica; (27) Changai, China; (28) Sherbrooke, Canadá; (29) Tóquio, Japão; (30) Trípoli, Líbano; (31) Tuymazy, Rússia; (32) Udaipur, Índia; e (33) Udine, Itália.

estar emocional. Um idoso de Tuymazy relata o motivo pelo qual não sai de casa: “Eu não vou a lugar algum... eles podem matar você” (Organização Mundial da Saúde, 2007, p. 18).

Outra barreira identificada em algumas cidades, como Londres e Tóquio, foi o desaparecimento de pequenas lojas de bairro, fato que implica não somente a necessidade de se deslocar a distâncias maiores para fazer suas compras, como a perda de uma importante fonte de contato social.

Foi ressaltada a importância de haver espaços verdes bem conservados e seguros; de áreas para sentar e descansar; de sinais de trânsito nos cruzamentos; de sinalização padronizada, claramente visível e bem colocada; de ruas e calçadas bem conservadas, livres de obstáculos, niveladas, antiderrapantes e amplas o suficiente para acomodar cadeiras de rodas; de serviços localizados próximo de onde os idosos moram; de banheiros públicos limpos e de fácil acesso a pessoas com diferentes graus de incapacidade.

3.1.2.

Transporte

A mobilidade e, conseqüentemente, o acesso ao comércio, a eventos e serviços é um fator-chave em uma cidade amigável para o idoso e diretamente relacionado à participação cívica e social.

Dentre os pontos mencionados como barreiras pelos entrevistados estão as condições precárias das estações; a falta de atenção dos motoristas e de informações sobre horários e rotas; a superlotação nos ônibus e trens e a falta de gentileza por parte dos motoristas e dos passageiros, principalmente quando se trata dos assentos preferenciais. Um idoso de Saanich relata a falta de cuidado dos motoristas: “Eu consigo pegar o ônibus, mas na hora que o motorista arranca, o ônibus dá um solavanco e eu caio de cara no chão.” (OMS, 2007, p. 24.)

Os motoristas idosos que dirigem relataram, também, que quando estão ao volante deparam com a falta de paciência dos outros motoristas e com poucos lugares reservados a idosos nos estacionamentos, o que muitas vezes os impede de usar o próprio carro como meio de transporte.

Foi ressaltada a importância de haver transporte público de baixo custo, com bom planejamento e frequência de rotas; serviços de veículos amigáveis,

especializados, adequados a pessoas impossibilitadas de usar o transporte público; assentos destinados aos maiores de 60 anos; gentileza por parte de passageiros e motoristas; segurança e comodidade e serviços de táxi com preço diferenciado.

3.1.3.

Moradia

A moradia e os serviços de suporte que permitem aos idosos envelhecer com conforto e segurança na comunidade a que sempre pertenceram foram considerados “universalmente valorizados”.

A manutenção da casa foi identificada, por alguns idosos, como um grande obstáculo. Alguns demonstraram preocupação quanto ao fato de receber estranhos em suas casas. Outros levantaram a dificuldade de arcar com os custos dos consertos. Houve também os que se queixaram da dificuldade de localizar profissionais para realizá-los. Um idoso de Dundalk relatou o problema que enfrentou ao reformar sua casa: “[Os trabalhadores] Foram embora no meio da obra e levaram meses para voltar e terminar.” (OMS, 2007, p. 32.)

Como pontos positivos, os participantes da pesquisa ressaltaram o importante papel dos funcionários de moradias coletivas — como zeladores e faxineiros — para os serviços de manutenção e o bem-estar dos idosos em geral. Foi destacada, também, a importância da prestação de serviços em domicílio. Muitos idosos demonstraram apego a suas casas e o desejo de continuar a morar onde sempre moraram. Declararam preferir receber ajuda em casa a ter que se mudar. Morar perto de uma área em que haja serviços, comércio e prédios públicos também foi considerada uma característica amigável ao idoso.

Foi ressaltada a importância de haver casas seguras e acessíveis aos idosos, com espaços adaptados e áreas de fácil mobilidade capazes de serem modificadas para atender a novas necessidades, a qualquer momento e por um preço justo; o fato delas serem bem localizadas e perto de lojas, transportes, edifícios públicos e centros que promovam atividades e entretenimento; e, além disso, a importância dos mais velhos terem acesso a serviços em casa (tais como limpeza, jardinagem, cuidados pessoais, compras) e, também, o direito a serviços básicos (de água, luz, gás, telefone) por um valor reduzido.

3.1.4.

Participação Social

Participar de eventos, ter grupos de amigos e conviver com os familiares foram observadas como atividades importantes para o processo de envelhecimento saudável, favorecendo a autonomia, a autoestima e o fortalecimento de vínculos afetivos dos maiores de 60 anos.

Os entrevistados reconheceram as oportunidades de participação oferecidas em algumas cidades, como Rio de Janeiro e Cidade do México, mencionaram como pontos positivos as atividades gratuitas oferecidas a eles. Lugares como igrejas e templos também foram citados como bons espaços de participação social. Um idoso da Jamaica relata que na igreja a sua sabedoria é valorizada: “Na igreja nós somos ouvidos pela nossa experiência. As pessoas nos consultam.” (OMS, 2007, p. 37.)

Para aqueles que não podem sair de casa, a televisão é considerada um meio de participação. Mas alguns apontam a falta de programação voltada para seus interesses e demandas.

Como pontos negativos, foram apontados: a localização de eventos muitas vezes longe de casa e em lugares de difícil acesso; a divulgação insuficiente; o valor cobrado pelas atividades e os horários em que estas são realizadas, o que, muitas vezes, causa insegurança aos idosos.

Foi ressaltada a importância de oferecer eventos sociais em espaços amplos, com segurança e acessibilidade; de promover e divulgar atividades variadas para atrair idosos com diferentes gostos e incentivar novos relacionamentos; de promover eventos que integrem diferentes gerações e comunidades. Foi ressaltada, também, a importância de haver atividades de qualidade e baixo custo para os idosos e ampla divulgação.

3.1.5.

Respeito e inclusão social

Os entrevistados relataram perceber comportamentos conflitantes por parte daqueles com quem convivem: ora os idosos são tratados com consideração, respeito e carinho, ora como crianças e com impaciência. Dentre os preconceitos relatados está a ideia de que os idosos são inúteis, menos inteligentes, pão-duros e “um estorvo”, consumindo grande parte dos recursos públicos. Os idosos doentes ou deficientes são vistos sob uma ótica ainda mais

negativa. Entrevistados de algumas cidades relataram que prestadores de serviços e profissionais do comércio são desrespeitosos com eles ou desconsideram suas necessidades. Um entrevistado de Portage La Prairie, no Canadá, menciona a falta de respeito dos mais jovens: “O que você vê é que a atitude para com os idosos precisa ser reajustada. Eu acho que esse é o maior problema, e não sei como educar os mais jovens a respeitar os mais velhos.” (OMS, 2007, p. 43.)

Em uma cidade amigável, os serviços prestados devem ser inclusivos, adaptados às limitações dos mais velhos e realizados por pessoas capacitadas, cordiais e respeitadas.

Foi enfatizada a importância de se promover a interação de gerações por meio de eventos sociais, de voluntariado e de trabalho em conjunto, a fim de incluir o idoso na sociedade, valorizando seu conhecimento e experiência de vida, além de promover entre os mais jovens a valorização do idoso e o reconhecimento quanto à importância dos mais velhos para a sociedade.

3.1.6.

Participação cívica e emprego

Ter uma ocupação, um emprego remunerado ou um trabalho voluntário foi um desejo manifestado por muitos entrevistados como uma forma de manter-se ativo e de preservar conexões sociais.

Muitos entrevistados manifestaram vontade de continuar a trabalhar, e alguns efetivamente ainda trabalhavam. Dentre as vantagens de se continuar a trabalhar foram levantados o salário, o combate à ideia de que os mais velhos são dependentes e a manutenção de relações sociais. Um idoso de Halifax, no Canadá, fala dos benefícios da participação cívica: “Foi cientificamente comprovado que o trabalho voluntário pode ajudar você a se manter saudável e viver mais.” (Idem, p. 47.)

Foi observado que esses trabalhadores tendem a ser pontuais e há pouco absenteísmo. Dentre as sugestões para proporcionar oportunidades de emprego para o público maior de 60 anos estão a criação de incentivos para empregadores que contratam idosos, programas de emprego patrocinados pelo governo, formação de parcerias público-privadas e a contratação de idosos para trabalhar no setor público.

Foi ressaltada a importância de proporcionar oportunidades de trabalho voluntário, assim como mais opções de emprego e flexibilidade de horários. Merece destaque, também, a proposta de maiores investimentos no desenvolvimento e potencialização das habilidades e formação profissional para os idosos, e de benefícios para obtenção de financiamento e apoio para autônomos.

3.1.7.

Comunicação e informação

Foi unânime o sentimento de que as cidades necessitam de ampla divulgação de informações. Os entrevistados concordaram que é vital para o envelhecimento ativo ter conhecimento sobre eventos e informações práticas para administrar suas vidas e atender suas necessidades pessoais. Muitos expressaram sentir medo de não receber informações e de ficar à margem dos acontecimentos. Houve também preocupação em se obter informações relevantes e no tempo certo em cidades de diferentes graus de desenvolvimento. Observou-se que em algumas cidades desenvolvidas há excesso de informações. Enquanto as relevantes podem passar despercebidas, como relata um idoso de Moscou: “Existe muita informação, mas achar a informação de que se precisa é complicado.” (OMS, 2007, p. 53.)

Os entrevistados afirmaram apreciar as tecnologias de informação, mas ressaltaram que os equipamentos eletrônicos poderiam ter uma linguagem mais simples, com letras e números grandes. O acesso a computadores e à Internet em locais públicos, gratuitamente ou mediante pagamento de um valor simbólico, também foi considerado um ponto amigável pelos idosos. Sistemas eletrônicos e de respostas automáticas devem fornecer instruções claras e explícitas, bem como a opção de falar com alguém a qualquer momento.

Observou-se que o sistema “boca a boca” é o meio de comunicação preferido dos idosos, pois permite a interação com o informante. O rádio, por sua vez, foi apontado como uma fonte de informação muito popular, sobretudo no que se refere aos programas abertos à participação de ouvintes. A dimensão interpessoal da comunicação é muito importante, e estar envolvido na comunidade é uma maneira eficiente de se manter informado.

A comunicação amigável ao idoso fornece informações relevantes, regularmente, por meio de canais informais, em lugares onde eles normalmente se reúnem ou em ocasiões sociais criadas com este propósito. A comunicação

também pode se dar por meio de “informantes-chaves”, tais como profissionais de saúde, assistentes sociais e prestadores de serviços — cabeleireiros, carteiros, porteiros —, entre outras fontes informais de comunicação.

3.1.8.

Apoio comunitário e serviços de saúde

O fornecimento de serviços de saúde com preços acessíveis e de qualidade são um desejo comum entre os idosos. Além disso, os entrevistados concordaram que as unidades de saúde deveriam ser de fácil acesso e oferecer maior variedade de tratamentos.

Foi apontada recorrentemente como ponto negativo a falta de: programas de prevenção de doenças; espaços para receber idosos que não podem mais viver sozinhos; e serviços de cuidados em casa. A indiferença, o desrespeito, o descaso e o tratamento do idoso como um estorvo por parte dos prestadores de serviços foi, também, uma queixa comum dos entrevistados. Um idoso morador de Londres relata o mau atendimento prestado à sua esposa por uma equipe de emergência: “Quando eles vieram para dar banho nela e trocar a sua roupa, eles a trataram como se ela fosse um móvel — sem dignidade, sem respeito.” (OMS, 2007, p. 59.)

Foi ressaltada a importância de melhorar o atendimento e as atitudes com os idosos, oferecer serviços de *home care*, de haver unidades comunitárias de saúde e de assistência emergencial, além de casas de repouso para pessoas incapacitadas de morar sozinhas.

O *Guia Global: cidade amiga do idoso* atenta para a necessidade de concentrarmos esforços no sentido de construir um universo mais acolhedor para aqueles que envelhecem.

3.4.

O estudo “Design Emocional e envelhecimento”

Esse estudo foi desenvolvido pela colega Nathalia Bernardes sob a orientação da Profa. Vera Damazio, com a participação de todos os integrantes do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design Memória e Emoção – LABMEMO. Ele teve como objetivo geral contribuir para o desenvolvimento de produtos relacionados ao envelhecimento ativo e à promoção de qualidade de vida da população com mais de 60 anos e foi desenvolvido em três etapas. A

primeira foi dedicada ao levantamento de fontes teóricas relevantes para se refletir sobre a relação entre Design e Envelhecimento e se deu por meio de revisão e fichamentos bibliográficos, acompanhamento do noticiário e debates em grupos de estudos. A segunda etapa foi realizada em parceria com os integrantes do LABMEMO e dedicada ao levantamento de produtos, serviços e ações projetuais inovadoras destinadas à promoção de qualidade de vida da população com mais de 60 anos e se deu a partir de revisão bibliográfica, consultas na Internet, acompanhamento de noticiários e debates em grupos de estudos. A terceira etapa procurou identificar os atributos do material levantado e foi realizada em debates e reuniões com os demais integrantes do LABMEMO.

Esta seção apresentará algumas ações e métodos projetuais levantados na segunda etapa do estudo e destacará suas considerações finais.

3.4.1.

Levantamento de meios e formas para o bem-estar do público idoso

Esta etapa resultou em um acervo intitulado “Coisas do Novo Velho” e que abrange produtos, serviços, imagens, metodologias e todo tipo de ação intencional que vai contra a imagem do idoso como um peso para a sociedade e como um ser frágil, dependente, improdutivo, alienado, sem personalidade, desejos e vontade de viver.

Dentre o material levantado, destacou-se o trabalho da designer Patrícia Moore, que se passou por idosa durante três anos para entender as necessidades desse público e projetar soluções para atender a contento as suas necessidades. De 1979 a 1982, Moore viajou pelos Estados Unidos e Canadá interpretando nove personagens idosas: desde uma moradora de rua até uma senhora rica com motorista. Usou sapatos desconfortáveis para andar com dificuldade, tampões nos ouvidos para prejudicar a audição e óculos para distorcer a visão. Também usou bengalas, andadores e cadeira de rodas, para experimentar diferentes formas de mobilidade. Sua experiência foi registrada nos livros *DISGUISED: a true story, the business of aging* e *OUCH! Why bad Design hurts*.



Figura 15. Patrícia Moore com o disfarce de idosa e sem o disfarce.

Em parceria com Sam Farber e Davin Stowell, Moore desenvolveu a linha de utensílios domésticos *OXO Good Grips* (OXO Boas Pegas) com cabos que facilitam a fixação dos dedos e podem ser usados por pessoas com artrite, idosas ou qualquer um que deseje mais praticidade, seguindo os preceitos do design universal. A partir de sua experiência empática, Moore projetou, também, um veículo metroviário totalmente acessível em Phoenix, Arizona, e ganhou o prêmio de Solução Inovadora para Transportes de 2012.

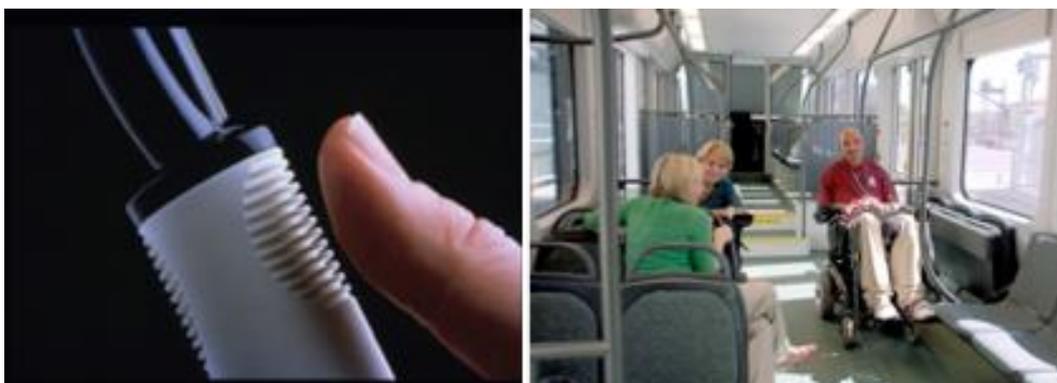


Figura 16. *OXO Good Grips* e vista interior do metrô na superfície de Phoenix.

Dentre os projetos levantados, está também o jogo de talheres “jantando com dignidade”, idealizados e criados por Bob Bayton após sofrer um acidente de carro e não conseguir mais se alimentar sozinho. Insatisfeito com a aparência dos talheres disponíveis para pessoas com limitações dos movimentos das

mãos, *Bayton* criou garfos, facas e colheres com adaptações esteticamente sofisticadas e encaixe para dois dedos, de modo a permitir às pessoas com dificuldades motoras ou mãos trêmulas se alimentar com maior independência e de forma discreta e elegante.²⁸



Figura 17. Talheres *Dining with Dignity* e manuseio dos talheres.

O *another hand* (outra mão), projetado pelo designer Guoying Ting e vencedor do concurso de Design Universal de Taiwan, apresenta outra solução para contornar a dificuldade motora. O projeto consiste em um prato de porcelana com uma aba que dispensa o uso de faca para pôr a comida no garfo ou colher e permite que o usuário se alimente com apenas uma das mãos.²⁹



Figura 18. Prato *Another Hand*.

A empresa inglesa Bibetta criou protetores de roupa semelhantes a echarpes, nomeando-os de *Pashmina clothes protectors* ou Protetores de roupa *Pashmina*, transformando a peça em um adereço.³⁰

²⁸ Ver mais em: <http://www.diningwithdignity.com/>

²⁹ Ver mais em: <http://www.youtube.com/watch?v=uRgz2baYHUU/>

³⁰ Ver mais em: <http://www.bibetta.com/>



Figura 19. *Pashimina clothes protectors.*

Foram levantados também produtos com a função de organizar remédios cujas formas são sofisticadas, como é o caso do *Pillbox's funky shapes*, criado por Céline Forestier, do *Matryoshka-doll pillbox*, criado pelo designer belga Quentin de Coster e inspirado nas tradicionais bonecas da Rússia, e o MEMO box, criado pelo designer Jules Toulemonde, especialmente, mas não exclusivamente para pessoas que sofrem do Mal de Alzheimer e que opera por meio de *software* programável pelo médico ou responsável.



Figura 20. Compartimentos diferenciados do *Pillbox's funky shapes*.



Figura 21. Etapas de utilização do *Matryoshka-doll pillbox*.



Figura 22. MEMO box.

A designer italiana Francesca Lanzavecchia criou o projeto *Proaesthetics*, transformando cintas ortopédicas, próteses, bengalas e muletas em objetos esteticamente atraentes, desejáveis e originais.³¹



Figura 23. Da esquerda para direita, cintas ortopédicas, próteses e bengalas & muletas.

Em parceria com o designer Hunn Wai, Lanzavecchia projetou também uma coleção de bengalas multifuncionais: a *I-cane*, com suporte para *iPad*; *U-cane*, com um recipiente para armazenar objetos, e a *T-cane*, com bandeja para servir comidas e bebidas.³²

³¹ Ver mais em: <http://lanzavecchia-wai.com/>

³² Ver mais em: <http://lanzavecchia-wai.com/projects/together/>



Figura 24. As bengalas multifuncionais.

O tênis desenvolvido pela empresa britânica *Aetrex* para pessoas com Mal de Alzheimer traz um GPS em sua sola capaz de indicar a localização do idoso para parentes e responsáveis.



Figura 25. Aetrex GPS.

3.4.2.

Levantamento de meios e formas de “uma nova velhice”

Os exemplos apresentados a seguir foram identificados como ações projetuais com potencial de promover uma visão positiva sobre o envelhecimento e colaborar com a construção de “uma nova velhice”.

What Ali Wore ou “O que Ali vestiu” é um “*tumblr*” — plataforma de visualização e compartilhamento de comentários, imagens, *links*, vídeos, áudios e textos — estrelado por Ali, um senhor turco de 83 anos. Idealizado pela fotógrafa e garçonete Zoe Spawton e dedicado ao público idoso, este *blog* traz imagens e comentários sobre o que veste Ali e ressalta sua elegância e estilo.³³



Figura 26. Fotos do *tumblr* *What Ali Wore*.

Na mesma linha, o blog *Advanced Style* (Estilo Avançado) reúne fotos de idosos que se destacam em Nova Iorque pelo estilo e personalidade. Na apresentação do *blog*, seu idealizador, Ari Seth Cohen, traz a seguinte chamada: “Respeite seus idosos e deixe que estas damas e cavalheiros lhe ensinem uma ou duas sobre viver a vida plenamente”.³⁴

³³ Ver mais em: <http://alioutfit.tumblr.com/>

³⁴ Ver mais em: <http://advancedstyle.blogspot.com.br/>



Figura 27. Fotos do blog *Advanced Style*.

O *Elderly Fashion Show* (Show Moda Idoso) foi um desfile, realizado no Japão, de roupas confeccionadas para pessoas idosas por estudantes da Universidade Politécnica de Hong Kong e apresentadas ao público por modelos idosas.³⁵

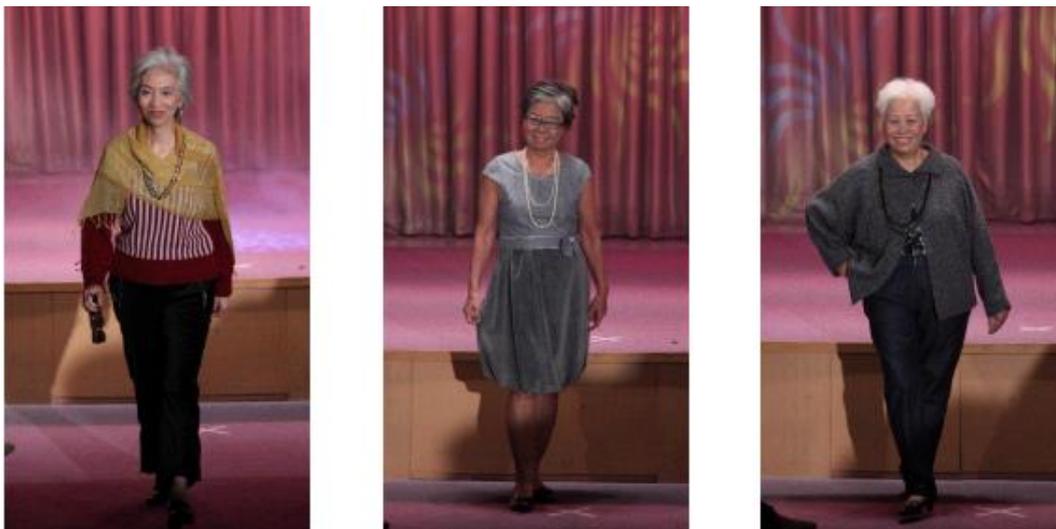


Figura 28. Desfile com modelos idosas.

Em 2010, Juan Duyos convidou quatro modelos com mais de 60 anos — Sabine Jost, Eloisa Bercero, Paola Kortis e Marie-Ange Schmitt — para apresentar a coleção outono/inverno no *Cibeles Madrid Fashion Week*. O estilista declarou que as mulheres idosas são "tão lindas quanto as de 20 anos de idade".³⁶

³⁵ Ver mais em: <https://www.facebook.com/HongKongPolyU>

³⁶ Ver mais em: <http://www.duyos.net/>



Figura 29. Em ordem da esquerda para direita: Paola Kortis, Sabine Jost, Eloisa Bercero e Marie-Ange Schmitt.

Liu Xianping, morador de uma província no sul da China, posou como modelo para a marca Yecoo, de sua neta Lv Ting, usando perucas e roupas femininas. O ensaio fotográfico é um exemplo concreto de libertação do estereótipo de velhice e, principalmente, do julgamento alheio.³⁷



Figura 30. Liu Xianping posa para fotos vestindo roupas da marca Yecoo.

Na mesma linha, o francês Sacha Goldberger realizou ensaio fotográfico com sua avó de 91 anos, Frederika Goldberger, como meio de enfrentar a depressão. As fotos de sua avó com trajes de super-heroína americana em

³⁷ Ver mais em: <http://www.zupi.com.br/liu-xianping-o-vovo-fashion/>

situações inusitadas acabaram virando livros: *Mamika & CO* e *Mamika: my mighty little grandmother*.³⁸



Figura 31. Ensaio fotográfico da Super Mamika.

O *Senior Self Defence Academy* que tem como objetivo ensinar defesa pessoal aos idosos e promover sua independência e segurança pessoal, divulgou seus serviços a partir do uso de objetos inofensivos como andadores, bengalas e carrinhos de compra no enfrentamento de assaltos e agressões.³⁹



Figura 32. Cartazes criados para divulgação do *Senior Self Defence Academy*.

The Zimmers é uma banda inglesa formada por idosos por iniciativa do documentarista da BBC Tim Samuels. Criado em 2007, o grupo ficou mundialmente conhecido em 2012 no concurso *Britain's Got Talent*, quando surpreendeu o júri e a plateia cantando a música *Fight for your rights*, da banda *Beastie Boys*, em trajes pouco convencionais.⁴⁰

³⁸ Ensaio fotográfico da Super Mamika.

³⁹ Ver mais em: <http://www.senior-self-defence-academy.be/>

⁴⁰ Ver mais em: <http://www.thezimmers.co.uk>



Figura 33. Integrantes do *The Zimmers*.

A *Pick-it* para maiores de 65 anos é uma ação colaborativa promovida pela designer portuguesa Suzana Antonio junto a mulheres idosas com experiência em costura, que, além de ser uma forma de sustento, promove a valorização e o reconhecimento de talentos. As atividades do grupo incluem a criação de peças como bolsas, bijuterias, malas e bordados, marcadas por etiquetas com descrição das técnicas utilizadas, e fotografia e nome de suas respectivas criadoras.⁴¹



Figura 34. Produtos feitos no projeto *Pick-it*.

“A Avó que Veio Trabalhar” (2013), também da designer portuguesa Suzana Antonio, é um desdobramento e extensão do projeto *Pick-it* que atendia apenas a artesãs institucionalizadas e “entre portas”. Em vez de buscar seus colaboradores idosos em instituições, a *Pick-it* transformou-se em uma oficina aberta para idosos autônomos ou inseridos em numa instituição. De acordo com Antonio, a lógica da oficina “tem sempre presente o conceito de design e

⁴¹ Ver mais em: <http://susanaantonio.com/>

criatividade, de trabalho em parceria, a várias mãos”. As oficinas, nas quais qualquer idoso é bem-vindo, realizam *workshops* e um *showroom* que proporciona o custeio e pagamento dos artesãos.⁴²



Figura 35. Imagens do projeto “A Avó que Veio Trabalhar”.

A *New Jersey Intergenerational Orchestra* tem como missão unir gerações por meio da música, promovendo um programa musical educativo para integrantes de todos os níveis de habilidade. Criada em 1994, a NJIO conta hoje com três orquestras e mais de cem músicos voluntários de várias comunidades de Nova Jersey.⁴³

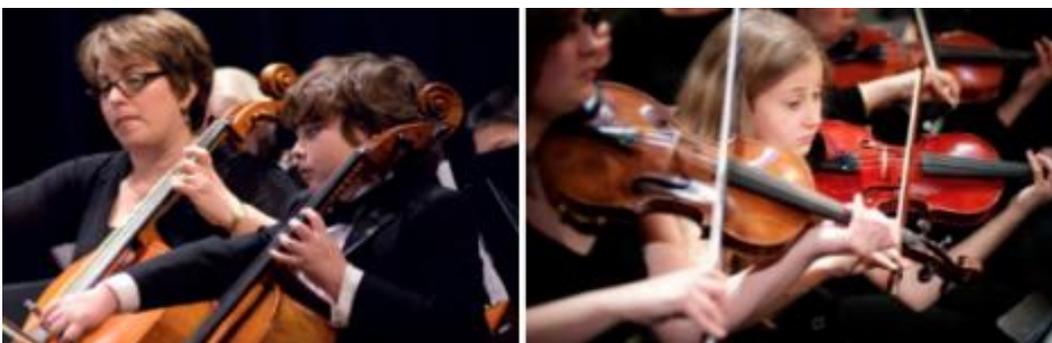


Figura 36. Imagens de concertos da *New Jersey Intergenerational Orchestra*.

O estudo *Design e Envelhecimento* identificou duas grandes categorias no universo material destinado aos idosos:

(1) Coisas de Velho: dizem respeito a todos os tipos de representações que fortalecem a imagem do idoso frágil e doente e inclui produtos que estigmatizam e “pasteurizam” os idosos e atendem às demandas e singularidades físicas das

⁴² Ver mais em: <http://susanaantonio.com/>

⁴³ Ver mais em: <http://www.njio.org/>

peças com idade avançada com adaptações de produtos infantis tais como fraldas geriátricas e babadores e sem originalidade.

(2) Coisas do Novo Velho: abrangem atitudes, produtos, serviços, imagens e representações que vão contra a imagem do idoso como um peso para a sociedade e um ser frágil, dependente, improdutivo, alienado, sem personalidade, desejos e vontade de viver.

Além disso, este estudo identificou alguns importantes atributos da categoria de “coisas do novo velho”, como se pode ver a seguir.

Intergeneracionalidade: referente a ações projetuais que unem diferentes gerações.



Figura 37. Pick-it e a *New Jersey Intergenerational Orchestra*.

Valorização: referente a ações projetuais que destacam os aspectos positivos do avanço da idade.



Figura 38. Juan Duyos Outono/Inverno 2010 e o grupo The Zimmers.

Autonomia: referente a ações projetuais que promovem a independência e liberdade de ação.



Figura 39. Senior Self Defence Academy e Dining with Dignity.

Libertação: referente a ações projetuais que promovem atitudes corajosas, não convencionais, inusitadas, e que ajudam a quebrar o paradigma do velho doente e frágil.



Figura 40. Blog *Advanced Style* e ensaio fotográfico *Super Mamika*.

Um dos principais resultados do estudo apresentado foi a constatação do potencial do Design para a construção de um novo paradigma do conceito de “velho”. Produtos e serviços podem contribuir para o fortalecimento da imagem dos “velhos velhos”: indivíduos doentes, dependentes, frágeis, sem individualidade, personalidade e identidade. Mas podem, também, contribuir para a construção de “novos velhos”: indivíduos saudáveis, ativos, independentes, seguros e autênticos.

Em suas considerações finais, o estudo *Design e Envelhecimento* reforça os argumentos da atriz Jane Fonda⁴⁴ de que a idade não pode ser entendida como uma patologia, mas, ao contrário, deve ser vista como um potencial, e

⁴⁴ Conferir palestra “O Terceiro Ato da Vida” em http://www.ted.com/talks/lang/es/jane_fonda_life_s_third_act.html?source=facebook#.UUjH6lr5ZWg.facebook

conclui que existem muitos produtos e serviços “patológicos” e poucos produtos e serviços “potenciais”. E esta constatação abre um grande e promissor campo para o Design.

4

Exercitando meios e formas de bem viver depois dos 60 anos

Neste capítulo são descritos exercícios metodológicos para identificação de demandas, geração de ideias e desenvolvimento de novos produtos e serviços para os maiores de 60 anos. Eles foram realizados ao longo do meu estágio de docência⁴⁵, no segundo semestre de 2013, ao longo do qual acompanhei e direcionei três turmas de Projeto Avançado – Produção e Distribuição, na graduação de Design da PUC-Rio, em prol do envelhecimento saudável. Ao final do capítulo apresento alguns produtos e serviços desenvolvidos pelos alunos e que tiveram por finalidade reforçar a identidade, divertir, promover o bem-estar, o engajamento social, a sociabilidade e a autoestima dos maiores de 60 anos.

4.1.

Sobre o contexto e dinâmica da disciplina Projeto Avançado – Produção e Distribuição do Curso de Design da PUC-Rio

No segundo semestre de 2013, eu e Sílvia Nogueira — minha companheira de mestrado que também desenvolve seu trabalho com foco no envelhecimento no Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção — fizemos nosso estágio de docência em três turmas da disciplina Projeto Avançado – Produção e Distribuição, orientadas e acompanhadas pelo professor e coordenador da matéria Marcelo Pereira.

Nessa disciplina, em cada semestre os alunos criam projetos de produtos e serviços de acordo com um tema. Ao longo do período, os alunos são orientados por dois professores e contam com a colaboração de especialistas, chamados de colaboradores, que contribuem com assuntos específicos sobre o tema ou etapas do processo projetual referente a produção e distribuição. Os alunos aprendem sobre materiais, processos de produção, gerenciamento, organização, documentação e apresentação de projeto.⁴⁶

Um dos objetivos da disciplina é simular o cenário real do mercado de trabalho. Para isso, os alunos são divididos em grupos de quatro a cinco

⁴⁵ Estágio Docência é uma disciplina de mestrado na qual o aluno, acompanhado do professor, vivencia a docência em uma matéria da graduação.

⁴⁶ Ementa disponível em: <http://www.puc-rio.br/ferramentas/ementas/ementa.aspx?cd=dsg1005>

integrantes, que funcionam como empresas. Os componentes do grupo podem ser de qualquer habilitação do curso de Design — moda, design gráfico, mídia digital e projeto de produto — e a cada semana um integrante é eleito gerente dessa empresa. Além disso, e de acordo com o tema, os professores elegem clientes fictícios que poderiam vir a se interessar pelos projetos desenvolvidos, e para os quais os alunos desenvolvem seus projetos e um manual de produção do produto ou serviço criado.

A escolha do tema envelhecimento saudável para o semestre de 2013.2 foi decidido em reunião do coordenador da disciplina, com nossa orientadora e coordenadora do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção. Assim, nós, do LABMEMO, nos encarregamos de introduzir o assunto e ajudar os alunos a gerar ideias de produtos e serviços voltados aos idosos. Para tanto, contamos com a colaboração do Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE), que cedeu seu espaço e foi o cliente fictício, e com o International Logevity Center Brasil (ILC-Br), nas pessoas de Louise Plouffe⁴⁷ e Ina Voelcker⁴⁸, que trouxeram informações sobre envelhecimento mundial e o projeto do *Guia Global: cidade amiga do idoso*, além de proporem uma atividade que aproximasse os alunos de um idoso. Contamos também com a colaboração dos idosos frequentadores da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, que participaram de um grande bate-papo com os alunos e foram foco de algumas propostas de projeto.

Com a ajuda de nossos parceiros e dos professores da disciplina, organizamos as seguintes atividades: (1) Apresentação sobre envelhecimento saudável e qualidade de vida depois dos 60 anos; (2) Entrevista com um idoso; (3) Exercício empático para se colocar no lugar do idoso; (4) Exercício “quem você quer ser quando crescer?”, para entender a diversidade dos idosos; (5) Atividade para geração de ideias de novos produtos e serviços; e (6) Conversa em grupo com idosos da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée.

Silvia e eu acompanhamos todas as aulas, todas as etapas dos projetos e sempre estivemos à disposição dos alunos para opinar e orientá-los com relação às soluções encontradas. As atividades descritas a seguir foram realizadas nas três primeiras aulas da disciplina.

⁴⁷ Louise Plouffe é canadense, trabalhou na OMS, no Departamento de curso de vida e envelhecimento; foi uma das idealizadoras do *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso* e, atualmente, é membro do ILC. Ver mais em: http://www.ilcbrazil.org/?page_id=32

⁴⁸ Ina Voelcker é alemã, também trabalhou na OMS e hoje é integrante do ILC Brasil. Ver mais em: http://www.ilcbrazil.org/?page_id=32

4.2.

Apresentação sobre envelhecimento saudável e qualidade de vida depois dos 60 anos

A atividade teve como propósito apresentar aos alunos o tema que eles trabalhariam durante todo o semestre. O objetivo principal foi trazer dados sobre a população que está envelhecendo e vivendo cada vez mais; e, além disso, ressaltar a importância de se proporcionar um envelhecimento saudável aos idosos, maximizando suas oportunidades de saúde, segurança e participação.

Nesse sentido, Louise Plouffe e Ina Voelcker mostraram dados do envelhecimento global e algumas ações que vêm sendo realizadas em prol dos maiores de 60 anos. Elas apresentaram, também, a iniciativa *do Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*.

Conhecer o tema e as particularidades do público envolvido foi importante para preparar os alunos para o próximo passo: a aproximação com o público de maiores de 60 anos.



Figura 41. Primeiro dia de aula no CEPE. Alunos e professores assistem à palestra do ILC-Br.

4.3.

Entrevista com um idoso

Esta atividade teve como objetivo aproximar e promover um olhar mais investigativo, fazendo com que os alunos ficassem atentos a como os idosos vivem e percebem a velhice, e para as oportunidades projetuais que surgissem durante o exercício.

Para isso, Louise Plouffe e Ina Volcker desenvolveram um questionário de entrevista semiestruturada (Anexo I) e cada aluno teve que realizar a entrevista com um idoso; gravar e transcrever a conversa e escrever um relato sobre o que considerou mais importante.

Dentre os relatos de alunos sobre a atividade, uma aluna contou que conversou com sua avó sobre várias atividades e aspectos que a ajudam a ser uma idosa ativa e ficou interessada no jogo de Bridge, porque identificou a importância do raciocínio e da lógica como uma atividade mental e de socialização. Outra atividade que a aluna achou interessante foi a relação da avó com as plantas. Segundo suas palavras, “a forma como ela gosta de cuidar das plantas e fazer arranjos serve como uma terapia pra ela”. A aluna identificou, também, que o grupo da igreja é um meio da avó se socializar e realizar atividades voluntárias, e pontuou algumas outras atividades rotineiras da avó: “Ela se mantém informada, pelo jornal, revista, livro, entre outros; o computador é ferramenta importante para a comunicação, para notícias e para o social; o prédio onde ela mora proporciona atividades que promovem a socialização.” (Adriana Fux)

No relato de outra aluna, o foco da conversa foi a relação do idoso com as pessoas. Segundo a entrevistadora, ficou claro que um idoso que aproveita a companhia de outras pessoas tem mais vontade de continuar vivendo do que uma pessoa solitária. E conclui: “É muito importante para eles manter um ciclo social ativo, pois quanto mais coisas tiverem para fazer, menos tempo vão ter para se estacionar em casa.” A partir dessa observação, a aluna se sentiu motivada a desenvolver seu projeto com foco na interação dos idosos com outras pessoas e na troca de experiências entre diferentes gerações. Em suas palavras: “Elevar a autoestima, criar sistemas de interatividade e valorização do indivíduo são os pontos que eu gostaria de trabalhar nesse projeto.” (Viviane Resende)

Em um terceiro relato, o idoso foi visto como uma fonte de inspiração não só para outros idosos, como para outras gerações, e exemplo de que é possível

envelhecer de forma ativa. Mais do que criar produtos e serviços que os ajudem, o aluno propôs aproveitar o que os idosos têm a oferecer: “Os idosos podem contribuir com seu conhecimento, experiência, amadurecimento e vigor, livrando-se dos estereótipos de ‘coitadinhos’ e ‘velhinhos’. Eles podem fazer a diferença no dia a dia das pessoas.” O aluno imaginou que a valorização dos idosos poderia ser feita por meio de palestras, eventos, auxílio de professores, *workshops*, e concluiu com o que pretendia promover com seu trabalho: “Gostaria de algo que posicionasse o idoso como figura de respeito e experiência, contribuindo para o crescimento da sociedade e para a autoestima destes indivíduos que precisam de atenção, cuidado, estímulo e reconhecimento.” (Tarik Coelho)

As entrevistas realizadas despertaram nos alunos uma visão diferente sobre o que é envelhecer e nos relatos eles se mostraram atentos às muitas possibilidades de projetos para os maiores de 60 anos.

4.4.

Exercício empático: se colocando no lugar do idoso

Sabendo dos estigmas acerca da velhice, o objetivo da atividade foi desenvolver nos alunos uma visão diferente sobre o processo de envelhecimento, usando a estratégia de levá-los a pensar na própria velhice e a refletir sobre novas possibilidades projetuais não só ligadas a limitações físicas geradas pela idade, mas também a aspectos como autoestima, qualidade de vida e sociabilidade.

O *exercício empático*, desenvolvido com a colaboração da colega Renata Pereira, integrante do grupo de pesquisa *Design & Envelhecimento* do LABMEMO, teve como base estudos sobre a representação social da velhice e foi norteado pela ideia defendida por Simone de Beauvoir de que “o velho é sempre o outro” (BEAUVOIR, 1970).

Para auxiliar a realização do exercício, foram desenvolvidas duas fichas A4 com 30 imagens iguais, mas cada uma com um enunciado diferente: (1) “Escolha até cinco imagens que representam a sua visão de uma pessoa com 75 anos”; (2) “Escolha até cinco imagens que representam você aos 75 anos”.

Já para a própria velhice foram selecionadas em maior número as imagens que representavam férias, cinema, viagem, academia e jantar romântico.

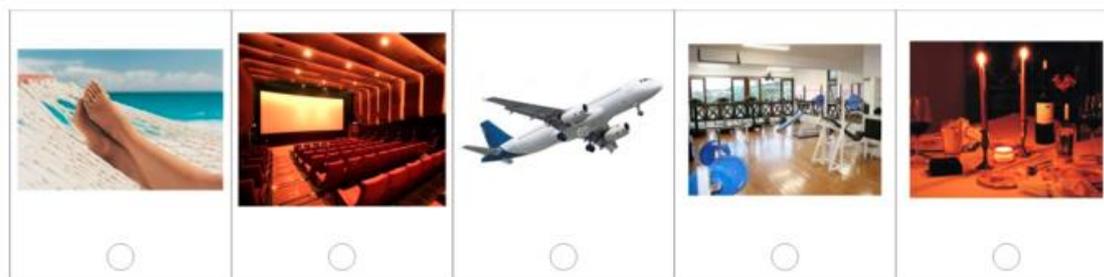


Figura 44. Imagens mais selecionadas no enunciado 2: “Escolha até cinco imagens que representam **você** com 75 anos”.

O exercício empático comprovou que “o velho é sempre o outro” e conseguiu despertar nos alunos mais cuidado e atenção à imagem que eles têm sobre a velhice e os velhos. Mas seu principal resultado foi o entendimento de que um dia eles também vão envelhecer e ter demandas além das relacionadas a problemas de saúde.

4.5.

Exercício “quem você quer ser quando crescer?”

Este exercício teve como objetivo mostrar que a diversidade entre idosos é tão grande quanto o número crescente de maiores de 60 anos.

Silvia Nogueira, a responsável pela elaboração do exercício, organizou em uma folha A4 20 imagens de pessoas com mais de 60 anos nas quais se viam personagens de televisão e pessoas famosas. A saber: (1) Dona Nenê⁴⁹, personagem interpretado por Marieta Severo no seriado “A Grande Família”, da TV Globo; (2) Lineu⁵⁰, o personagem interpretado por Marco Nanini no mesmo seriado; (3) Marília Gabriela, apresentadora do programa de entrevista “De Frente com Gabi” no canal SBT; (4) Jeffrey Life, o fisiologista americano famoso por adotar hábitos saudáveis depois dos 50 anos; (5) Dona Bernarda⁵¹, personagem interpretado por Nathália Timberg na novela “Amor à Vida”, da TV Globo; (6) Mike Jagger; (7) Suzana Vieira, atriz da TV Globo; (8) Zico, ex-jogador do Flamengo; (9) Dona Violeta⁵², personagem interpretado por Glória Menezes

⁴⁹ Ver mais em: <http://gshow.globo.com/programas/a-grande-familia/index.html>

⁵⁰ Ver mais em: <http://gshow.globo.com/programas/a-grande-familia/index.html>

⁵¹ Ver mais em: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/bernarda-rodriguez.html>

⁵² Ver mais em: <http://gshow.globo.com/programas/louco-por-elas/>

no seriado “Louco por Elas”, da TV Globo; (10) O jornalista Ricardo Boechat; (11) Vovó Palmirinha, apresentadora de um programa de culinária no canal Bem Simples, da Fox International Channels do Brasil; (12) Dona Picucha⁵³, o personagem interpretado por Fernanda Montenegro no seriado “Doce de Mãe”, da TV Globo; (13) Caetano Veloso; (14) Ana Maria Braga, apresentadora do programa “Mais você”, da TV Globo; (15) um surfista idoso e com corpo bem definido; (16) Darlene⁵⁴, personagem interpretado por Marília Pêra no seriado “Pé na Cova”, da TV Globo; (17) Eike Batista, empresário famoso e ex-rico; (18) personagem do comercial de televisão da rede de supermercado Supermarket que usa o bordão “Eu quero, oh, preço!”; (19) Dr. Lutero⁵⁵, personagem interpretado por Ary Fontora na novela “Amor à vida”, da TV Globo; e (20) Dercy Gonçalves.

As imagens vinham acompanhadas da seguinte legenda: “Quem você quer ser quando crescer? Monte seu perfil.” Ao montar o perfil, o aluno preenchia três tópicos: (1) Fale sobre você com 75 anos de idade; (2) Seus hobbies; e (3) Atividades.

⁵³ Ver mais em: <http://gshow.globo.com/programas/doce-de-mae/>

⁵⁴ Ver mais em: <http://gshow.globo.com/programas/pe-na-cova/O-Programa/noticia/2013/01/muito-mais-que-esquisitos-conheca-os-personagens-de-pe-na-cova.html>

⁵⁵ Ver mais em: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/lutero-moura-cardoso.html>


Projeto Avançado Produção e Distribuição
Envelhecimento Ativo
 sexo: F M idade:

Quem você quer ser quando crescer? Monte seu perfil.



Fale sobre você com 75 anos de idade:

Hobbies:

Atividades:

Figura 45. Folha entregue aos alunos para realização do exercício “quem você quer ser quando crescer?”

Participaram dessa atividade 78 alunos, dos quais 59 mulheres e 19 homens. Entre as imagens das pessoas que os representariam na velhice, as mais selecionadas foram: Marília Gabriela, com 18 escolhas; o surfista, com 17; Dona Violeta e Mike Jagger, ambos com 15; Dona Picucha com 13; Jeffry Life com 11; Caetano Veloso com dez; Dercy Gonçalves com seis; Dona Nenê com cinco; Ana Maria Braga, Vovó Palmirinha, Susana Vieira e Ricardo Boechat com quatro; Lineu e Dona Bernarda com três; e a idosa da propaganda de TV do Supermarket com duas escolhas.



Figura 46. Imagem dos quatro idosos mais escolhidos pelos alunos. Em ordem, Marília Gabriela, o Surfista, Dona Violeta e Mike Jagger.

Muitos alunos revelaram que aos 75 anos gostariam de estar viajando, praticando atividades físicas, curtindo os netos, cuidando da saúde, continuar aprendendo, estudando e trabalhando. Nenhum deles se viu doente ou desocupado.

O exercício demonstrou que há diversas maneiras de se envelhecer, e colaborou para que os alunos ficassem mais atentos a novas possibilidades de atuação profissional como designers. Ele promoveu uma reflexão sobre como os alunos gostariam que fosse seu próprio envelhecimento, e reforçou o processo de desmitificação da imagem que eles tinham da velhice.

4.6.

Atividade para geração de ideias de novos produtos e serviços

Esta atividade tomou a forma de uma apresentação de perspectivas do design emocional e teve como objetivo ilustrar com exemplos concretos que projetos de design podem atender demandas intangíveis e promover sentimentos positivos, mudar comportamentos, provocar risadas, aproximar pessoas, promover o bem-estar espiritual e físico, a autoestima e reforçar a individualidade.

Os alunos foram incentivados a pensar no efeito que desejariam causar e não propriamente no produto que queriam criar. Em outras palavras, os alunos foram orientados a pensar na ação que queriam promover, e nos produtos e serviços como meio, e não como fim. Durante a atividade, eles também foram alertados para o fato de que podemos centrar nossos esforços projetuais em demandas não mecânicas.

A apresentação incluiu as seis perspectivas do design emocional — Design & Identidade; Design & Humor; Design & Bem-estar; Design & Cidadania; Design & Sociabilidade; e Design & Autoestima —, seguidas de

exemplos do nosso acervo de pesquisa, tal como apresentado no Capítulo 2 deste trabalho.

Ao final da apresentação, os alunos receberam uma folha A4 com a montagem de todos os exemplos apresentados e com o seguinte enunciado: (1) Descreva uma situação que poderá ser um obstáculo para sua qualidade de vida aos 75 anos; (2) Desenvolva um ensaio projetual para solucioná-lo, inspirado nos exemplos abaixo.



- 1- Descreva uma situação que poderá ser um obstáculo para sua qualidade de vida aos 75 anos.
- 2- Desenvolva um ensaio projetual para solucioná-lo, usando os exemplos apresentados.

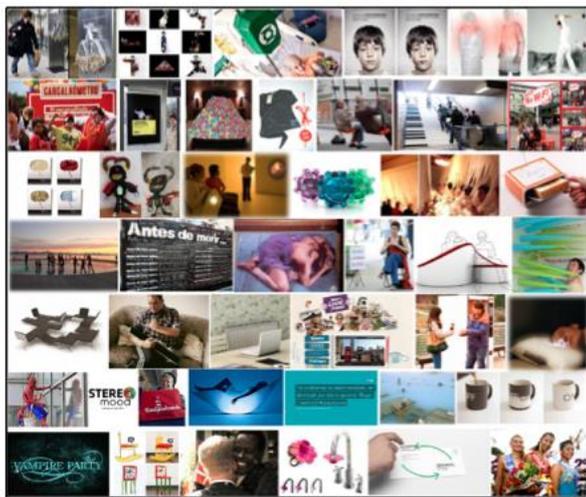


Figura 47. Folha entregue aos alunos para realização do exercício de geração de ideias de novos produtos e serviços.

Dentre as situações descritas, apenas uma aluna falou que, caso ela se cuidasse agora, reduziria os problemas em seu futuro. Para os outros 47 alunos que participaram da atividade, foram apontados como possíveis obstáculos futuros:

- doenças (4 alunos);
- problemas psicológicos, como perda de memória (3 alunos);
- limitações físicas (17 alunos);
- falta de programação para os idosos criarem vínculos sociais (4 alunos);
- solidão (7 alunos);
- falta de estímulo e sedentarismo (4 alunos);

- poluição e falta de mobilidade urbana (3 alunos);
- a imagem negativa do idoso e conseqüentemente baixa autoestima (3 alunos);
- falta de sonhos para o futuro (1 aluno);
- desatualização tecnológica (1 aluno).

Apesar de muitos terem citado como possíveis obstáculos a limitação física ou as doenças, as soluções projetuais apresentadas pelos alunos se mostraram criativas e inseridas nos objetivos propostos pelo exercício de atentar para outras demandas além das mecânicas, como demonstram os exemplos a seguir:

Obstáculo: Falta de memória

Solução: Como o problema pode ser um tanto constrangedor, é essencial criar uma solução discreta e descontraída para minimizá-lo. Nesse caso, poderia ser criado um copo de material termossensível em que se escreveria o que deveria ser lembrado — e a escrita só seria revelada quando algum líquido quente ou frio fosse ali despejado. Dessa forma, a pessoa deixaria exposto o que precisaria ser lembrado de uma forma mais descontraída. (Aluna Silvana Cianni)

Obstáculo: Depender de alguém para ir a lugares

Solução: Um serviço de ajuda entre amigos, que acompanharia a pessoa com mais dificuldade de locomoção. (Taís Muller)

Obstáculo: Dificuldade de escutar

Solução: Um travesseiro que despertasse por meio de luz, de forma sutil, com suavidade. (Mariana Queiroz)

Obstáculo: Limitações físicas que atrapalhem viagens

Solução: Plataforma informando as melhores atrações do lugar a ser visitado, facilidades oferecidas e quão acessível esse lugar seria. (Marília Procópio)

Obstáculo: Sedentarismo

Solução: Mecanismo de ativar objetos domésticos por meio de movimentos, como, por exemplo, uma mensagem na televisão: “Seu tempo está acabando, mexa-se mais”. Então, para continuar vendo TV, seria necessário dançar ao som de uma música. (Maria Ramiro)

Obstáculo: Não ter mais sonhos e planos para o futuro

Soluções: Serviço de sonhos, em que alguém estaria à disposição para escutar, compreender o que se passa no presente e ajudar a criar e realizar planos para o futuro. (Ana Carolina Motta)

Obstáculo: Medo de ficar sozinho

Solução: Colocar, em lugares de passagem de muitos idosos, mensagens de carinho e amor para que eles vissem que nunca estariam sós. (Érica Cristina)

Obstáculo: Preconceito contra o velho

Desafio: Fazer com que as pessoas não me vejam como velho.

Solução: Um *site* que notifique para o internauta em geral como é o dia a dia dos idosos de hoje, para que todos saibam como é a vida deles — às vezes, mais agitada que a de muitos jovens. (Izabella Suart)

Obstáculo: Dificuldade para fazer amigos pelo fato de não sair muito de casa.

Solução: Uma rede de comunicação por carta, para conhecer novas pessoas da mesma idade. (Luísa Bié)

Os resultados dessa atividade mostraram que os alunos exercitaram o pensamento como designers, imaginando obstáculos e soluções criativas para contorná-los ou/e evitá-los. Como proposto, eles levantaram possíveis demandas e geraram ideias de produtos e serviços para atendê-las.

4.7.

Conversa com idosos da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée

A última atividade teve como objetivo reforçar — por meio da fala dos próprios idosos — que a velhice pode ser uma fase da vida cheia de conquistas e prazeres. Além de levar os alunos a interagir com os idosos, ela possibilitou que eles tirassem dúvidas e mudassem a visão estigmatizada que ainda poderiam ter sobre o que é ser velho.

Para isso foi organizado um encontro dos alunos com integrantes da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, realizado nas instalações do CEPE.

Nessa atividade os alunos foram separados em três salas e divididos em grupos para levantar assuntos e ideias que gostariam de desenvolver. Eles também conversaram entre si sobre a experiência de terem feito, cada um, uma entrevista com um idoso. Em seguida os idosos convidados entraram nas três salas para um bate-papo, e contaram suas histórias e interagiram com os alunos.

O primeiro idoso a chegar foi Léo, de 81 anos. Os alunos ficaram muito curiosos sobre sua história de vida, pois ele logo revelou: “Quando eu era jovem é que eu era velho”. Léo contou que sua infância foi muito difícil; e que teve dois casamentos e ficou viúvo. Acabou entrando em depressão e foi morar em Mangaratiba. Vivendo lá, isolado, depois de passado um tempo, sentiu a necessidade de estar perto das pessoas e começou a desenvolver um trabalho social pelos arredores. Acabou voltando para o Rio e foi indicado para trabalhar na Casa de Convivência e Lazer Dercy Gonçalves. Lá, ele participou do concurso *Mister Copacabana* e ganhou o título de *velho mais bonito*. A partir daí, relatou que começou a ter transformações físicas, a ficar mais bonito e a ser mais feliz. Hoje tem uma namorada, mora em Botafogo, tem uma propriedade em Mangaratiba e trabalha como colaborador na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée. Léo falou do programa “Era do Rádio”, que ele organiza. Lembrou nomes da música brasileira e cantou para os alunos, que entraram na brincadeira.

Outra convidada foi Fani, de 60 anos, ex-proprietária de um restaurante no Shopping da Gávea. Muito vaidosa, ela contou que adora festas e que gosta de usar vestidos justos e minissaia. Fani tem um filho que ainda não se casou, e ele tem um cachorro que trata como filho. Apesar de ainda não ter netos, Fani contou para os alunos que já avisou ao filho que vai tomar conta deles no futuro, porque a nora trabalha, e ela não. Como gosta muito de ir a festas, já combinou com a vizinha que quando tiver que tomar conta do neto, deixará a criança com ela para não perder a festa. Mostrou para a turma seu folheto de bailes do mês e disse que não perde um.

O encontro no CEPE contou também com Zenoide, uma senhora muito ligada à família, e que repetiu várias vezes que os alunos precisavam proteger suas famílias. Contou que nunca trabalhou fora e que sempre cuidou da família. Teve três filhos homens, mas o sonho do seu marido sempre foi ter uma filha mulher. Sua primeira nora foi adotada como filha, e deu um neto homem para ela. Já a nora, com quem ela não se dava muito bem, apelidada de “nora nora”,

lhe deu a primeira neta. Zenoide também aconselhou a turma a tratar bem as noras, para ter sempre os netos por perto.

Outro idoso convidado foi Eduardo, de 78 anos. Em seu depoimento à turma, disse que uma das piores coisas da velhice é ser banido do mercado de trabalho. Contou que é engenheiro, tem mestrado e doutorado, mas, tendo mais de 70 anos, não pode mais dar aula. Ele citou o *Estatuto do Idoso*⁵⁶, dizendo que nele se afirma que pessoas acima de 60 anos têm o direito de trabalhar, mas, infelizmente, o estatuto não é cumprido. Eduardo contou que fez o primeiro curso de computador do Brasil em 1956, na PUC-Rio, e demonstrou muita vontade em continuar ensinando e exercendo sua profissão. Repetiu várias vezes: “eu quero trabalhar”, “eu sou qualificado”; e “não encontro oportunidade para trabalhar”.

Laura, 80 anos, foi outra participante da atividade. Ela iniciou a conversa revelando que foi casada durante 40 anos, mas que depois de todo esse tempo de casamento, seu marido a trocou por uma mulher de 40 anos. Ela achou que ficaria deprimida e chorando pelos cantos, e surpreendeu a turma quando revelou que a separação foi a melhor coisa que tinha acontecido na sua vida. Disse que hoje vive muito bem, que a vida melhorou depois da separação e que ficou ainda melhor quando o ex-marido morreu, porque, depois disso, a pensão que ela recebia aumentou. Afirmou ser muito feliz e não ter o que reclamar da velhice. Frequenta a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée todos os dias para fazer alguma atividade. Apesar de seu filho achar que é perigoso ficar saindo de casa, ela não deixa de ir às aulas. Ressaltou, ainda, que mora sozinha, paga suas contas, não deve nada a ninguém e que a melhor coisa da vida é a liberdade!

Mirilin, outra participante, é viúva e contou que sua vida se divide em duas fases. Até os 40 anos, ela se dedicou à família e aos filhos, e, só depois, passou a “viver de verdade”. Viajou para 16 países e fez 13 viagens de cruzeiro. Frequenta a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée porque gosta de dança de salão. Contou também ter uma casa de três andares em um condomínio fechado, em Teresópolis. Disse pensar estar com algum problema, pois não quer mais saber de viajar: só pensa em ir para a casa de Teresópolis. Disse que a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée é verdadeiramente um espaço de convivência onde ela acabou fazendo amizades para a vida toda e que é com essas amigas que ela viaja e vai para a casa de Teresópolis.

⁵⁶ Capítulo VI, art.26º: //www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

Jacy, 83 anos também deu seu depoimento. Ela contou que o marido ficou doente, morreu, e hoje ela mora com um filho. Relatou ter ido ao médico e que sua pressão estava 18/11. Para melhorá-la, Jacy precisava fazer exercícios. Contou que foi à manicure e que ela lhe indicou a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée. Desde que foi para lá, passou a fazer exercícios e sua pressão melhorou. Hoje, faz atividades físicas todos os dias na parte da manhã. À tarde, faz aula de órgão eletrônico para exercitar a memória, gravando as partituras.

Ao final dos relatos e conversas com os idosos, os alunos se revelaram surpresos com a diversidade do público com o qual iriam trabalhar. A atividade despertou neles um surpreendente entusiasmo para desenvolver projetos que atendessem esses “novos velhos” — que, aliás, não se pareciam nem um pouco com aqueles que eles tinham em mente antes do início das aulas.

4.8.

Principais projetos desenvolvidos

Depois das atividades expostas, os alunos identificaram demandas e questões com as quais queriam trabalhar com foco no envelhecimento saudável e na qualidade de vida, e passaram a desenvolver seus projetos para os maiores de 60 anos. Ao longo do semestre, eles foram aprimorando e dando forma às ideias. Sílvia e eu acompanhamos todo o processo de concepção desses projetos.

Foram desenvolvidos 25 projetos. A seguir, apresento alguns exemplos dos resultados obtidos e sua relação com as seis perspectivas do Design Emocional: Design & Identidade, Design & Humor, Design & Bem-estar, Design & Cidadania, Design & Sociabilidade e Design e Autoestima.

Cromaí: este projeto ilustra a perspectiva Design & Identidade e teve como objetivo reforçar a diversidade que há entre os idosos.

Idealizado pelos alunos Gabriela Pinheiro, Tarik Coelho, Thiago Rebello e Vinícius Almeida, o Cromaí é um *site* que proporciona ao jovem uma aproximação com a diversidade dos idosos por meio de seu próprio estilo de vida, propondo uma autocrítica e a quebra de preconceito. Funciona da seguinte forma: cada usuário que se cadastra no *site* constrói sua Rosácea, nomeada como “Croma”: uma representação do seu estilo de vida a partir de associações de cores e sensações. Estes “Cromas” servem como instrumento de compatibilidade entre os usuários jovens e idosos — ou seja, ao construir a sua

rosácea com base em sua personalidade e preferências, o jovem é conectado automaticamente a um idoso parecido com ele.

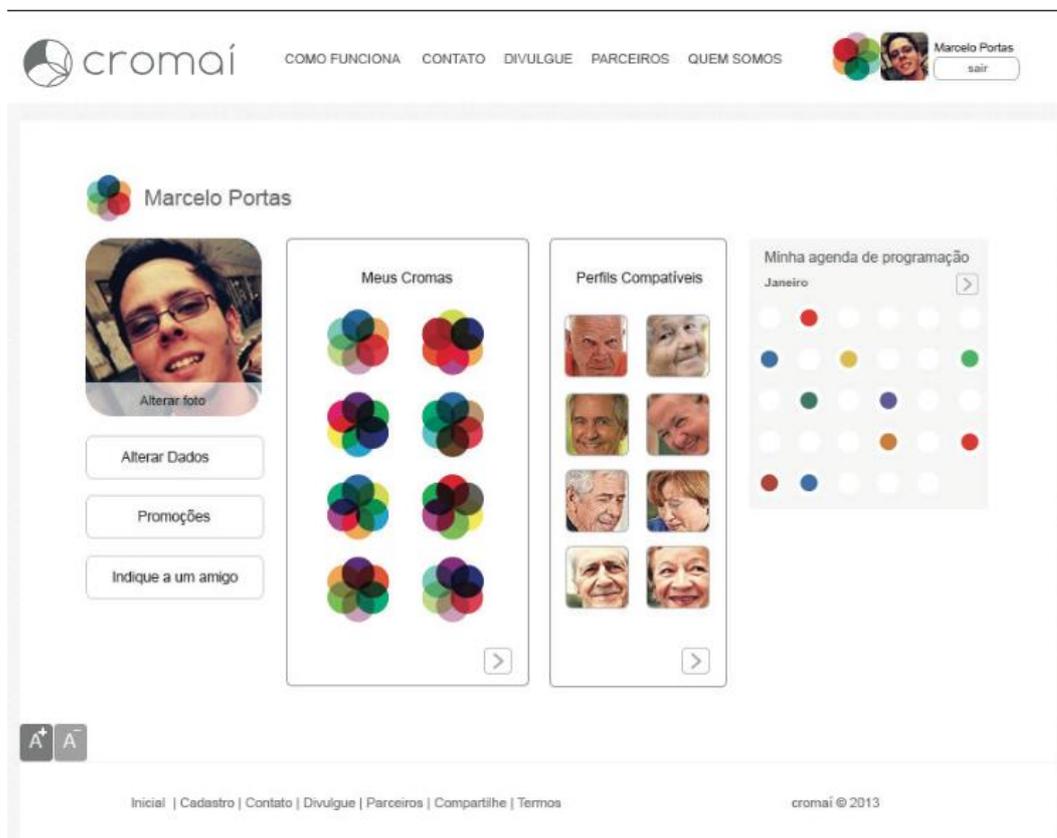


Figura 48. Tela site com o processo de criação da Rosácea.

Após a compatibilidade ser identificada, o jovem tem acesso ao perfil do idoso e pode conhecer um pouco mais sobre sua personalidade. Nesse perfil, há também um *mix* de ofertas de produtos relacionados ao estilo de vida do idoso compatível. Caso o usuário jovem compre algumas das ofertas disponíveis e correspondente ao seu estilo, o idoso compatível recebe desconto para comprar a mesma oferta.

Loy: este projeto ilustra a perspectiva Design & Humor e teve como objetivo promover adereços para auxiliar a interpretação dos atores idosos e tornar a aula de teatro mais divertida.

Idealizado pelas alunas Ana Luiza Guadalupe, Caroline Batista, Julia Garcia e Viviane Giaquinta, o projeto usou como base o método do design participativo. As integrantes do grupo acompanharam as aulas de teatro oferecidas pela professora Loyse Medeiros, na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, e identificaram, junto com os alunos e a professora, a

possibilidade de desenvolver adereços que contribuíssem com o improviso e descontração das aulas. Como resultado, foram criados adereços que podem ser fabricados pelos próprios alunos.



Figura 49. Alunas improvisam com os adereços.



Figura 50. Alunas improvisam com os adereços.

Fitadica: este projeto ilustra a perspectiva Design & Bem-estar, e teve como objetivo estimular a valorização das coisas simples da vida em prol de um envelhecimento mais saudável.

Para isso as alunas Aline Paciello, Anna Laba, Camila Jaspe e Clara Portela, idealizadoras do projeto, foram à Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée e pediram aos frequentadores que lhes dessem conselhos para um envelhecimento saudável. Elas receberam respostas bem simples, como: “Cumprimente um idoso na rua”; “Vá saltar de asa delta”; “Felicidade rejuvenesce”; “Tenha vontade de vencer na vida”; “Tenha independência”;

“Mantenha a mente aberta”; “Viva os seus anos dourados”; “Tenha pensamentos positivos”; “Vença seus medos”; e “Vá à praia e veja o pôr do sol”.

A partir das respostas obtidas, decidiram fazer uma intervenção urbana, na qual os próprios idosos distribuía nas ruas os seus conselhos. Para tanto, elas materializaram os conselhos em fitas semelhantes à do Nosso Senhor do Bonfim⁵⁷, às quais deram o nome de “fitadica”.



Figura 51. “Fitadica” e guarda-chuva produzidos para intervenção urbana.

Para a distribuição das fitas, foram confeccionados guarda-chuvas furados com ilhoses, e em cada furo foi pendurada uma “fitadica”. Foram produzidas, também, camisetas com a marca do projeto, usadas pelos idosos na distribuição de seus conselhos.

A intervenção projetada pelas alunas aconteceu na Lagoa Rodrigo de Freitas, e contou com os idosos da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée para distribuir aos passantes as fitas com os conselhos para se envelhecer bem.⁵⁸



Figura 52. Distribuição da “Fitadica” na Lagoa Rodrigo de Freitas. (Frame do vídeo.)

⁵⁷ A Fita do Bonfim é uma lembrança e tradição de Salvador, na Bahia. A tradição diz que, ao amarrar a fita no braço, a pessoa deve dar três nós e para cada nó ela pode fazer um pedido — que será realizado assim que a fita se romper.

⁵⁸ Ver mais em: <http://riomais.benfeitoria.com/ideia/fita-dica>



Figura 53. Distribuição da “Fita Dica” na Lagoa Rodrigo de Freitas. (Frame do vídeo.)

No vídeo⁵⁹ da intervenção foi possível ver a reação das pessoas e a surpresa com a forma como foram entregues os conselhos. Os idosos que participaram relataram ter gostado da experiência e, principalmente, do carinho que receberam.

Coroando: este projeto ilustra a perspectiva Design & Cidadania e teve como objetivo proporcionar ao idoso a oportunidade de participar da formação escolar dos mais jovens, além de valorizar a troca de conhecimento e experiências entre gerações.

Idealizado pelas alunas Flávia Bárcia, Luisa Bié, Luiza Alves Mariana Queiroz e Silvana Cianni, o “Coroando” é um serviço no qual os idosos têm um papel ativo na educação dos jovens, a partir de palestras em que relatam as suas experiências de vida e conhecimento sobre determinado tema abordado no programa escolar.

Ele tomou a forma de dois veículos: um cartaz e um *site*.

O cartaz serve como meio de divulgação dentro das escolas e tem por objetivo anunciar a ideia da troca de experiências entre gerações aos alunos para que eles as levem para seus avós, como se pode ver na imagem a seguir.

Já o *site* faz a ponte entre os idosos e as escolas, trazendo informações sobre o projeto e os conteúdos buscados pelas escolas, além de possibilitar o

⁵⁹ Vídeo disponível em: <http://vimeo.com/80214986>

cadastro dos interessados — tanto o dos idosos quanto o das escolas — em participar.

O *site* também promove a contratação dos idosos pela escola.



Figura 54. Tela do *site* “Coroando”.

Nuvem: este projeto ilustra a perspectiva Design & Sociabilidade e foi idealizado pelas alunas Ana Carolina Motta, Chantale Sievers, Marília Procópio e Rafaela Nascimento. Elas observaram nas entrevistas que muitos idosos deixam para trás alguns sonhos ou muitas vezes deixam de fazer algo porque não têm companhia ou precisam de ajuda.

Como relata uma idosa: “Eu sempre quis visitar a Ilha de Paquetá. É bobo falar isso? Mas é que eu nunca tive tempo, até hoje é corrido, tem que cuidar de tudo em duas casas, e, também, já pedi e ninguém vai comigo. Aí é difícil.” (Trecho de entrevista retirado do relatório das alunas.)

Pensando nisso as alunas desenvolveram a “Nuvem”, serviço que teve como objetivo promover a sociabilidade dos idosos e que tomou a forma de uma plataforma que faz a mediação de trocas de pequenas gentilezas e desejos, tratados como “sonhos”. No *site*, o idoso (ou sonhador) conta o “sonho” que

deseja ver realizado e o motivo pelo qual ainda não o realizou. A partir dos relatos, outros usuários podem se candidatar para ajudar a realizar o sonho. O usuário idoso também poder ser um “realizador” de sonhos. Quando algum usuário se candidata a ser um “realizador”, o *site* se encarrega de liberar o contato entre eles que, por troca de mensagens, se comunicam para concretizar o sonho.

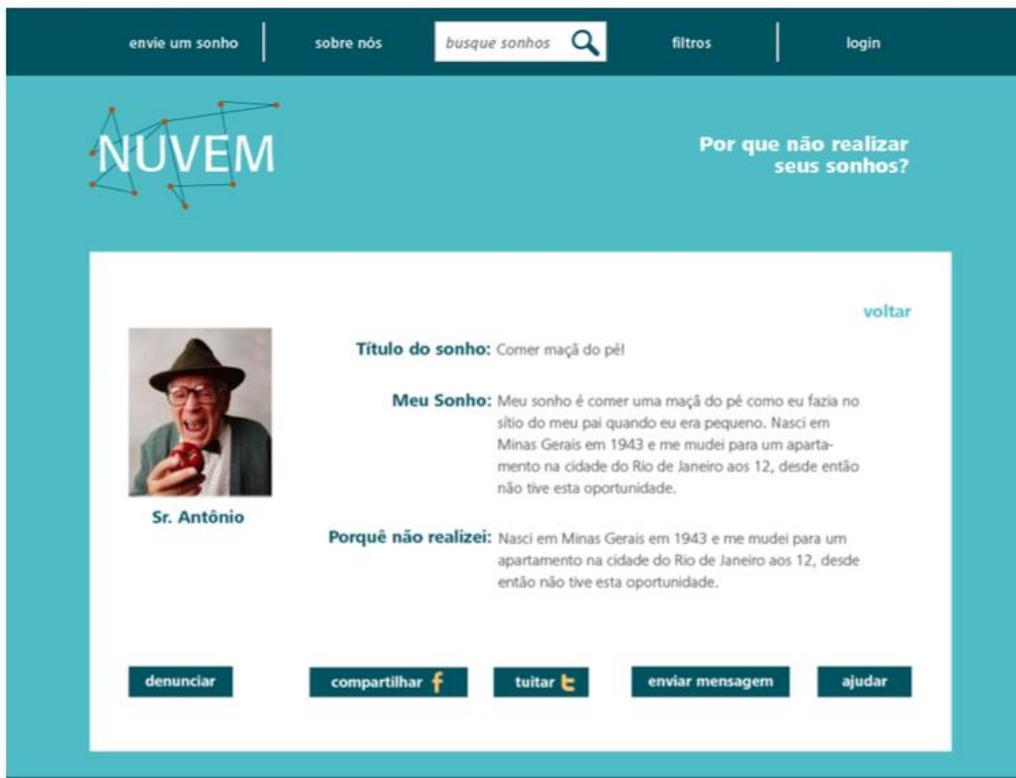


Figura 55. Representação da página de um usuário.

Em cada canto um encanto: este projeto ilustra a perspectiva Design & Autoestima e teve como objetivo promover e valorizar as vivências profissionais dos idosos.

Idealizado pelas alunas Amanda Vieira, Ana Victória, Fernanda Bion, Melissa Jordan, “Em cada canto um encanto” tomou a forma de um *site* com acervo de vídeos sobre profissões, com entrevistas com idosos relatando suas vivências profissionais. No *site*, também é possível se inscrever para dar depoimentos ou indicar uma pessoa que tenha uma linda história profissional para partilhar.

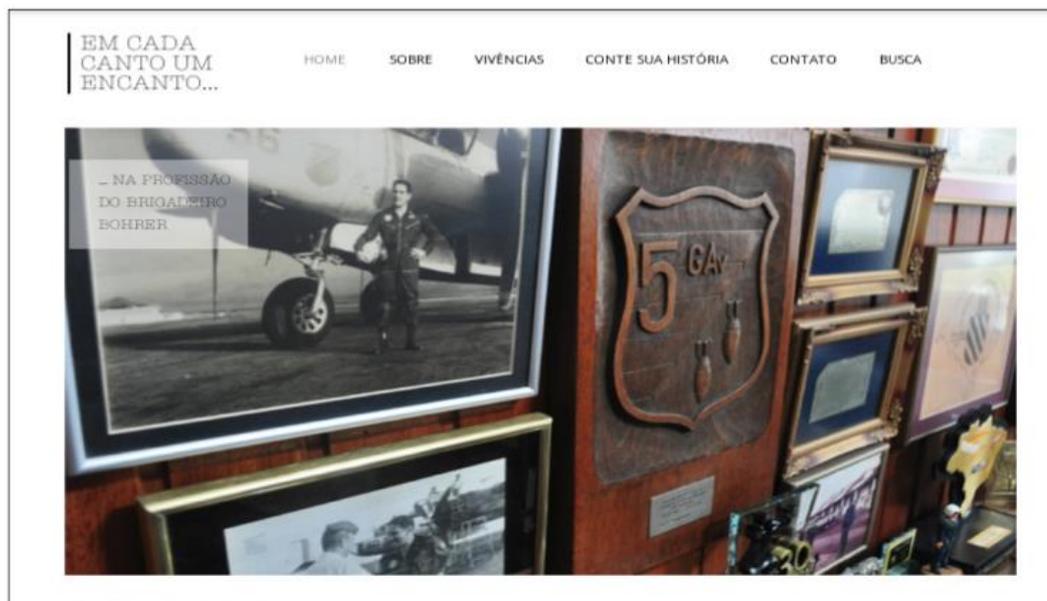


Figura 56. Tela do *site* “Em cada canto um encanto”.

A cada semana o *site* homenageia uma profissão, de acordo com sua data comemorativa. A primeira entrevista registrada foi com um brigadeiro da Aeronáutica; ele lembrou momentos que viveu em sua profissão e deu conselhos para os mais jovens.

Os projetos aqui apresentados mostraram que as atividades metodológicas desenvolvidas na fase inicial do curso levaram os alunos a ficar mais atentos às demandas emocionais e ao efeito dos seus projetos na vida do público com o qual trabalharam. Além disso, as atividades também fizeram com que eles compreendessem e se identificassem com a realidade dos maiores de 60 anos.

O acompanhamento das turmas e os resultados obtidos comprovaram que o design, além de elaborar produtos e serviços para amenizar problemas mecânicos e de limitações da idade, tem potencial de atender às demandas emocionais daqueles que envelhecem.

5

Identificando demandas e gerando ideias de novos meios e formas para o bem viver depois dos 60 anos

Reunidos no Fórum Internacional da World Demographic Association (WDA) em outubro de 2013, representantes das instituições e profissionais que atuam no campo do envelhecimento da população urbana no Brasil e no exterior elaboraram a *Declaração do Rio: além da prevenção e tratamento: Desenvolvendo uma cultura do cuidado em resposta à Revolução da Longevidade*⁶⁰. A “Chamada à ação”, ao final do documento, é introduzida por duas diretrizes apresentadas como “direitos das pessoas idosas”; são elas: “criar mecanismos para consultar os idosos sobre as suas necessidades de cuidados, para desenvolver e fortalecer cuidados formais e informais” e “incluir plenamente os idosos em todos os níveis de tomada de decisão relativa aos seus cuidados”.

Como apresentado no Capítulo 2, “Sobre design”, a criação de mecanismos de consulta às pessoas sobre suas necessidades e a inclusão delas no processo de desenvolvimento de projetos que lhes dizem respeito e afetam suas vidas são as principais características do design participativo.

Seguindo esse princípio e o pressuposto de que quem mais conhece a realidade do idoso é o próprio idoso, este capítulo apresenta o “Estudo de identificação de demandas e geração de ideias de novos produtos e serviços *para e com* idosos moradores da Gávea” realizado com nove idosos moradores da Gávea⁶¹.

Tal como sugere o título, este estudo teve como objetivo identificar demandas e gerar ideias de novos produtos e serviços em parceria com os idosos, com vista a possibilitar, facilitar e melhorar suas ações cotidianas.

Seus objetivos específicos foram identificar os seguintes aspectos do cotidiano desses idosos:

- espaços e objetos mais significativos e suas razões;
- ações, espaços, objetos e demais aspectos concretos relacionados ao seu próprio bem-estar;
- ações que podem ser possibilitadas, facilitadas ou melhoradas;

⁶⁰ Disponível em:

http://www.wdaforum.org/fileadmin/ablage/wdaforum/dokumente/rio_declaration.pdf

⁶¹ A pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-Rio.

- vínculos sociais em geral e com vizinhos, comerciantes e prestadores de serviços que atendem o bairro em particular.

5.1.

Métodos da pesquisa

Neste estudo qualitativo foram usadas as técnicas de observação participante, entrevista semiestruturada e entrevista etnográfica.

A técnica de entrevista etnográfica é definida por Jorge Frascara (2000) como um apoio à observação participante. Seu objetivo é permitir que as conversas com os entrevistados pareçam um evento normal naquele lugar e situação. Assim, emergem espontaneamente os valores culturais e a conduta dos indivíduos em situações específicas (FRASCARA, 2000, p. 117).

Este estudo produziu registros fotográficos dos espaços e objetos mais significativos das casas dos idosos. Foram criados, também, dois instrumentos de suporte para a pesquisa: o *Diário Bipolar* e o *Mapa Relacional*.

O *Diário Bipolar*, trata-se de um caderno comum que foi entregue aos participantes para que eles registrassem ali as situações positivas e negativas do seu cotidiano. As situações positivas foram escritas em caneta azul e as negativas em caneta vermelha. O objetivo do instrumento foi identificar situações do dia-a-dia que não emergiram nas entrevistas e que poderiam ser importantes para o estudo.

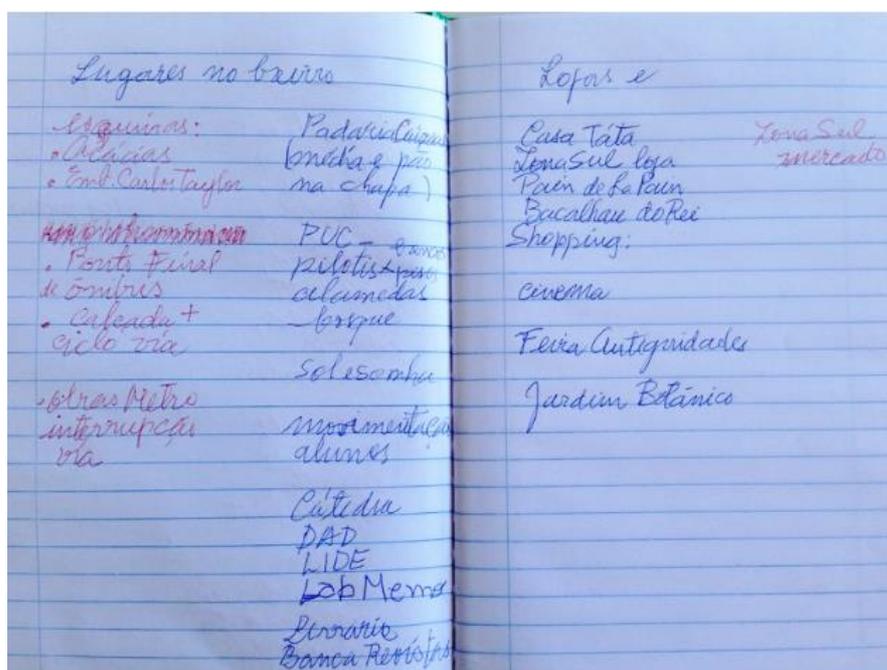


Figura 57. *Diário Bipolar* de uma das entrevistadas.

Mapa Relacional: Trata-se de um mapa da Gávea impresso, no qual os participantes registraram seus principais trajetos pelo bairro, escrevendo os nomes de pessoas que conhecem com a cor verde, os de estabelecimentos que frequentam com a cor azul, e os lugares do bairro que consideram perigosos com a cor vermelha. O objetivo desse instrumento foi facilitar a identificação dos lugares mencionados pelos participantes, além de facilitar a lembrança de pessoas e lugares do bairro.



Figura 58. Exemplo do *Mapa Relacional*.

5.2.

Seleção dos participantes

Participaram da pesquisa nove moradores da Gávea de ambos os sexos com idade superior a 60 anos, ativos, e que concordaram em participar do estudo por meio do *Termo de consentimento livre e esclarecido para participação do estudo para identificação de demandas e geração de ideias de novos produtos e serviços para idosos moradores da Gávea* (Anexo II). Importante ressaltar que, no âmbito deste trabalho, o termo “ativo” diz respeito à “participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho” (Organização Mundial da Saúde, 2005).

Dada a dificuldade de encontrar idosos que se enquadrassem no perfil desejado e estivessem dispostos a abrir as portas de suas casas para nos

receber, os primeiros participantes da pesquisa foram localizados a partir de contatos na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée. Daí em diante, os próprios participantes indicavam amigos ou vizinhos para colaborar com o estudo.

Os idosos que concordaram em fazer parte da pesquisa foram recebidos no Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção (LABMEMO), na PUC-Rio. Nesse encontro, eles assinavam o *Termo de consentimento livre e esclarecido* e eram apresentados às atividades das quais participariam. Na ocasião, conduzíamos uma conversa informal para conhecer melhor nossos informantes e dávamos início à um vínculo de confiança, algo extremamente necessário, já que os próximos encontros seriam em suas casas.

Apresento a seguir uma breve descrição do perfil dos nove participantes da pesquisa.

Dona ML, 81 anos, é viúva e tem três filhas. Mora na Gávea desde 1983. Atualmente em seu apartamento moram também sua filha e seus dois netos. ML é professora de Artes Plásticas aposentada da UERJ; gosta de escrever, viajar e fazer cursos.

Dona D, 83 anos, é divorciada e tem dois filhos, quatro netos e um bisneto. Mora há um ano com o filho em um apartamento alugado, pois cedeu seu apartamento próprio para a neta. A filha de Dona D mora na Alemanha com seus outros dois netos. Ela é frequentadora da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée e gosta de pintar, fazer tricô e tocar acordeom.

Dona JA, 67 anos, é casada com o sr. AN. Eles têm um casal de filhos e dois netos; moram na Gávea há mais de três décadas e há aproximadamente dez anos no apartamento que visitamos. Ela é aposentada e atua como síndica do prédio; gosta de plantas e decoração.

Sr. AN, 68 anos, é casado com Dona JA e mora na Gávea desde pequeno. É ex-remador, jornalista esportivo aposentado do jornal *O Globo*, e hoje se dedica a escrever um livro sobre suas histórias das Copas do Mundo. Ele é vegetariano e gosta de andar de bicicleta todos os dias.

Dona MC, 77 anos, é viúva e tem dois filhos. Mora sozinha em seu apartamento na Gávea. Já teve um jornal de bairro e hoje está aposentada. Frequenta a Casa

de Convivência e Lazer Maria Haydée, gosta de viajar, estudar inglês, ir ao teatro e ver filmes.

Sr. A, 75 anos é viúvo, tem três filhos e três netos. Desde 1998 mora no apartamento que visitamos. Ele foi funcionário da PUC-Rio e hoje é aposentado. Frequenta a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, onde conheceu sua atual namorada. Ele gosta de dançar, cantar e nadar.

Dona C, 78 anos, é casada com o Sr. J. Eles têm dois filhos e uma neta. Ela foi coordenadora de uma escola estadual da Gávea, Hoje, aposentada, faz pasteis para o marido vender na praia. Ela gosta de cozinhar e fazer crochê, e todo Natal faz panos de prato para vender.

Sr. J, 84 anos, é casado com Dona C e mora na Gávea desde pequeno. Ele trabalhou muitos anos em uma famosa loja de materiais de construção do bairro. Hoje, aposentado, tem uma barraca na praia do Leblon, onde vende os pastéis feitos por sua esposa. Ele gosta de beber cerveja, de estar com os amigos, de jogar no bicho e de caminhar pelo Leblon.

Dona E, 78 anos, é solteira e mora sozinha. É muito religiosa e participa das atividades de sua paróquia. Ela passou a frequentar a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée como uma alternativa para o tratamento de sua depressão. Ela também pratica exercícios físicos na Academia da Terceira Idade (ATI).

5.3.

Dinâmica do estudo

O estudo buscou observar os seguintes aspectos da rotina dos participantes: (1) Ações mais realizadas no seu dia a dia; (2) Ações que gostaria de realizar e não realiza, e os motivos pelos quais não o faz; (3) Lugares mais frequentados; (4) Lugares que gostaria de frequentar e não frequenta; e os motivos pelos quais não frequenta; (5) Pessoas com as quais tem contato com maior frequência; (6) Pessoas com as quais gostaria de ter mais contato e não tem e por quais motivos; e (7) O que gosta e o que não gosta no bairro da Gávea.

A fim de identificar esses aspectos, foram realizadas duas visitas à casa de cada participante, com a presença de dois a três pesquisadores, com

duração aproximada de duas horas, em horários pré-agendados e intervalos de cinco a sete dias.

5.3.1.

Primeira visita à casa do idoso

A primeira visita teve como principal objetivo observar a casa e as atividades realizadas pelo idoso dentro dela e foi guiada por um questionário semiestruturado apresentado a seguir:

- Qual é o lugar da sua casa que o(a) senhor(a) mais gosta de ficar? Poderia nos mostrar?
- O que o(a) senhor(a) costuma/gosta de fazer quando está em casa? (Buscar identificar atividades que gostaria de fazer em casa, mas não as faz e por que motivos.)
- O(a) senhor(a) saberia contar a origem de cada objeto da sua casa?
- Quais objetos de sua casa mais lhe representam? Se você tivesse que escolher um objeto para lhe representar, qual seria?
- Qual objeto lhe faz pensar/lembrar de alguém?
- Que atividades você costuma fazer quando está sozinho/a em casa?
- Quais objetos você utiliza somente quando recebe pessoas na sua casa?
- Quais objetos o(a) senhor(a) utiliza somente em ocasiões especiais?

A primeira visita também foi conduzida de modo a conhecer e fotografar, caso o participante autorizasse, os objetos e lugares preferidos e mais significativos da casa.

Para tornar o encontro o mais natural possível — como netas que visitam seus avós —, levávamos flores ou bombons como demonstração de carinho e agradecimento aos nossos entrevistados.



Figura 59. Vaso de flor entregue para uma das entrevistadas e incorporado no ambiente.

Ainda na primeira visita, os participantes receberam o *Diário Bipolar*, no qual deveriam registrar, ao longo de uma semana, seus momentos positivos (com a cor azul) e negativos (com a cor vermelha). Essa atividade foi realizada pelos participantes ao longo do intervalo entre a primeira e a segunda visita.

5.3.2.

Segunda visita à casa do idoso

A segunda visita aconteceu, em média, uma semana após a primeira, e teve como principal objetivo identificar as atividades do idoso fora de casa e as pessoas que ele conhece no bairro. Essa visita foi guiada por um roteiro de entrevista semiestruturado, apresentado a seguir:

- Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora na Gávea?
- O que o(a) senhor(a) gosta na Gávea?
- O que não gosta na Gávea?
- O que acha que falta na Gávea?
- Quais lugares da Gávea o(a) senhor(a) frequenta e não frequenta por quais motivos? Por quais ruas circula e não circula, por quais motivos? (Identificar lugares que gostaria de ir e não vai e por qual motivo.)

- O que o(a) senhor(a) gosta de fazer fora de casa?
- O que o(a) senhor(a) tem que fazer fora de casa?
- Com quais pessoas se relaciona no seu dia a dia?
- Quais pessoas o(a) senhor(a) conhece do bairro?
- Costuma conversar com estranhos na rua? Em que situação?
- Conheceu alguém recentemente? Em que situação?
- Que atividades faz sozinho(a) e gostaria de compartilhar ou ter ajuda de alguém?

Nessa visita o *Mapa Relacional* era usado como suporte da conversa, pois nele era possível relembrar os caminhos diários, os lugares frequentados e as pessoas com as quais os idosos tinham contato no bairro. A cada pergunta feita, eles marcavam a resposta com uma cor no mapa, e, dessa forma, iam construindo cada um o seu “Mapa Relacional”.

Também nessa visita os participantes entregaram o caderno com os registros feitos por eles ao longo da semana.



Figura 60. Participantes construindo o *Mapa Relacional* da Gávea.

5.4.

Demandas identificadas e suas categorias

Os dados levantados nas visitas foram processados da seguinte forma: em primeiro lugar, fizemos a transcrição do áudio gravado durante as visitas. Em um segundo momento, foi realizada a categorização das informações fornecidas pelos entrevistados com base nas perspectivas do Design Emocional, a lembrar:

(1) Design e Identidade; (2) Design e Bem-estar; (3) Design e Cidadania; (4) Design e Sociabilidade; e (5) Design e Autoestima. Posteriormente, os assuntos foram resumidos e agrupados em categorias de acordo com as demandas identificadas em campo e descritas a seguir.

5.4.1.

Categoria Identidade

Nessa categoria foram agrupadas demandas relacionadas à manutenção da rotina, autonomia, independência e segurança dos maiores de 60 anos. São elas: (1) aposentadoria; (2) locomoção; e (3) riscos e ameaças.

(1) Aposentadoria: O tema foi citado pela maioria dos entrevistados como um momento conturbado de suas vidas. De acordo com eles, o importante para conseguir superar esse período é ter um foco e ocupar o tempo, seja com um trabalho voluntário, uma atividade de lazer ou mesmo um emprego remunerado. Manter-se ativo foi considerada pela maioria uma solução para não sentir tanto as mudanças de vida impostas pela velhice.

O Sr. J, de 84 anos, relatou que, após a aposentadoria, abriu uma barraca de salgadinhos na praia do Leblon:

"Eu sempre trabalhei com comércio. Eu sou aposentado, fiquei três meses parado, aí endoidei. Já estava ficando louco... Quando a gente é novinho, era doido para me aposentar, descansar, descansar a cabeça. Até que chegou o dia. Minha filha, aí falei: vou arrumar uma coisa qualquer. Aí encaixei esse lance. E deu certo e estou até hoje lá."

O Sr. A, 75 anos, relata como se adaptou à aposentadoria:

"Eu não senti, ia para a Casa Maria Haydée com a minha esposa, frequentava várias aulas de dança, de ginástica, de alongamento... Fui me ocupando de outra forma. Eu digo que eu sou um aposentado que nunca tive tempo de jogar na praça, eu sempre estive me ocupando, mesmo depois da morte da minha esposa. Eu fiquei um pouco ausente lá da Casa, depois comecei a frequentar de novo. Nunca fiquei parado, como diz o outro, esperando a morte chegar. Tem gente que fica deprimido. Muitos amigos meus disseram: 'Você vai se aposentar? Os dois primeiros meses são bons, depois você sente uma depressão.' Eu nunca senti isso."

Com a aposentadoria, muitos dos idosos entrevistados passaram a investir em alguma atividade e criaram uma nova rotina. Mesmo tendo dificuldades de levar projetos adiante, eles revelaram que estão sempre se ocupando e assumindo compromissos.

Dona ML, 81 anos, conta sobre sua atividade após a aposentadoria e a dificuldade de manter um projeto:

"Hoje eu escrevo, estou escrevendo algumas coisas. Já fiz uma vez um livrinho, mas é muito complicada essa parte editorial, eu não sei produzir o trabalho."

Dona C, 78 anos, relata sua produção de panos de prato como renda extra no final de ano:

"Eu vendi tanto pano de prato... Eu compro com as aplicações e faço crochê. Tem uma amiga minha que trabalha no INEA. Ela é do RH e na sala dela tem muitas mulheres. Então eu vendi tanto no Natal que já até estou para começar a fazer mais panos."

O Sr. AN, 68 anos, conta sobre o projeto de seu livro:

"Eu, como jornalista e remador, viajei quase que o mundo inteiro. O título seria *Algo mais do front*. Não ia mostrar coisas que saem todos os dias nos jornais. São coisas diferentes que acontecem nos bastidores. Por exemplo, o Parreira foi barrado no Vaticano."



Figura 61. Jornalista aposentado mostra o livro que está escrevendo sobre Copas do Mundo.

(2) Locomoção: Os entrevistados relatam que a Gávea tem muitos pontos positivos para seus moradores: lá o comércio é concentrado e é possível fazer muitas coisas a pé. O número de ônibus que circulam no bairro também contribui para a locomoção de seus moradores. Vimos, por meio do "Mapa Relacional", que os idosos fazem quase todas as suas atividades no bairro e seus arredores.

Muitos relataram ter algum problema físico, a maioria nas pernas e joelhos, indicando que às vezes essas limitações dificultam suas saídas de casa, mas não as impedem. Todos os idosos entrevistados saem de casa, na maioria das vezes desacompanhados. Mas, apesar das inseguranças e também do cansaço ao andarem a pé pelo bairro, eles não deixam de fazer o que querem e precisam, e sempre encontram uma forma de chegar ao destino desejado. Uma das entrevistadas revelou que o percurso a pé de sua casa até a Casa de Convívio e Lazer Maria Haydée leva apenas 15 minutos. Mas ela tem se sentido muito cansada, e, por isso, prefere pegar um ônibus na porta de seu prédio e descer na porta da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée.

Além de fazerem suas atividades rotineiras caminhando pelo bairro, eles usam também carros próprios, ônibus, táxi e até bicicletas. Alguns idosos comentaram sobre a dificuldade de subir nos ônibus e a impaciência dos motoristas.

Dona D, 83 anos, relata problemas para andar de ônibus e de sua preferência pelos serviços de táxi:

“Me dou ao luxo de só andar de táxi! De ônibus, eu não tenho condição. A última vez que andei de ônibus veio um rapaz me empurrando só para atravessar na minha frente. O motorista ainda disse: ‘Calma, calma, eu espero!’”

Dona JA, 67 anos, também fala dos problemas que enfrenta ao andar de ônibus:

“Eu não ando de ônibus vou te dizer por quê. Eu tenho um problema no joelho e não consigo subir no ônibus, não sei se eu consigo agora. Fiquei muito tempo fazendo fisioterapia. No ônibus, o degrau é horrível, altíssimo! Para descer é pior ainda. Eu não gosto de andar de ônibus também, porque tenho medo de assalto e essas coisas. Eu faço tudo de bicicleta ou vou de carro.”

Alguns entrevistados comentaram que o ônibus do Metrô é muito bom. A gratuidade é uma grande motivação para os idosos circularem pela cidade e até passear em cidades vizinhas. Os entrevistados comentaram, também, que pontos de ônibus perto de casa facilitam a locomoção.

Dona C, 78 anos, conta como aproveita o transporte gratuito e o ponto final de ônibus na porta de casa: “Você sabe que eu vou muito pouco aqui na Gávea. Vou te dizer por quê: aqui tem ônibus e eu vou para muitos outros lugares no centro da cidade.”

O Sr. J, 84 anos, relata os benefícios de ter um ponto de ônibus perto de casa: "Tenho o privilégio de pegar o ônibus do metrô aqui embaixo. Pego o metrô, vou na cidade e volto. Ele me bota aqui na porta e ainda de graça, não pago nada."

O Sr. AN, 68 anos, relata soluções alternativas para andar de metrô com mais conforto:

"Eu, quando pego metrô, pego em horários que não são os do *rush*. Às vezes, eu ia na Biblioteca Nacional para ver as matérias do livro que estou escrevendo. Pegava o ônibus do metrô no Jockey e ia em um horário que achava que já estava mais livre. Chegava lá, entrava no metrô e chegava no centro em cinco minutos."

(3) Riscos e ameaças: A insegurança foi percebida como um fator que afeta a autonomia e a liberdade dos entrevistados. *Poder fazer as coisas sozinho* foi considerado muito importante por todos os idosos. No entanto, eles mencionaram que sinais de pedestres que abrem rápido, lugares escuros, com mendigos e risco de assalto, buracos e desníveis nas calçadas, entre outros percalços, trazem insegurança na hora de sair de casa e faz com que prefiram ter uma rotina caseira, pois a ida à rua para uma simples atividade, como fazer compras, por exemplo, pode se tornar um problema.

Dona ML, 81 anos, conta o motivo pelo qual não sai muito de casa:

"Tenho preguiça de sair de casa, não gosto muito de sair de casa, não me sinto confortável na rua. Fico tensa, prestando atenção nas coisas. O chão é todo esburacado."

Dona D, 83 anos, relata que gosta mais de ficar em casa, mas não deixa de participar de suas atividades:

"Eu prefiro fazer as coisas mais dentro de casa. Se tiver que sair, por exemplo ir à *Casa Maria Haydee*, eu participo, vou à aula de percussão e de artesanato. Minha aula de sanfona é em Copacabana, aí eu vou de táxi."

Dona E, 78 anos, relata uma queda que sofreu na rua:

"Já caí demais! Outro dia mesmo, nesse mês de setembro, quando eu estava indo para a missa. Não sei te dizer como foi, mas caí estatela no chão. Quebrei um pedaço da minha unha e fez um outro machucadinho. Não me machuquei muito e nem sujei a minha roupa, mas o óculos voou longe." (Risadas.)

Dona ML, 81 anos, fala dos obstáculos que encontra em seus caminhos pelo bairro:

"Eu, quando vou para lá (à aula de hidroginástica), tem calçada alta e baixa e eles fizeram uns degraus horríveis, que eu fico com medo de cair. Outro dia, até

pensei em ir de bengala, primeiro porque dá segurança e depois porque quando as pessoas veem você de bengala, elas maneram mais um pouco. Digo que a bengala é meu passaporte."

Dona D, 83 anos, revelou que teve medo de andar na rua sozinha:

"[...] Às vezes, eu vou andando e no meio do caminho, se eu não me segurar, tenho medo de cair e aí sempre tem um molequinho atrás de você que quer puxar sua bolsa e tudo. Eu fico com medo de cair, porque sofri um acidente e, nessa perna aqui, fiquei com problema e não tenho segurança nela."

Os lugares que apresentam riscos e ameaças no bairro e marcados como "ponto de perigo" no *mapa relacional* foram os mesmos. São eles:

- 1 - O sinal na frente do Shopping da Gávea, na rua Marquês de São Vicente, que abre muito rápido.
- 2 - A esquina da rua das Acácias com a rua Marquês de São Vicente, pois os carros entram rápido e sem sinalizar com setas.
- 3 – A esquina da rua Embaixador Carlos Tailor com a rua Marquês de São Vicente, pois, além dos motoristas entrarem rápido e sem sinalizar com setas, esse ponto também anda tendo muito assalto.
- 4 – Trecho em obra na esquina da rua Marquês de São Vicente com a rua vice-Governador Rubens Bernardo, que fica muito escuro e onde acontecem assaltos à noite.
- 5 – A calçada da avenida Padre Leonel Franca, que apresenta trechos com desníveis e buracos.
- 6 – A esquina da rua Manoel Ferreira com a avenida Padre Leonel Franca, pois os motoristas entram rápido na pista e não sinalizam com setas.
- 7 – O terminal de ônibus em frente à PUC, cujas calçadas são tomadas por barracas e as bicicletas não têm espaço para passar e acabam circulando nas calçadas, representando risco de atropelamento.
- 8 – O retorno da avenida Padre Leonel Franca, debaixo do viaduto de acesso ao túnel Rafael Mascarenhas, foi levantado como um ponto de assalto constante.

5.4.2.

Categoria Bem-estar

Nessa categoria foram agrupadas demandas relacionadas ao bem-estar mental. São elas: (1) religiosidade; e (2) otimismo.

(1) Religiosidade: Os entrevistados, em sua maioria, eram católicos, e demonstraram ter fé. Dona D, 83 anos, explica que é católica, mas, por limitações físicas, passou a assistir à missa em casa: “Eu vejo aqui em casa na televisão. Sei que não é muito permitido, mas eu tenho problema na minha perna.”

Encontramos, na maioria das casas visitadas, imagens religiosas, objetos e livros relacionados a crenças e orientação espiritual. Um casal espírita contou que se reúne regularmente para estudar e mostrou um livro assinado por Chico Xavier.

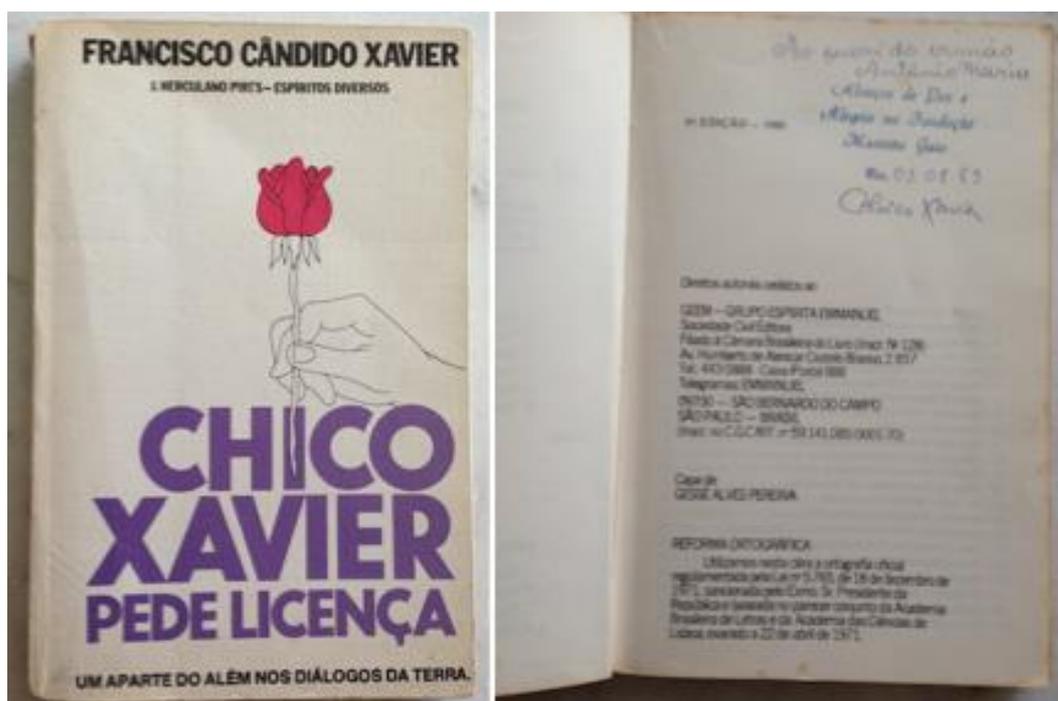


Figura 63. Livro com dedicatória de Chico Xavier.

Apenas uma das entrevistadas demonstrou não ser muito ligada à religião. Ela revelou, contudo, que tem uma relação estreita com a natureza e que lhe faz bem contemplar as árvores que avista de sua janela.

O Sr. J, 84 anos, relata sua relação com a religião:

“Eu atualmente sou um estudante da Bíblia. Eu estou um pouco afastado [da igreja], não estou participando. Mas gosto e respeito. Eu não estou frequentando, mas não esqueço. Em uma época de tamanha violência e as coisas como estão, tem que reservar um tempinho para pensar um pouquinho no Criador.”

Dona E, 78 anos, relata que vai com frequência à igreja:

“Eu vou no domingo e tem a primeira sexta-feira do mês, aí eu digo [para as pessoas da igreja]: ‘Gente, me tira de umas coisas porque eu também não vou viver na igreja’. Disseram que era só a primeira sexta-feira do mês, agora tem isso, tem aquilo... e nem sempre a gente pode ir, a gente tem outras coisas.”

(2) Otimismo – Buscar ver sempre o lado positivo da vida foi um ponto abordado e observado nas conversas com os entrevistados. Muitos, quando nos contavam algo que poderia parecer um problema, como um tombo que levaram na rua, acabavam rindo de si mesmos. O Sr. J, 84 anos, contou que em sua barraca na praia é proibido falar de coisas ruins e falou do estatuto do seu *point*:

“Eu sempre gostei de olhar mais o lado positivo. Problemas todo mundo tem. Só no céu que não tem, mas eu também não quero ver se tem, não: quero ficar aqui. Eu não gosto de falar de doença. Temos lá no *point* o estatuto que eu fiz. O que pode e o que não pode fazer. Porque tem velho que gosta de falar de doença, e quantos comprimidos toma. Para que falar disso? Proibido falar em desgraça. Lá é uma coisa para você chegar cheio de problema, com a cabeça fervendo... aí quando sai de lá, sai leve. Não pode falar de coisa ruim. E política também não pode falar! Futebol está incluído nas coisas boas que pode falar; mulher à vontade!”

Dona D, 83 anos, conta como passou a ver a vida depois de mais velha:

“Com a idade fui tendo mais calma e paciência, e passei a interpretar a vida de um modo diferente, porque já passei por tantas coisas, né?! Você passa a valorizar o que realmente tem valor, as outras coisas passaram a ser banalidades.”

5.4.3.

Categoria Cidadania

Nessa categoria foram agrupadas demandas relacionadas ao engajamento social. São elas: (1) novos compromissos e *hobbies*; e (2) vontade e disponibilidade de ajudar.

(1) Novos compromissos e *hobbies*: Todos os entrevistados assumiram novos compromissos após a aposentadoria, e os levam muito a sério. Para esses idosos, ter compromissos faz com que eles se sintam úteis, além de elevar sua autoestima e inibir a depressão. Manter uma rotina com atividades domésticas, familiares, de trabalho ou lazer foi uma realidade de todos os participantes. Muitos têm agendas com todos os compromissos anotados e se preocupam em cumpri-los.

Os compromissos de nossos entrevistados são diversos. Entre as atividades que eles gostam de fazer estão andar de bicicleta, sair para dançar, beber cerveja com os amigos, participar de corais, fazer aula de acordeom e nadar. Há também os que buscam novos trabalhos remunerados.

O Sr. J, 84 anos, que vende salgados na praia, relata sua atual visão sobre trabalho:

“Eu quero trabalhar assim: o dia que eu quero, eu vou. O dia que eu não quero, eu não vou. Não tenho que dar satisfação para ninguém. Assim eu quero ficar trabalhando. Eu tenho proposta do meu antigo patrão, ele me dá a casa para eu ficar trabalhando e tomar conta, mas eu digo *não*. Tomar conta de casa, lidar com empregado, aí eu digo não.”

Curiosamente, a maioria das mulheres entrevistadas não gosta de cozinhar e compra quentinha ou comida congelada. Apenas uma tem como *hobby* a cozinha. Entre os homens entrevistados, apenas um, que é vegetariano, cozinha todos os dias.

Dona C, 78 anos, descreve sua rotina:

“Tomar uma cervejinha, arrumar a casa, comer bem, passear. Uma vez por semana nós vamos almoçar na churrascaria e vamos no Makro [supermercado] fazer compra.”

Dona D, 83 anos, relata o compromisso com a atividade que pratica:

“Acordeom tem que treinar porque a gente vai para Conservatória tocar. A gente vai uma vez por ano e se apresenta na missa. Eu toco, faço casaquinho, só não pinto mais.”



Figura 64. Dona D ensaia a música da apresentação que iria fazer na cidade de Conservatória, no Estado do Rio de Janeiro.

(2) Vontade e disponibilidade de ajudar: Muitos de nossos entrevistados contaram a respeito de alguma ação que fizeram em prol de uma causa, uma pessoa ou uma comunidade. Ter responsabilidades e ajudar os outros traz para esses idosos um senso de utilidade: seja cuidar dos netos, ajudar a antiga babá ou até mesmo dar uma informação para uma pessoa perdida na rua.

O Sr. AN, 68 anos, conta que uma vez por mês pega a ex-babá, que está com 94 anos, no alto da Gávea para levá-la ao banco, que fica no Shopping da Gávea: “Ela trabalhava com minha mãe antes dela casar. Todo mês ela tem que passar no *Itaú* para receber a aposentadoria. Aí eu pego ela lá em cima.”

Dona JA, 67 anos, fala sobre a campanha que está organizando com sua filha para uma criança que teve meningite e precisa de ajuda:

“A minha filha está fazendo uma campanha para um garotinho [...] para recolher doações. Nós começamos a fazer juntas, eu fiquei recolhendo do pessoal da Gávea. Toda hora vem uma amiga trazer alguma coisa. Colocamos no *Facebook* e o negócio está crescendo, graças a Deus.”

Dona D, 83 anos, conta que faz sapatinhos de tricô para doar:

“Eu faço para mandar para minha cunhada em Brasília, eles têm um negócio de distribuição. Ela tem uma creche lá. No meio e no fim do ano, reúnem umas vinte pessoas carentes e fazem um enxovalzinho. Como ninguém sabia fazer sapatinhos, eu passei a fazer os sapatinhos. Quando vem aqui, ela leva.”



Figura 65. Os sapatos de tricô feitos por Dona D para doação.

Eles também demonstraram gostar de passar suas experiências e ensinamentos adiante. Com eles, aprendemos a fazer calda de chocolate para sorvete e a cuidar de plantas. Dona C, 78 anos, nos ensinou a fazer um bom feijão:

“Você quer fazer um feijão bom de verdade? Não deixe de botar dois pedacinhos de carne seca, e uma calabresa *Sadia*... Aí, quando você colocar para cozinhar na panela de pressão, você coloca um dente de alho, uma rodela de cebola e uma folha de loro. Quando estiver cozido, você faz um refogado de alho e coloca o feijão.”

5.4.4.

Categoria Sociabilidade

Nessa categoria foram agrupadas demandas relacionadas às relações sociais dos maiores de 60 anos. São elas: (1) vínculos familiares; e (2) vínculos sociais.

(1) Vínculos familiares: A maioria dos participantes demonstrou o desejo de manter e fortalecer os vínculos com seus familiares, principalmente netos e filhos. Muitos recebem visitas frequentes de parentes em suas casas. Esses, muitas vezes, são, também, seus maiores laços de amizade. Eles também se preocupam em cuidar dos netos e filhos, contribuindo com a criação e, em alguns casos, até mesmo com suas despesas.

Dona D, 83 anos, relata que abriu mão do seu apartamento para a neta morar:

“Quando a minha neta casou, então eu cedi minha casa para ela. Sabe como é que é, né!? Começo de vida tudo é mais difícil. Eu morava aqui na Gávea, aí eu fui morar de aluguel em Copacabana. Quando soube que ia ser bisavó, voltei para a Gávea e aluguei esse apartamento aqui do lado dela.”

Dona JA, 67 anos, conta que sempre recebe a família em sua casa:

“A família está sempre aqui. Sábado foi aniversário de um ano do meu netinho. Aí fizemos aqui no salão de festas do prédio uma festinha. Veio só a família e tinham [sic] 25 pessoas.”

O Sr. A, 75 anos, também relata que sempre recebe alguém da sua família em casa:

“Aqui vem sempre a minha irmã. Ela está fazendo um tratamento lá na PUC. Às vezes não dá para ela voltar para a casa dela, então dorme aqui. Ontem ela veio e ficou, ela e o marido. Aí faço um jantar, uma comidinha. Ontem eu fiz carne assada, arroz e feijão. O marido dela trouxe uma rosquinha que ele faz e trouxe angu de banana.”

(2) Vínculos sociais: Conhecer pessoas, mesmo sem ter grandes laços afetivos, foi muito valorizado pelos entrevistados. Muitos sabem o nome dos entregadores, dos garçons e dos atendentes de loja. Os participantes que frequentam a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée demonstraram ter mais relações de amizade com pessoas da mesma idade. A igreja, as academias e os bailes também foram identificados como importantes espaços de sociabilidade. Além desses, as áreas comuns dos prédios e o banco foram citados como lugares para conhecer novas pessoas.

Ter com quem conversar e partilhar momentos também foi um ponto muito valorizado, além de fazer novas amizades e ter contato com pessoas mais jovens. Alguns ressaltaram a dificuldade de fazer e manter uma amizade nessa idade.

Dona E, 78 anos, mora sozinha e demonstra a importância de ter alguém pra conversar: “Eu fico doida para a faxineira chegar aqui para eu conversar com ela, nos damos muito bem. Ela já está comigo há 17 anos... Ela vinha duas vezes no mês, agora só uma vez no mês.”

Dona D, 83 anos, conta sobre as novas colegas que fez no prédio:

“Tenho umas *coleguinhas* novas aqui no prédio. Elas são da Casa Maria Haydée. A gente joga baralho, a gente joga no sábado. Eu as conheci aqui e elas que me levaram para a Casa Maria Haydée... Sou meio retraída: se as pessoas vêm falar comigo, eu falo, mas eu não tomo a iniciativa.”

Dona D explica, ainda, a diferença entre amigas e colegas:

Eu considero colegas pelo seguinte: primeiro, ninguém vai na casa de ninguém, ninguém dá telefone para ninguém, é pelo interfone. Por isso eu não considero como amizade, porque se você é minha amiga você tem meu telefone e tudo, até mesmo para uma hora de emergência você poder socorrer ou não.”

Dona E, 78 anos, revela o esforço que faz para preservar uma amizade:

“Segunda-feira, às vezes, eu vou na Tijuca. De 15 em 15 dias eu vou lá, vou fazer as unhas no Maracanã com uma amiga. Ela era nora de uma amiga minha do trabalho. Ela vinha aqui, mas um dia eu disse assim: ‘Minha filha, eu sou aposentada e não pago ônibus.’ Eu vou lá e assim a gente mantém a amizade. Ela é muito boazinha!”

Dona JA, 67 anos, se ressentida da falta de relações sociais:

“Recebia muitos amigos aqui. Agora estamos meio parados, mais a família mesmo. Eu estou sempre para chamar os amigos. O que acontece com a vida da gente, é que os nossos amigos acabam sendo os amigos do marido, você vai seguindo essa rota. Quando ele saiu do jornal, ele parou, se afastou muito das pessoas, aí o troço diminuiu. Ficou menos sociável, estamos com a vida mais parada... Eu sinto uma falta danada! Quero ficar saindo e ele não quer nada.”

Muitos afirmaram que a perda de amigos está se tornando cada vez mais corriqueira. O Sr. J, 81 anos, contou a morte de um conhecido do bar:

"De vez em quando, um desaparece. Quando não aparece [no bar], a gente já sabe, aquele fulano já era. Isso aconteceu na semana passada, foi um com 96, boa gente. Levou uma queda na porta, na entrada do prédio. A mocinha que acompanhava ele largou a mão dele para abrir a porta do prédio. Ele fraturou o fêmur e foi para o hospital e tal. Internado, aquela coisa, deitado, e aí deu pneumonia. Dali acabou. Mas viveu 96 anos lúcido."

Além de amizades, um dos participantes contou que começou a namorar depois de viúvo e agora já está com uma segunda namorada. Ele descreveu, com caneta azul, um dia do casal no "Diário Bipolar".

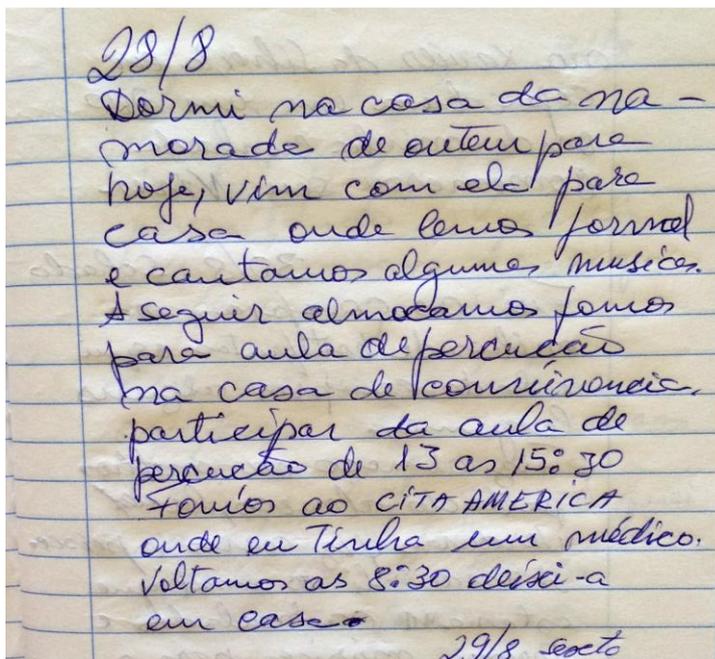


Figura 66. Relato sobre a rotina de Sr. A com a namorada no "Diário Bipolar".

5.4.5.

Categoria autoestima

Nessa categoria foram agrupadas demandas relacionadas ao cuidado consigo mesmo: (1) autocuidado; e (2) vulnerabilidade.

(1) Autocuidado: Todos os entrevistados se mostraram preocupados em manter a saúde física e mental. Eles praticam aulas de dança, de ginástica e natação e buscam manter uma alimentação saudável e equilibrada.

O Sr. AN, 68 anos, conta sobre seus passeios, diários, de bicicleta:

“[...] Saio meio-dia e só almoço umas três da tarde. Depois dou uma descansada porque é cansativo, são muitos quilômetros. Vou rápido. Não vou devagar, não. Pedalo forte, aí dou uma descansadinha e já é praticamente a hora de pegar o João Gabriel na creche [o neto].”

Dona E, 78 anos, fala de sua prática de exercícios físicos:

“Faço academia da terceira idade na Selva de Pedra quase todos os dias. Quando eu não posso, eu aviso. Às vezes, eu vou lá para tomar a bênção, faço uns exercícios e aviso que hoje não vai dar. [...] Tenho que ir pelo menos umas três vezes na semana, não posso deixar de ir.”

O Sr. A, 75 anos, conta que resolveu voltar a se cuidar, pois está acima do peso:

“O médico sempre fala: ‘Vai fazer natação’, e eu precisando, porque a danada aqui está crescendo para caramba (referindo-se à barriga). E meu filho falando: ‘Pai, volta a nadar’. Porque eu nadei muito tempo, no Flamengo mesmo!”

Alguns entrevistados também relataram fazer exercícios que estimulam a memória, pois têm medo de ter doenças como o Alzheimer.

Dona C, 78 anos, fala sobre sua preocupação com a perda de memória e diz que faz crochê para preveni-la:

“Isso aqui [o crochê] é bom para a cabeça porque a gente tem que contar. Eu acho que eu não vou ter mal de Alzheimer, não. Tem que prestar atenção para fazer crochê, porque tem que contar.”

O cuidado com a aparência também se mostrou presente na rotina de muitos entrevistados. Eles se preocupam em cuidar do corpo, fazer dieta e se produzir. As mulheres gostam de se arrumar e algumas mencionaram a dificuldade de encontrar roupas do estilo que gostam.

Dona D, 83 anos, relata que ficou impressionada com a elegância das idosas na primeira vez que foi ao “Baile das Velhas”:

“Eu tenho roupa de ficar em casa, roupa de sair e roupa pra lugar frio. Roupa pra ir ao Baile das Velhas, que se vende lá! Poxa, queria que você visse. A primeira vez que fui, fiquei até humilhada, elas se produzem muito.”

Dona JA, 68 anos, expressa o seu desejo de cuidar do corpo:

“Eu estou procurando um SPA urbano. Você vai, se interna, passa o dia fazendo exercício, faz dieta e volta para casa à noite para dormir. Só que não tem! Se vocês descobrirem algum, me avisem! Tem um monte de SPA que eu queria tanto ir. Aí eu digo para ele [o marido]: ‘Vamos comigo, você não precisa fazer SPA, é como se fosse um hotel’. Mas não, ele não quer.”

Dona D, 83 anos, conta que se preocupa com seu peso, mas não abre mão de uma “guloseima”:

"Eu tenho uma alimentação mais regrada, dificilmente eu vou comer um doce, só de tarde na hora do lanche que eu como uma coisinha dessas assim. Eu gosto de ter sempre um bolo. Eu sou gorda não sei por que, eu podia ser mais magrinha. Todo mundo diz que estou bem."

Além do cuidado com a saúde, com a alimentação e a aparência, os idosos entrevistados se mostraram muito atentos e cuidadosos com a sua integridade física.

Dona D, 83 anos, conta como evita acidentes em casa:

"Na terça ela [a empregada] vem. Coitada, tudo eu faço com ela, porque [os parentes] já não querem que eu suba em um banquinho porque posso escorregar e cair. O pior é agora porque, se cair, já não conserta mais. A gente aproveita, tudo que eu tenho que fazer que dependa de um apoio, eu faço quando ela está aqui."

(2) Vulnerabilidade: Muitos dos entrevistados têm a percepção de que a sociedade enxerga os velhos como pessoas vulneráveis e se sentem visados. Um entrevistado relatou que, agora que está mais velho, sente que é abordado com mais frequência pelas pessoas na rua. Durante a conversa, ele lembrou a abordagem de um desconhecido: "Ele me perguntou se eu estava passeando e insistentemente foi atrás de mim." O mesmo idoso também relatou que foi abordado por um suposto vendedor de rua que apelou para uma suposta falta de memória do entrevistado, tentando conquistar sua confiança.

Além de relatos de tentativas de assalto, muitos mencionaram que os bancos tentam empurrar empréstimos e títulos de capitalização. Alguns dos nossos entrevistados disseram que não aceitam esses serviços, mas outros seguiram o conselho dos gerentes.

Uma das entrevistadas relatou que tem trinta títulos de capitalização e não demonstrou arrependimento por isso:

"Eu faço tudo aquilo que eles oferecem de título de capitalização, mas até hoje eu não tive prejuízo, não. Eles me empurraram tantos que foram trinta. É uma forma de garantir que o dinheiro está guardado lá! Posso tirar em dois anos. Pode até resgatar, mas não tem lucro nenhum. E eu assinei, e quando assinei vieram trinta papéis. Mas tudo bem. Eu continuei, mas meu filho acha que isso não é vantagem nenhuma."

Dona JA, 67 anos, conta sobre um gerente que tentou empurrar um produto para ela:

"[...] gerente de banco é assim. Eu discuti com o gerente! Ele me empurrou um cartão e eu disse: 'Vim aqui para te pedir uma opinião, eu queria ver se podia tirar um dinheiro'. Aí eles te empurram: 'Você gerencia tão bem a sua conta, não quer um cartão novo, não?'"

Dona C, 78 anos, contou, indignada:

“Você, idoso, chega e eles querem botar você para fazer empréstimo consignado... Eu [não faço] de jeito nenhum! Eu fico com uma pena. Lá no banco, todo mês, naquele lugar onde tem pro pessoal fazer o negócio, tem cinco ou seis idosos. Dá uma vontade de dizer: ‘Meu filho, não faz isso’. Outro detalhe, um absurdo o que vou dizer: tem pessoas que não sabem fazer cálculo. Mas eu sei, quero dizer: eu não vou fazer um empréstimo de R\$ 2 mil e pagar R\$ 8 mil. Eles fazem em sessenta vezes para obrigar as pessoas.”

5.4.6.

Categoria vontade de saber mais

Com os resultados da pesquisa e entendendo melhor o nosso público, confirmamos que suas demandas são de todas as ordens: desde as de ordem mecânica, como o sinal de pedestre abrir e fechar mais lentamente, de modo a permitir que eles atravessem a rua com segurança, até as de caráter afetivo, como terem com quem conversar e oportunidades de fazer o bem e se sentirem úteis. Constatamos que muitas das demandas encontradas em campo não eram de ordem mecânica e diziam respeito a ações referentes às categorias do Design Emocional.

Dentre essas demandas, porém, apareceu algo que nos chamou muita atenção: a *vontade de saber mais* expressada numerosas vezes pelos participantes. Ao longo da pesquisa, fomos percebendo a relevância do conhecimento e aprendizado na vida de nossos informantes. Na análise das entrevistas, declarações como "eu gostaria de saber mais", "eu queria aprender", "eu faço aula de", "gosto de conhecer outras culturas", "tenho vontade de saber mais", "eu tenho interesse em", apareceram repetidamente e se destacaram em muitos discursos. Os entrevistados demonstraram interesse pelo que acontece ao seu redor e o desejo de saber mais sobre assuntos variados. Devido à importância desse tema na vida dos entrevistados, foi criada a categoria "Vontade de saber", que englobou: (1) vontade de aprender e estar atualizado; (2) vontade de aprender mais sobre tecnologia; e (2) vontade de conhecer outras culturas e lugares.

(1) Vontade de aprender e estar atualizado: Os entrevistados demonstraram o desejo de conhecer e aprender coisas novas. Muitos deles participam de cursos nos quais buscam desenvolver novas habilidades ou adquirir mais conhecimento e informação.

Dona ML, 81 anos, fala sobre cursos que gosta de fazer:

"[...] já fiz uns cursos, agora vou fazer outro. Tem sempre curso do CCE [Coordenação Central de Extensão da PUC-Rio], eu já fiz uns quatro cursos. Fiz um de contador de histórias... todos sobre narrativa, literatura, comunicação oral, contação de história. Agora esse último que eu fiz foi de narrativas nos arquétipos, que têm nas histórias de fada. Maravilhoso, o curso."

D, 83 anos, fala de seu interesse por aprender:

"Tenho vontade de aprender, eu tenho sempre! Isso pode ter certeza. Se você chegar e me disser que inventou uma coisa que faz essa florzinha ficar roxa, eu te digo: 'Então me ensina'. Isso é quase que imediato. Sabe?, eu tenho essa curiosidade até hoje. Eu não perdi o interesse."

Dona MC, 77 anos, fala das suas atividades para se manter atualizada:

"Eu estudo Inglês, faço muitas coisas... Faço na Maria Haydée. Hoje eu vim de uma aula de lá, mas faço também no Leblon. Terça e quinta, às oito e meia. Aí eu vou andando daqui ao Leblon e volto. Aqui eu também faço o meu Sudoku e leio os meus livros. Leio um livro atrás do outro."

A maioria relatou que assiste ao jornal na TV para se manter informado.

Em algumas visitas foram levantados assuntos políticos relacionados às eleições ou sobre os conflitos no Oriente Médio e quase sempre, quando chegávamos às casas, as TVs estavam ligadas. Muitos dos nossos entrevistados disseram buscar informação por meio das mídias e que essa é uma forma de aprender também.

O Sr. J, 84 anos, relatou que não teve possibilidades de estudar, mas aprendeu muito com a mídia:

"Eu estou sempre atualizado pela mídia, qualquer tipo de mídia é a melhor forma de se atualizar. Eu tenho que utilizar muita mídia porque eu sou um autodidata. Eu não tenho nenhuma escolaridade além do primário, porque eu só tenho até a terceira série primária. Mas felizmente é isso, a mídia me ensinou a viver nesse tempo. E eu sempre gostei muito de aprender com quem sabe."

(2) Vontade de aprender mais sobre novas tecnologias: Muitos participantes usam o computador com frequência para falar com familiares que moram longe, para ver vídeos no *Youtube*, acessar redes sociais, escrever, pagar contas e fazer consultas sobre assuntos variados.

Dona JA, 67 anos, conta como paga suas contas de casa:

"Agora eu pago tudo pela Internet. E quem paga tudo sou eu, quem faz tudo sou eu: ele [o marido] não vê nada. Ele fica perdido nas senhas e nos papéis. Às vezes ele vai ao banco para mim, quando tem que pagar no banco."

O Sr. A, 75 anos, conta sobre as atividades que realiza no computador:

"Às vezes, fico no computador um pouquinho, vendo os e-mails. Às vezes, invento umas coisas. Me convidaram agora para cantar no coral do Flamengo e

fico ensaiando as músicas, né! Ele [o professor de música] manda as músicas por e-mail pra gente ir treinando.”

Dona ML, 81 anos, conta como usa o computador:

“Escrevo no computador já há bastante tempo. Hoje tenho *Facebook*, uso bastante. Eu não gostava antes de conhecer, mas a minha filha e a minha irmã falaram que eu tinha que fazer [uma conta na rede social]. Elas me fizeram entrar lá e eu entrei, agora estou achando até que tenho que sair, é tanta gente falando de um monte de coisa diferente e tem mais informação do que nos noticiários de televisão.”

Apesar de usarem o computador e o *smartphone*, muitos demonstraram vontade de aprender mais sobre alguns programas, como, por exemplo, o *Skype*, ou como salvar imagens das câmeras digitais.

Dona D, 83 anos, conta sobre as dificuldades que encontra com seu computador:

“Tem *Skype* aqui, que ele [o filho dela] colocou, né? Mas eu não sei usar. Às vezes eu quero falar. Outro dia mesmo tentei e ela [a filha que mora na Alemanha] disse: ‘Eu não estou te vendo, mãe’. Acho que era a câmera, e acabou que a gente só se falou e não conseguiu ver coisa nenhuma. Então, eu tinha vontade realmente de aprender algumas coisas com computador. Para isso eu não sou muito esperta, não. Eu tenho dificuldade com negócio de computador.”

O Sr. A, 75 anos, também, fala de suas dificuldades :

“[...] Tenho... várias coisas que eu gostaria de aprender a fazer no computador. Eu comecei a fazer um curso na PUC, depois nunca mais fiz. Esqueci o nome, mas fizemos um exercício que a professora pediu pra gente montar uma revista sobre algum assunto [...] Então eu fiz esse trabalho. Eu parei e não sei mais fazer, arquivar coisas eu tenho dificuldade, colocar filme da máquina tenho dificuldade também.”

(3) Aprender/conhecer outras culturas e lugares: Os passeios e viagens foram destacados por todos os participantes. Além de contar o que conheceram, todos mostraram lembranças de experiências que viveram e coisas que fizeram e viram. Viajar com frequência é um objetivo de quase todos os entrevistados. Alguns contaram que as viagens são uma forma de aprender e viver a cultura do outro. Um dos participantes relatou que quando viaja faz questão de comer e fazer o que as pessoas locais fazem.

Dona E, 78 anos, conta que já viajou muito, mas agora não tem mais dinheiro:

“Eu fazia umas excursões sempre que eu podia. Quando eu estava de férias, fazia umas grandes e umas pequenas também. [...] Mas não aguento mais, a última que eu fiz foi com a igreja, que eu fui à Terra Santa. Está lá [no álbum de fotografias] o padre Geraldo fazendo a lembrança do batismo no Rio Jordão. Eu não vou mais porque não tenho mais pique e também não tenho dinheiro para isso, os dólares acabaram.”

Dona D, 84 anos, lembra oportunidades que teve para viajar:

"Você pode achar até um pouco esnobe, mas a minha filha era aeromoça. Então, a pessoa tem chance de levar pai, mãe, irmão para viagens. Todos os lugares que tenho fotografados ou retratados, eu estive lá, sabe?! Aí eu fazia, eu tirava retrato ou comprava cartão postal. Aquele [retrato] do quarto, que tenho, é do Canadá, eu também estive lá."



Figura 67. Geladeira de Dona MC, 77 anos, com lembranças de todos os lugares que ela já visitou.

5.5.

Principais desdobramentos

Como profetizou o gerontólogo Alexandre Kalache (2014) em uma entrevista para a Folha de São Paulo: "Otimizar as oportunidades de saúde, de educação continuada e participação na vida social, de modo a alimentar a qualidade de vida significa promover o envelhecimento ativo". (Kalache, 2014.)⁶²

Ficou clara a importância e os benefícios da educação continuada para os maiores de 60 anos, como igualmente seus desdobramentos, tais como assumir compromissos, manter-se atualizado e conhecer novas pessoas.

Enquanto em campo percebíamos manifestações sobre a vontade de aprender e as adequações ao novo modelo de vida advindos da aposentadoria, víamos, paralelamente, discussões e artigos demonstrando a importância da educação continuada para as pessoas que envelhecem e movimentos populares e de algumas instituições para inserir os idosos e lhes proporcionar melhor qualidade de vida. Como exemplo, vale destacar que o Senador da República

⁶²<http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2014/03/1431755-brasil-vive-revolucao-da-longevidade-diz-medico-alexandre-kalache.shtml>

Cristovam Buarque criou um projeto (o PLS 344/12)⁶³, aprovado pelo Senado, que determina que as instituições públicas de ensino superior ofereçam cursos de extensão para pessoas idosas. O objetivo é aproveitar a estrutura das universidades federais para oferecer educação e novas formas de sociabilidade aos maiores de 60 anos.

Tomando como base a importância do aprendizado, observada em campo, a relevância da educação continuada na vida dos idosos e o expresso desejo da Coordenação Central de Extensão da PUC-Rio de oferecer cursos para o público acima dos 50 anos — dado ao conhecimento do fenômeno da inversão da pirâmide etária —, demos início ao projeto “PUC-Rio mais de 50” apresentado no próximo capítulo.

⁶³ Segundo o texto aprovado pela CDH e enviado à CE, “serão oferecidos no âmbito das instituições de ensino superior, com caráter obrigatório nas universidades públicas, por meio de ações presenciais e a distância, cursos e programas de extensão para atendimento das pessoas idosas, por meio de atividades formais e não formais, na perspectiva da educação permanente”. Mais informações em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/01/17/projeto-estende-educacao-a-distancia-a-idosos>

6

Prototipando meios e formas de bem viver depois dos 60 anos: Projeto PUC-Rio mais de 50

Este capítulo apresenta o projeto *PUC-Rio mais de 50*, um serviço de educação continuada que oferece cursos, oficinas e eventos exploratórios e colaborativos para maiores de 50 anos.

A iniciativa tomou forma a partir das demandas encontradas durante o “Estudo de identificação de demandas e geração de ideias de novos produtos e serviços *‘para’* e *‘com’* os idosos moradores da Gávea”, apresentado no capítulo anterior. Encontramos nesse formato a possibilidade de atender grande parte das necessidades identificadas em campo, como, por exemplo, atualização, sociabilidade, autoestima e engajamento social. E, por compreendermos e constatarmos as significantes transformações ocasionadas pelo processo de aposentadoria na vida de um grande contingente da população, o projeto visa a atender não só pessoas que já alcançaram essa fase, mas também aquelas que se preparam para esse momento. Por isso o projeto contempla pessoas com mais de 50 anos.

A iniciativa é uma ação conjunta do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção (LABMEMO), da Coordenação Central de Extensão da PUC-Rio (CCE), dos professores e alunos de pós-graduação da PUC-Rio e do Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE).

6.1.

Demandas em forma de domínios e cursos

Entendendo o potencial da educação continuada como meio de trazer benefícios de toda ordem para a vida dos idosos e de atender o desejo de aprender expresso por eles e outras demandas encontradas em campo, surgiram ideias de cursos de curta duração para maiores de 50 anos.

O processo de criação dos cursos funcionou da seguinte maneira: toda vez que um problema, uma necessidade ou um desejo eram expressos por um de nossos entrevistados, nós — a equipe do LABMEMO — discutíamos possibilidades de resolvê-los por meio de um curso, oficina ou *workshop*.

Uma vez idealizados, os cursos foram agrupados de acordo com as categorias elaboradas na análise da pesquisa e expostas no capítulo anterior. Essas categorias foram transformadas nos seguintes domínios: Cultura Religiosa; Atualidades e Conhecimentos Gerais; Arte e Entretenimento; Revitalização Profissional e Oficinas Digitais.

Após a idealização de cursos e domínios, fizemos — junto com o CCE — uma busca de possíveis professores da PUC que dominassem os temas a serem abordados e que pudessem ser voluntários do projeto. Os professores que se dispuseram a ajudar desenharam propostas de cursos para suprir a demanda identificada por nós.

A seguir apresentamos: a motivação para a criação de cada curso e domínio; os cursos projetados; seus objetivos, programas de aulas e identidade visual.

6.1.1.

Domínio: Cultura Religiosa

Este domínio teve como base a categoria *bem-estar* e sua criação teve como motivação a importância da espiritualidade e da fé na vida de alguns de nossos entrevistados, e também o interesse deles por histórias bíblicas e assuntos religiosos. Este domínio centraliza cursos relacionados a religiões e espiritualidade.

Curso: Doenças, Curas e Medicina na Perspectiva da Bíblia



Figura 68. Filipetas de divulgação do curso.

Este curso foi proposto pelo Pe. Jesus Hortal⁶⁴ com o objetivo de examinar, à luz da revelação bíblica, desde as diversas interpretações da doença e do sofrimento humanos, até a interpretação cristã.

O curso teve carga horária de seis horas e duas aulas com a seguinte programação:

Aula 1: O pecado, a doença e o sofrimento na Bíblia do Antigo Testamento: da expulsão do paraíso à paciência de Jó. Doenças mais citadas na Bíblia e métodos de cura. Os médicos no Antigo Testamento.

Aula 2: Doença e pecado no Novo Testamento. A atitude de Jesus e da primitiva comunidade cristã. A interpretação dos dados bíblicos no recente magistério eclesiástico.

6.1.2.

Domínio: Atualidades e Conhecimento Gerais

O domínio *Atualidades e conhecimentos gerais* teve como base a categoria *identidade*, e sua criação foi motivada pela constatação de que, quando se aposentam, as pessoas buscam novos compromissos e se dedicam a assuntos e atividades que sempre gostaram, ou daquelas que tiveram vontade de aprender. Em razão de nossas entrevistas terem sido realizadas em meio a muitos fatos importantes — como, por exemplo, a corrida eleitoral no Brasil, os conflitos no Oriente Médio e a decapitação de jornalistas americanos pelo grupo terrorista do *Estado Islâmico* —, percebemos que todos estavam atentos aos acontecimentos nacionais e internacionais e interessados em conhecer e debater com mais profundidade os assuntos em pauta no noticiário, além de outros temas e fatos diversos. Este domínio centraliza cursos que abordam temas atuais da sociedade e de conhecimentos gerais.

⁶⁴ Pe. Jesus Hortal Sánchez é Doutor em Direito Canônico e Filosofia. Reitor da PUC-Rio (1995 a 2010) e Professor e Pesquisador do Departamento de Teologia. Autor de centenas de artigos, livros e capítulos de livros sobre temas da Teologia e do Direito. Mais informações em: <http://lattes.cnpq.br/5474816081285023>

Curso: Os Conflitos Atuais do Oriente Médio



Figura 69. Filipetas de divulgação do Curso.

Este curso foi inspirado nas questões de uma das entrevistadas diante da capa de uma revista semanal com imagem da guerra entre palestinos e israelenses. Ela afirmava não conseguir entender por que os povos do Oriente Médio brigam tanto e o motivo das tamanhas barbaridades cometidas entre eles.

Mais uma vez, Pe. Jesus Hortal, especialista no assunto, se dispôs a discutir o tema por meio de um curso com o objetivo de compreender os atuais conflitos, políticos e religiosos, no Oriente Médio, à luz da História e do complexo equilíbrio de forças na região. Explorar as possibilidades de solução.

O curso teve carga horária de seis horas em duas aulas, com a seguinte programação:

Aula 1: O Oriente Médio, berço da civilização. O surgimento das três religiões monoteístas e o seu relacionamento mútuo ao longo dos séculos. A dispersão do povo judeu.

Aula 2: O surgimento do sionismo. A colonização da Palestina e o surgimento do Estado de Israel. O panorama religioso do Oriente Médio. Os conflitos armados e as tentativas para chegar a uma paz completa. O papel da Igreja Católica. As perspectivas atuais.

Curso: A Repercussão Gráfica da Passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil



Figura 70. Filipeta de divulgação do curso.

Este curso teve como motivação a importância de ativar a memória. Neste sentido, Nádia Leschko, doutoranda em Design da PUC-Rio, foi convidada a desenvolver um curso sobre o tema de sua pesquisa de doutorado no campo de Memória Gráfica Brasileira: *A Passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil*. O curso teve os seguintes objetivos: apresentar o universo da Memória Gráfica Brasileira e a importância dos impressos da vida cotidiana; relatar a passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil com base em imagens de jornais, revistas, embalagens e outros suportes gráficos; exercitar a memória coletiva a partir de debate sobre suportes e lugares de memória.

O curso teve carga horária de seis horas e duas aulas com a seguinte programação:

Aula 1: Apresentação dos participantes e do curso. O emergente campo da Memória Gráfica Brasileira e seus objetos de pesquisa. A passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil. Complementarmente, os participantes seriam solicitados a trazer seus próprios objetos de valor afetivo e memoráveis daquela época.

Aula 2: Apresentação e discussão sobre os suportes e lugares da Memória Coletiva.

Curso: Fenômenos Físicos Extraordinários da Natureza



Figura 71. Filipeta de divulgação do curso.

Este curso foi elaborado com vista a atender o interesse de nossos entrevistados em viajar e conhecer novas culturas e lugares e sua proposta foi explicar os fenômenos extraordinários da natureza como auroras boreais, gêiseres e plânctons luminescentes. Assim, o professor Hortêncio Borges, Doutor em Física e Professor e Pesquisador do Departamento de Física da PUC-RIO, foi convidado a ministrar o curso que teria seis horas de carga horária e duas aulas para apresentação de fenômenos naturais a partir de fotos e vídeos. As explicações da física contemporânea e sua aplicação dos demais setores da vida cotidiana.

6.1.3.

Domínio: Arte & Entretenimento

Este domínio foi criado com base no interesse demonstrado pelos nossos entrevistados em praticar e aprender atividades ligadas às artes, tais como música, teatro e dança.

Curso: The Beatles: História, Arte e Legado



Figura 72. Filipeta de divulgação do curso.

Este curso foi ministrado pelo professor Eduardo Brocchi, doutor em Engenharia Metalúrgica, Professor e Pesquisador do Departamento de Ciência dos Materiais da PUC-Rio, e também beatlemaníaco confesso, organiza e coordenada o curso de extensão sobre a banda junto ao Departamento de Letras da PUC-Rio. O curso teve como objetivo relatar a história da memorável banda de *rock* britânica formada nos anos 60, destacando suas composições e as fases de formação, crescimento, consolidação e separação.

O curso teve carga horária de 12 horas e quatro aulas com a seguinte programação:

Aula 1: O encontro entre os participantes e a formação da banda. Influências musicais e as primeiras tentativas autorais.

Aula 2: O crescimento artístico da banda seguido do domínio de Liverpool, da Inglaterra, dos EUA e do mundo.

Aula 3: Consolidação da banda e novas investidas artísticas. A fase do psicodelismo e de novas descobertas. O auge da banda e o início da separação.

Aula 4: A separação e a carreira individual dos seus integrantes.

6.1.4.

Domínio: Revitalização Profissional

Este domínio teve como base a categoria *cidadania* e a constatação de que, ao se aposentar, alguns idosos se engajam em novas atividades e empregos. Vimos também que nessa nova fase de suas vidas muitos buscam aprimorar ou encontrar novas competências e habilidades que lhes tragam prazer e satisfação. Vimos ainda que há aqueles que querem continuar trabalhando, mas precisam se rever profissionalmente. Este domínio abrange atividades para potencializar empreendimentos, projetos e sonhos profissionais.

Curso: Exposição e Comercialização de Produtos: potencializando seu negócio



Figura 73. Filipeta de divulgação do curso.

Este curso foi motivado pela constatação de que alguns entrevistados têm interesse em comercializar os produtos que criam. Dona C, 78 anos, nos contou que faz panos de prato como uma alternativa de renda extra no final do ano. Dona D, além de sapatinhos, faz roupinhas e cachecóis de lã e contou que nunca pensou em vender sua produção pessoal porque não sabe vender.

Com base em nossas entrevistas na produção pessoal de outros idosos, o curso teve como objetivo instrumentalizar o aluno com técnicas e métodos para avaliar, valorizar, aperfeiçoar e viabilizar seu próprio negócio ou produto.

A convidada para ministrar o curso foi Mônica Saddi, doutora em Design, professora e pesquisadora do Departamento de Artes & Design. Ela também é

coordenadora e professora do curso de extensão *Design para Ponto de Venda: estratégia, identidade e experiência*.

Com uma carga horária de seis horas, o curso foi organizado em duas aulas, com a seguinte programação:

Aula 1: Apresentação dos participantes e seus respectivos produtos. Dinâmica de análise participativa para identificação do diferencial e atributos de valor dos produtos. Apresentação dos conceitos de identidade e valor de marca.

Aula 2: Introdução à análise SWOT: trabalhos em grupo (1) para identificação de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças dos produtos em questão; e (2) para consolidação da identidade e identificação de oportunidades de aperfeiçoamento do produto para comercialização.

6.1.5.

Domínio: Oficinas digitais

Este domínio teve como base as categorias *sociabilidade* e *vontade de aprender mais sobre novas tecnologias*, e a identificação de um público com interesse em usar ferramentas digitais para manter, fortalecer e criar novos vínculos sociais. Ele concentra atividades que contribuem para o conhecimento, exploração e uso prático de ferramentas e serviços digitais.

Aula de Vídeo Chamada por Skype

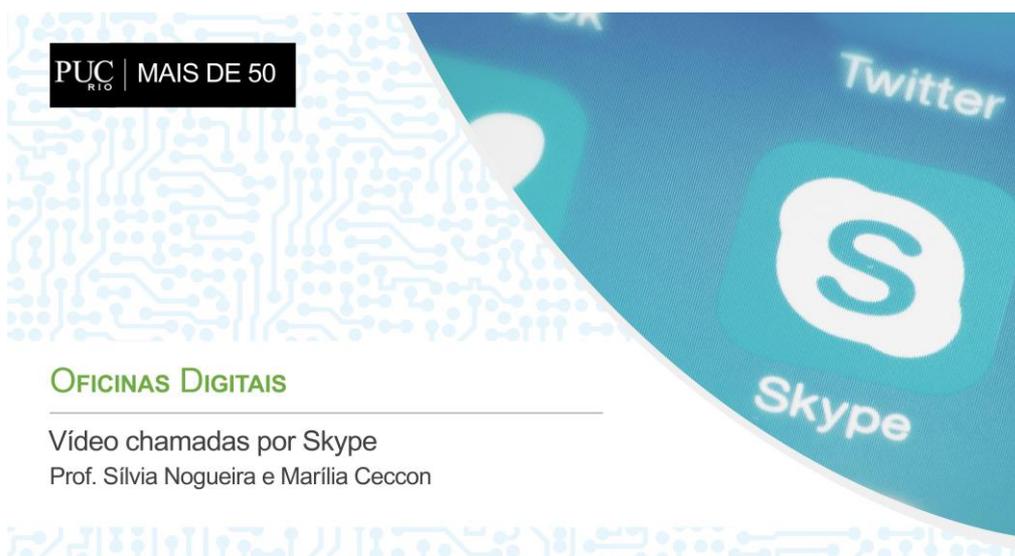


Figura 74. Filipeta de divulgação do curso.

Este curso foi inspirado nos idosos que entrevistamos que têm netos, filhos ou parentes que moram longe e também nos que confessaram não ser “muito bons de computador”. A vídeo chamada é uma excelente forma de aproximar, porém nem todos sabem utilizar esse novo meio de comunicação.

Buscando atender mais essa demanda, eu e Silvia Nogueira, minha companheira de estudo e pesquisa, projetamos o curso *Vídeo chamada por Skype* com o objetivo de apresentar ao nosso público as características gerais da plataforma e como usá-la para realizar chamadas de vídeo, texto, voz e telefone.

O curso teve carga horária de seis horas e duas aulas com a seguinte programação:

Aula 1: Apresentação das principais características do *Skype*. Identificação de funcionalidades como troca de mensagens de texto, chamadas de voz, vídeo e também para telefones. Cada participante criará um usuário e senha (pessoais), que lhe permitirá acessar e usar o programa.

Aula 2: Acessar o *Skype*. Localizar e adicionar amigos e familiares. Realizar vídeo-chamadas e bate-papo.

6.2.

Divulgação

Com todos os cursos-piloto programados e organizados, demos início à sua divulgação. Como se tratava de um teste e todos os cursos foram oferecidos gratuitamente, buscamos atingir tão somente os familiares de alunos, professores e funcionários da PUC-Rio, os ex-alunos da Coordenação Central de Extensão com idade acima de 50 anos, os frequentadores da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée e os moradores da Gávea participantes da pesquisa de campo.

Para isso, foram criados cartazes e cartões individuais com a informação completa de cada curso e *e-mail marketing*. A divulgação do material impresso foi feita na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, nos murais dos departamentos de unidades da PUC-Rio, e no Jornal *PUC Urgente*, que circula na universidade. Foi enviado *e-mail marketing* para alunos e ex-alunos do CCE com mais de 50 anos. Foi disponibilizada uma área, no *site* do CCE, com todas as informações dos cursos oferecidos e as opções de matrícula. Foram feitas também postagens na página do CCE no *Facebook*. Para finalizar a divulgação,

voltamos pessoalmente à casa de cada entrevistado para convidá-lo a participar dos cursos que, afinal, foram inspirados por eles, nossos coautores.

Os interessados realizaram matrícula pelo *site* ou pela central de atendimento da CCE. Os atendentes do canal 0800 foram orientados por nós a esclarecer todos os tipos de dúvidas sobre o projeto e o procedimento de matrícula. O pré-requisito para participar dos cursos era ter mais de 50 anos. No entanto, também foram abertas vagas para pessoas com menos de 50 anos, a fim de testar a aceitação do público a uma possível relação intergeracional.

6.3.

Estrutura geral dos cursos

Os cursos tiveram início no dia 3 de novembro de 2014 e foram finalizados no dia 18 de dezembro. Todas as aulas tiveram carga horária de três horas, e, como a intenção era, também, proporcionar um espaço de sociabilidade para os alunos, todos os cursos tiveram intervalos, nos quais eram oferecidos pequenos *coffee breaks*.



Figura 75. Alunos no *coffee break* durante a aula do Pe. Hortal.

Em todas as aulas havia um funcionário do CCE e algum integrante do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Design, Memória e Emoção. Ao chegar para o curso, o aluno era convidado a assinar uma pauta, e Felipe, o funcionário do CCE, entregava-lhe um caderno, com logomarca da PUC-Rio, para anotações. Antes do início de cada curso, a professora Vera Damazio explicava que as aulas eram um protótipo de design de serviço de educação continuada, falava sobre a origem do projeto e agradecia a todos pela presença.

Os cursos foram oferecidos no CEPE, na PUC-Rio e na unidade da PUC-Rio na Barra da Tijuca, em horários e dias da semana variados.

6.4.

Avaliação dos cursos

Ao final de cada curso os alunos receberam uma ficha de avaliação que continha os seguintes campos a serem respondidos: (1) Indique na escala de um a cinco o que representou para você conviver com pessoas com menos de 50 anos durante as aulas; (2) o que motivou você a participar desse curso: o professor, o tema, ser na PUC-Rio ou a gratuidade?; (3) indique os pontos negativos e positivos do curso; e (4) dentro do domínio correspondente ao seu curso, que outro assunto você gostaria de conhecer/aprofundar/desenvolver? Cabe ressaltar que no item 2 o aluno poderia marcar mais de uma opção. Além da avaliação por escrito, foi realizada uma avaliação em grupo, com dez pessoas que opinaram sobre pontos positivos e negativos do projeto. Apresento, a seguir, as avaliações dos cursos.

6.4.1.

Curso: Os Conflitos Atuais do Oriente Médio

O primeiro curso do projeto foi *Os conflitos atuais do Oriente Médio*, oferecido nos dias 3 e 5 de novembro, das 16 às 19 horas, no CEPE. As aulas, ministradas pelo Pe. Jesus Hortal, foram expositivas.



Figura 76. Pe. Hortal ministra sua primeira aula no projeto *PUC-Rio mais de 50*.

Ao final da segunda e última aula, os alunos pediram mais um encontro para esclarecimento de dúvidas; o professor os atendeu e agendou um terceiro

encontro, ao final do qual entregou aos alunos um CD com o conteúdo apresentado nas aulas.



Figura 77. CD com o conteúdo das aulas entregue aos alunos que participaram do curso.

O curso teve 113 inscrições e recebeu 35 avaliações feitas pelos alunos. Trinta dentre eles disseram que o que mais os motivou a se inscreverem no curso foi o *tema*. O fato de as aulas serem ministradas na PUC-Rio foi considerado um atrativo para 16 pessoas, assim como o fato de o professor ser o Pe. Hortal.

Como pontos positivos do curso foram mencionados: o tema, o conhecimento do professor sobre o assunto e a oportunidade de adquirir mais conhecimento. Um aluno relatou que o curso esclareceu suas principais dúvidas sobre o tema:

“Pontos positivos: Foi esclarecedor. Trazer a história do conflito desde os tempos bíblicos até os dias atuais foi perfeito. Fechou todos os "buracos" que faltavam para compreender no todo esse tema. A comunicação por *e-mail* e telefone foram excelentes [sic]. Não houveram [sic] pontos negativos!” (Aluno do Projeto PUC Mais de 50.)

Como pontos negativos foram levantados: pouco tempo para assimilação do conteúdo — ou seja, muita informação para poucas aulas — e falta de material impresso.

Como sugestão para outros cursos desse domínio foram sugeridos: o futuro da humanidade e destruição do planeta; História do Êxodo; ambientalismo e recursos naturais; história do Brasil; história geral; temas filosóficos; política; Primeira Guerra Mundial; conflitos atuais do estado Islâmico; e assuntos sobre nutrição, saúde física e doenças da terceira idade.

6.4.2.

Curso: Doenças, Curas e Medicina na Perspectiva da Bíblia

O curso foi oferecido nos dias 10 e 12 de novembro, das 16 às 19 horas, no CEPE. As aulas ministradas pelo Pe. Hortal foram expositivas e houve espaço para perguntas.



Figura 78. Alunos assistem ao início da aula.

Esse curso teve 63 inscritos e 22 avaliações. Segundo dados computados das avaliações, 21 alunos disseram que o tema foi a maior motivação para participar do curso, e o professor foi considerado um fator atrativo para 11 pessoas.

Como pontos positivos foram mencionados: o conhecimento do professor, a clareza das explicações, as instalações e o *coffee break*. Um aluno comentou o conhecimento do professor sobre o assunto: “O material preparado para a aula foi muito rico em informação e com as explicações do Pe. Hortal ficou mais claro e mais objetivo.” (Aluno do projeto *PUC-Rio Mais de 50.*) Como pontos negativos foram levantados: a falta de material didático para acompanhar a aula e a pouca quantidade de aulas.

Como opções para outros cursos desse domínio foram sugeridos: História e expansão do cristianismo; Teologia da Libertação; Apocalipse; A história de Maria e o papel da mulher na Igreja; e Contradições e diferenças entre evangélicos e católicos.

6.4.3.

Curso: Vídeo chamadas por Skype

O curso foi oferecido nos dias 17 e 18 de novembro, das 16 às 19 horas, na unidade da PUC-Rio na Barra da Tijuca. As aulas dadas pelas professoras Sílvia Nogueira e Marília Ceccon foram expositivas e houve, também, exercícios individuais e em grupo. Todos os alunos receberam uma apostila com o conteúdo exposto em sala.



Figura 79. Alunas em conversa em grupo via vídeo chamada.



Figura 80. Algumas alunas ao final do curso de Skype.

Este curso teve 17 inscritos e seis avaliações; seis alunos disseram que o tema foi a maior motivação para participar do curso.

Como pontos positivos foram mencionados: dinâmica da aula e boas instalações. Uma participante mencionou os seguintes aspectos positivos do curso: “A utilidade do curso, a didática, a clareza e a paciência das professoras e todos os envolvidos e o material didático”. Como pontos negativos foram levantados: a qualidade da Internet, que estava lenta na primeira aula, e a pouca divulgação dos cursos.

Como sugestão para outros cursos desse domínio foram sugeridos: aula de ferramentas do Google (como Google Docs); ferramentas de armazenamento online, as nuvens; Power Point e Excel; oficina para aprender a fazer *blog*; e oficina de manipulação de imagens e redes sociais.

6.4.4.

Curso: The Beatles: História, Arte e Legado

O curso foi oferecido nos dias 19 e 26 de novembro, e 3 e 10 de dezembro de 2014, das 17h30 às 20h30, no CEPE. As aulas dadas pelo professor Eduardo Brocchi foram expositivas e, ao final do curso, o professor organizou um *show cover* dos Beatles em auditório da PUC-Rio. O grupo que participou do curso ficou muito unido e passou a se encontrar para conversar e assistir a alguns *shows*, como, por exemplo, o *Mulheres cantam Beatles*.



Figura 81. Aula no CEPE.



Figura 82. Show cover dos Beatles.

O curso teve 50 inscritos e 12 avaliações; de acordo com estas, os 12 alunos disseram que o tema foi a maior motivação para participar do curso. Em segundo lugar veio a escolha do professor e em terceiro a localização.

Como pontos positivos foram mencionados: a dinâmica da aula; a alegria do professor e o domínio do tema; a oportunidade de conhecer um assunto novo. Um dos alunos relatou: “O ponto positivo [do curso] foi ter encontrado, conhecido pessoas que sabem muito de Beatles.” Como pontos negativos foram levantados: aulas apenas uma vez na semana e poucas aulas.

Como sugestão para outros cursos desse domínio foram sugeridos: música, pintura, história da música brasileira (anos 30 – Noel Rosa – época de ouro); um curso mais completo sobre os Beatles; história do *jazz* e do *blues*; e sobre o começo do samba no Rio Janeiro.

6.4.5.

Curso: Fenômenos Físicos Extraordinários da Natureza

O curso aconteceu no dia 25 de novembro de 2014, entre as 9 e as 11 horas, no CEPE. A aula dada pelo professor Hortêncio Borges foi expositiva e houve também um espaço para perguntas e dúvidas. Programado para acontecer em dois encontros, o professor teve problemas pessoais e precisou cancelar a última aula, e por esse motivo não foram feitas as avaliações desse curso.

6.4.6.

Curso: A Repercussão Gráfica da Passagem do Graf Zeppelin pelo Brasil

O curso foi oferecido nos dias 2 e 4 de dezembro, das 17h30 às 20h30, no CEPE. As aulas da professora Nádia Leschko foram organizadas no formato de mesa redonda, com o objetivo de ao mesmo tempo apresentar o conteúdo, fazer perguntas e ouvir histórias e relatos dos alunos sobre a passagem do Graf Zeppelin. Uma das alunas levou para a sala de aula um prato de porcelana e um porta-cartão, lembranças da viagem de seus pais à Europa no Graf Zeppelin.



Figura 83. Alunos atentos à história do dirigível.

Como pontos positivos foram mencionados: a dinâmica da aula; as histórias contadas sobre o dirigível e as lembranças apresentadas pela aluna.

Durante a aula os alunos demonstraram interesse em cursos voltados para histórias de carros antigos, história da aviação e história do Brasil.

6.4.7

Curso: Exposição e Comercialização de Produtos: potencializando seu negócio

O curso foi oferecido nos dias 11, 16 e 18 de dezembro, das 16 às 19 horas, no CEPE. As aulas da professora Monica Saddi foram expositivas e foram realizadas dinâmicas em grupo para identificar o potencial do produto de cada

aluno. Na última aula os alunos levaram seus produtos e houve degustação de lasanha e brigadeiro.



Figura 84. Professora Mônica organiza a degustação da Lasanha da D. Maria.



Figura 85. Alunos trabalham em grupo para montar o conceito dos marcadores de livro feitos por Dona Lúcia e para as lasanhas feitas por Dona Maria.

O curso teve 34 inscritos e 15 avaliações, nas quais 14 alunos disseram que o tema foi sua maior motivação para participar do curso. A gratuidade foi mencionada por nove alunos e o fato de o curso ser organizado pela PUC-Rio também foi mencionado por nove alunos.

Como pontos positivos foram mencionados: a didática e simpatia da professora e a matéria. Uma participante registrou:

“Somente pontos positivos: curso com dinamismo, alegria, que nos deu ferramentas para entender o produto de forma abrangente. Apaixonada pelo curso, pelo projeto e pela Mônica.”

As dinâmicas em grupo foram muito elogiadas e o fato de aprender praticando também. Outra participante fez a seguinte declaração:

“Não tem pontos negativos. Gostei do curso, fiz amizades e aprendi muita coisa. [Eu] Me sinto muito feliz perto de gente. Agradeço à PUC-Rio por essa oportunidade.” (Aluna do projeto PUC-Rio Mais de 50.)

Como pontos negativos foram levantados: a pequena carga horária e a época do ano, pois o curso foi realizado em data muito próxima à do Natal.

Para outros cursos desse domínio foram sugeridos: curso sobre planilha de custos; ferramentas de Internet para divulgar produto; *marketing*; orientação básica para concurso público; *coaching*; consultoria de imagem; como iniciar uma pequena empresa; design; moda feminina; e empreendedorismo.

6.5.

Avaliação geral do piloto PUC-Rio mais de 50

Ao final da fase de processamento das avaliações individuais, organizamos uma avaliação em grupo com o objetivo de aprofundar alguns pontos, tais como estrutura dos cursos, divulgação e experiências pessoais.

Para isso fizemos uma pequena reunião com dez alunos do projeto, momento em que organizamos uma dinâmica de avaliação. Os grupos foram divididos em duplas ou trios, e receberam uma cartolina branca e canetas azuis, vermelhas e pretas. Pedimos a eles que preparassem uma apresentação enumerando os pontos positivos em caneta azul, os pontos a serem melhorados em caneta vermelha e sugestões em caneta preta — isso no que tange à estrutura dos cursos e à divulgação. Eles tiveram meia hora para conversar e montar as apresentações. Depois do tempo estipulado, cada dupla apresentou aos outros suas opiniões sobre o projeto *PUC-Rio Mais de 50*.



Figura 86. Alunos realizam a avaliação.

Sobre o projeto

Os alunos disseram ter sido atraídos pelo projeto em razão da junção de três fatores importantes para eles. Primeiro, pelo fato de ele ter sido organizado pela PUC-Rio, uma instituição de ensino com credibilidade e qualidade; depois, pelos temas interessantes e diferentes oferecidos; e, por fim, pela gratuidade. Eles enfatizaram que tinham a certeza de que não estavam entrando em uma “roubada”.

Uma das alunas relatou que já havia tentado frequentar muitos espaços para idosos, como a UNATI, por exemplo. No entanto, a abordagem do projeto da PUC-Rio a conquistou porque não fala em doenças e perdas: pelo contrário, dá suporte para o idoso viver mais e melhor.

Os alunos concordaram que o nome *PUC-Rio mais de 50* é muito mais atrativo do que, por exemplo, *PUC-Rio para idosos*. Eles falaram que esse enfoque é muito mais interessante para eles e que se sentiram privilegiados de terem participado da fase inicial do projeto. Uma das alunas afirmou que, apesar, de ter 66 anos, não se vê com “mais de 60” e sim com “mais de 50”, ressaltando o “horror” que tem de ser tratada como idosa.

Sobre a estrutura dos cursos

Os alunos consideraram as aulas de três horas muito longas. Eles disseram que, mesmo com um intervalo, a partir de certo momento o conteúdo

não é mais assimilado. Os alunos afirmaram ter sentido falta de um plano de aula com o conteúdo e as propostas do professor, além de material didático tais como apostilas e bibliografia complementar, com sugestão de *sites* e *links* para se obter mais informações sobre o tema. Alguns alunos disseram que o tempo de aula foi curto para o conteúdo. Eles sugeriram também que as aulas expositivas tivessem mais espaço para perguntas e esclarecimento de dúvidas.

Eles elogiaram a forma como os professores conduziram as aulas, a didática e dinâmica das aulas. Observaram, também, que os cursos foram preparados com seriedade e profissionalismo e que os professores trataram de assuntos sérios de forma descontraída. Eles afirmaram que os cursos atingiram seus propósitos e ficaram entusiasmados com a possibilidade de participar de mais uma versão do projeto.

O *coffebreak* foi destacado como um ponto muito positivo, porque, além de ser um descanso da aula, foi um momento de descontração e ofereceu a oportunidade dos alunos se conhecerem.

Sobre a divulgação

Nesse aspecto, muitos alunos reclamaram pelo fato de não terem recebido informações a respeito da realização dos cursos e disseram que gostariam de ter participado mais. Diante disso, explicamos a eles que, em razão deste ser um curso-piloto, não podíamos divulgá-lo amplamente, pois, se assim fizéssemos, correríamos o risco de receber um público muito numeroso e não ter como avaliar o conteúdo do protótipo em desenvolvimento.

Para a divulgação do projeto, recebemos muitas sugestões, como, por exemplo, as de divulgá-lo junto à associação de ex-alunos da universidade; em jornais de classe — como o jornal da OAB ou o Clube dos Engenheiros — e em redes sociais. Os alunos também sugeriram uma divulgação por telefone, já que algumas pessoas ainda não usam a Internet.

Os participantes acharam o procedimento de matrícula muito simples e consideraram muito boa a comunicação após o cadastro. Eles não relataram nenhum problema com relação ao *site* ou ao canal 0800. Alguns alunos revelaram só terem sabido do projeto porque estavam navegando nas páginas da PUC-Rio em busca de outras informações e acabaram descobrindo e se interessando pelos cursos oferecidos.

No final da avaliação, os alunos receberam os certificados dos cursos e uma camisa do projeto. Foram, também, apresentados a novas possibilidades de cursos para o próximo semestre.



Figura 87. Alunos que participaram da dinâmica de avaliação com seus certificados de curso e integrantes do LABMEMO.

Além do aprendizado ligado à organização das aulas, temas interessantes para o público, matrículas, dinâmica de aula e material didático, percebemos no projeto o potencial de promover muitas das coisas que encontramos em campo. Vimos pessoas fazendo novas amizades, buscando novos projetos de vida e motivações, aprendendo sobre o universo digital — orgulhosas do que são e do que fazem, e adquirindo conhecimento.

Esse aprendizado será incorporado na próxima realização do projeto, que sempre contará com a opinião dos alunos para melhoria constante do serviço.

Considerações finais

Como qualquer grupo etário, os idosos têm demandas diversas e de todas as ordens, e enumerá-las é uma tarefa quase impossível. Pudemos constatar ao longo deste trabalho que grande parte dos idosos busca envelhecer de forma saudável e valorizando tudo aquilo que lhes pode proporcionar novas oportunidades e conquistas.

O encontro do Design com o tema Envelhecimento mostrou que o campo pode colaborar, literalmente, com formas e meios concretos e efetivos para o desenvolvimento de projetos adequados a esse público diverso e crescente. Criar mecanismos combinando técnicas de pesquisa antropológicas e abordagens do Design para identificar o que querem e o que precisam os maiores de 60 anos é primordial na busca de soluções para de fato atendê-los. Além de consultá-los em todas as etapas do processo projetual, é fundamental, também, envolver os idosos na avaliação de protótipos e projetos-piloto a eles direcionados, de modo a garantir a criação de soluções inovadoras e mais adequadas ao público a que se destinam.

Como vimos procurando demonstrar, as seis perspectivas do Design Emocional com foco em aspectos importantes para a saúde do indivíduo em todos os níveis — quais sejam (1) identidade; (2) bem-estar; (3) humor; (4) cidadania; (5) sociabilidade e (6) autoestima — se apresentam como possíveis frentes de ação para atender também as demandas dos maiores de 60 anos. Com base nos dados sobre envelhecimento levantados, interpretados, processados, trabalhados, prototipados e aplicados sob a ótica do Design apresentados neste estudo, essas perspectivas foram revisadas e direcionadas exclusivamente para o público com mais de 60 anos. Elas foram nomeadas como “perspectivas do design emocional para o envelhecimento saudável” e serão apresentadas a seguir com vistas a contribuir com a promoção do envelhecimento saudável e qualidade de vida do idoso.

Design para afirmação da identidade

Constatamos como é importante para os maiores de 60 anos o fato de continuarem a fazer o que sempre fizeram e de ser o que sempre foram. Constatamos, também, que é na velhice que muitos encontram tempo, coragem e disposição para fazer o que gostariam de ter feito quando jovens e que, por razões variadas, não tiveram oportunidade de fazer.

Nesse sentido, a perspectiva “Design para afirmação da identidade” engloba ações, produtos e serviços que promovam a autonomia, a independência, a segurança e a liberdade e proporcionem oportunidades para os maiores de 60 anos se expressarem como indivíduos plurais e ser e fazer o que bem desejarem.

Design para a renovação da sociabilidade

Constamos que os maiores de 60 anos querem e precisam ter com quem compartilhar momentos bons e ruins, além dos familiares. Eles valorizam a presença e a convivência com a família, mas querem, também, estreitar e fazer novos laços de amizade.

Portanto, o “Design para Renovação da Sociabilidade” deve incluir ações, produtos e serviços que favoreçam interações sociais, que promovam a convivência intergeracional e o fortalecimento de vínculos sociais e afetivos, e que propiciem o surgimento de novas amizades.

Design para a revitalização da cidadania

Constatamos que é um equívoco tratar o público com mais de 60 anos como um peso para a sociedade. Ele não apenas tem muito a contribuir como quer estar inserido na sociedade e participar ativamente da vida social, política, econômica e cultural do país, seja de forma voluntária ou remunerada.

Portanto, o Design para a Revitalização da Cidadania deve incluir ações, produtos e serviços que criem oportunidades de trabalho remunerado e voluntário para os idosos, além de formas e meios de promover a participação social, o engajamento cívico e o pleno exercício da cidadania.

Design para o Bem-estar

Observamos que, de modos diferentes, os maiores de 60 anos se preocupam em manter o bem-estar físico e mental. Eles também buscam na fé e em atividades espirituais um modo de estar bem consigo mesmos.

Assim sendo, o Design para o Bem-estar deve incluir ações, produtos e serviços que estimulem o cuidado com a saúde física e mental, e que também façam com que as pessoas vivenciem experiências de relaxamento, contemplação, meditação e de maior conexão com a dimensão do sagrado.

Design para Autoestima

Observamos como é importante para o público idoso ter orgulho de si mesmo e também de se sentir valorizado, necessário e querido. Além disso, observamos que os idosos se importam com sua integridade e por isso se preocupam e cuidam de si próprios.

O Design para Autoestima deve envolver ações, produtos e serviços que estimulem o autocuidado; que valorizem os idosos e os façam se sentir queridos e orgulhosos de si mesmos.

Design para humor

Confirmamos que encarar a vida com leveza e otimismo, e, além disso, saber rir de si mesmo e das situações adversas é um remédio para todos.

O Design para o Humor deve envolver ações, produtos e serviços que fazem rir, surpreendem, alegam, fazem com que a rotina fique mais divertida e leve, e criem oportunidades de entretenimento, diversão e descontração.

Acreditamos que as “perspectivas do design emocional para o envelhecimento saudável” se apresentam como possíveis formas e meios de transformar a vida depois dos 60 em um momento de reinvenção e encontros de novos amigos, empregos, conhecimentos, objetivos de vida e, sobretudo e principalmente, de cada um consigo mesmo e de uma nova velhice. No entanto, ainda há muito a ser feito.

Concluo com as palavras de Louise Plouffe:

O envelhecimento populacional é um êxito do século 20 e o desafio do século 21. As gerações que envelhecerão agora e nos próximos anos são responsáveis por diversas lutas e conquistas, como pelo direito das mulheres e dos homossexuais. Eles não aceitarão a violação de seus direitos e revolucionarão a saúde, como estão fazendo com tudo, se não forem bem atendidos. (Plouffe, 2015.)

Espero ter demonstrado com este trabalho que o design é uma atividade preparada para encarar esse desafio e participar dessa revolução.

8

Referências bibliográficas

AMARAL, N. **Design Emocional e Envelhecimento**. Relatório PIBIC – CNPq, 2013. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2013/relatorios_pdf/ctch/ART/ART-Nathalia%20Bernardes%20do%20Amaral.pdf> Acesso em: 20 fev. 2015

AMARAL, N. **DESIGN EMOCIONAL & ENVELHECIMENTO: um estudo sobre ações projetuais inovadoras para a promoção de bem estar para maiores de 65 anos**. Relatório PIBIC – CNPq, 2014. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ctch/ART/ART-Nathalia%20Amaral.pdf> Acesso em: 20 fev. 2015

ANASTASSAKIS, Z. **Design em contexto: algumas considerações sobre o caso brasileiro**. In: AgitePro Revista Brasileira de Design. Ano: IV Número: 45. 2012. Disponível em: <http://www.agitprop.com.br/?pag=ensaios_det&id=102&titulo=ensaios> Acesso em: 15 jan. 2015

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CARDOSO, R. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Ed. Blucher, 2008.

CECCON, M. **Design Emocional: contribuindo para uma nova forma de projetar**. Relatório PIBIC – CNPq, 2009. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/ctch/art/marilia.pdf> Acesso em: 17 jun. 2014.

CECCON, M. ; NOGUEIRA, S. J ; DAMAZIO, V. M. M. . **ENVELHECIMENTO ATIVO: novas perspectivas e oportunidades para o campo do design emocional**. In: 11o P&D Design 2014. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em, 2014, Gramado, RS. 11o P&D Design 2014. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design.

COUTO, R. M. S; NEVES, M. **O ensino da disciplina de projeto básico sob o enfoque do design social**. 1991. 74 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação.

DAMAZIO, V. **Artefatos de Memória da Vida Cotidiana: um olhar interdisciplinar sobre as coisas que fazem bem lembrar**. 285p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

DAMAZIO, V. M. M. ; CECCON, M. ; TABOADELA, L. . **Consumption And Friendship: Project Actions For Sociability**. In: 5to Congreso Internacional de Diseño MX Design Conference 2013 Consumo y Consumismo, 2013, Cidade do México. MX Design Conference 2013 Proceedings.. Cidade do México: Universidad Iberoamerica, 2013.

DAMAZIO, V. **Design, memória emoção: uma investigação para o projeto de produtos memoráveis**. In: Caderno de Estudos Avançados em Design: Design e Emoção. Organização: Dijon de Moraes; Regina Álvares Dias – Barbacena: EdUEMG, 2013.

DAMAZIO, V. M. ; CECCON, M. ; QUEZADA, G. D. ; PALHEIROS, L. . **Diseño, Consumo y la Guía Global de las Ciudades Amigables con los Mayores..** In: 5to Congreso Internacional de Diseño MX Design Conference 2013 Consumo y Consumismo, 2013, Mexico. MX Design Conference 2013 Proceedings. México: Universidad Iberoamericana, 2013.

DAMAZIO, V. e NOGUEIRA, C. **Design e responsabilidade social.** Acessível em:
<<http://www.fbb.org.br/portal/pages/publico/expandir.fbb?codConteudoLog=416>>
Acessado em: 10 jan. 2015

DAMAZIO, V; COUTO, R. **Social Design.** The Bloomsbury Encyclopedia of Design, 2015. No prelo

DAMAZIO, V. **Emotional Design.** The Bloomsbury Encyclopedia of Design, 2015. No prelo

DESMET, P. **Designing emotions.** Delft, The Netherlands. Tese de Doutorado. Delft University of Technology, 225 p. 2002.

Envelhecimento ativo: uma política de saúde/ Organização Mundial da Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio. Fundo de população das Nações Unidas: Nova York. HelpAge Internacional: Londres, 2012.

FRASCARA, J. **The desmaterialization of design.** Tipográfica, Novembro, p. 18-25, 2001.

_____. **Diseño Gráfico para la Gente.** Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2000.

_____. **Comunicação para mudança: estratégias e dificuldades:** Tradução Vera Damazio. Rio de Janeiro, Arcos Design v. 5, dezembro, 2009.

GOLDMBERG. M. **Corpo, Envelhecimento e Felicidade.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **A Bela Velhice.** Editora Record, Rio de Janeiro, 2013.

Guia Global: Cidade Amiga do Idosos/ Organização Mundial da Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2007.

_____. Cultural change in advanced industrial societies: Postmaterialist values and their consequences, International Review of Sociology 3 (1988) 77-100.

Healthers Especial ASAP. Elyon, São Paulo, 2014

HERBERT, S. **The sciences of the artificial.** Terceira edição. Cambridge: MIT Press, 1996.

KALACHE, A. **Idosos do Brasil: estado da arte e desafios**. São Paulo. Disponível em: <<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/eventos/idosos-do-brasil-estado-da-arte-e-desafios.html>>. Acesso em: 18 out. 2014.

JORDAN, P. **Pleasure with products: Human factors for body, mind and soul**. In: W.S. GREEN; P.W. JORDAN (eds.), Human factors in product design: Current practice and future trends. London, Taylor & Francis, p. 206-217. 1999.

MONT'ALVÃO, C. e DAMAZIO, V. **Design Ergonomia Emoção**. Mauad, 2008.

NERI, A. L. (Org.) **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

NORMAN, Donald. A. **Design Emocional – Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do Dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

POTAS, R; RIBEIRO, F; COUTO, R; MAMEDE-NEVES, M. **Disciplina de projeto DSG1002 - Planejamento: uma proposta pedagógica inovadora**. In: 10o P&D Design 2012. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em, 2012, São Luiz, MA. 10o P&D Design 2014. Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Disponível em: https://www.academia.edu/3880893/Disciplina_de_projeto_DSG1002_Planejamento_uma_proposta_pedag%C3%B3gica_inovadora Acesso em: 15 fev. 2015

RIBEIRO, L. C. de Q. **Metrópoles, reforma urbana e desenvolvimento nacional**. In: RIBEIRO, L. C. de Q. LAGO, L. As Metrópoles e a Questão Social Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007. P. 21 - 47

SANTOS, A. **Acervo de Design Emocional: perspectivas, produtos, referências teórica e método**. Relatório PIBIC – CNPq, 2010. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ctch/art/ART-Alan%20Bruno%20dos%20Santos.pdf> Acesso em: 17 jun. 2014.

TONETTO, L ; CAMPELO, F. **Design Emocional: conceitos, abordagens e perspectivas de pesquisa**. In: Strategic Design Research Journal, 4(3): 132-140 September-December 2011: Unisinos 2011

Anexo I

Questionário de entrevista semi-estruturada elaborado pelo ILC para os alunos da disciplina Projeto Avançado – Produção e Distribuição, do curso de Design da PUC-rio

- 1) O que é envelhecimento na sua opinião?
- 2) E os pontos negativos?
- 3) Quando começa o envelhecimento, na sua opinião?
- 4) Como você vê a si mesmo envelhecendo?
- 5) Quais são os fatores para envelhecer bem?
- 6) Como você viveria sua vida diferente, considerando esses fatores?
- 7) Você hoje, é uma pessoa ativa no mercado de trabalho. Como você se posiciona nesse ambiente, sendo uma pessoa idosa?
- 8) Em relação a questão do ônibus. Você se sente segura em andar de ônibus?
- 9) O que você considera como maior obstáculo ou desafio na sua vida de hoje?
- 10) Mas estão sendo limitadas por questões físicas?
- 11) Você hoje ainda tem algum desejo, alguma vontade?
- 12) O que traz a maior satisfação para você atualmente?

Anexo II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título	Estudo para identificação de demandas e geração de idéias de novos produtos e serviços “para” e “com” idosos moradores da Gávea.
Coordenadora	Profa. Dra. Vera Damazio <vdamazio@puc-rio.br> 99944-4949
Pesquisadoras Responsáveis	Aline Lopes <aline.lopes@globo.com> 99716-7390 Marília Ceccon <mariliaceccon@yahoo.com.br> 99332-0812 Sílvia Nogueira <silviapn@gmail.com> 98122-1617

Prezado(a) Senhor(a):

A equipe acima apresentada sob coordenação da Dra Vera Damazio, professora do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, pretende realizar estudo com o objetivo de identificar demandas de idosos moradores da Gávea e idealizar produtos e serviços que contribuam com sua vida cotidiana e seu bem estar. Para tanto, contaremos com a colaboração de um grupo de 12 idosos moradores do bairro, do qual gostaríamos que fizesse parte, no sentido de identificar as principais dificuldades e limitações enfrentadas em sua rotina e as ações que podem ser possibilitadas, facilitadas ou melhoradas.

Após ter lido, discutido e assinado o termo, realizaremos as seguintes atividades:

- Duas visitas à sua casa, com a participação de dois ou três pesquisadores, com duração de uma hora, em horários pré-agendados e intervalos de cinco a sete dias. O objetivo da primeira visita será conhecer os cinco objetos mais significativos e os lugares que mais gosta em sua casa. Caso autorize, os objetos e lugares apontados serão fotografados. Nesta ocasião, o senhor(a) receberá um gravador ou um caderno para registrar momentos positivos ou negativos que ocorrem em sua rotina e que considerar relevantes. O objetivo da segunda visita será conversar sobre a sua relação com o bairro, com a vizinhança, e também sobre os registros feitos ao longo da semana.
- Acompanhamento de uma atividade externa relacionada a compra de produtos ou serviços no bairro escolhida pelo senhor(a) – como fazer compras, ir a feira ou ao banco – com a participação de dois ou três pesquisadores. O objetivo deste acompanhamento será observar a sua relação com os espaços do bairro e com a vizinhança.
- Encontro com o grupo de 12 colaboradores no Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE) para apresentação e avaliação de produtos e serviços do acervo dos pesquisadores destinados à promoção do bem estar de idosos.

A participação neste estudo não oferece riscos, senão a possibilidade de inibição ou desconforto em responder alguma pergunta ou confronto com lembranças negativas. Sua participação é voluntária, podendo o(a) senhor(a) negar o seu consentimento a qualquer momento, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização.

Os pesquisadores estarão disponíveis para contato e esclarecimento de dúvidas através dos emails e telefones indicados no início desse termo.

Os dados levantados com sua colaboração serão utilizados para subsidiar o desenvolvimento de produtos e serviços destinados a trazer mais qualidade de vida ao idoso morador da Gávea e na produção de artigos científicos, apresentações e exposições. Será garantida, contudo, a confidencialidade, a privacidade, a proteção da imagem e a não utilização das informações obtidas em prejuízo dos participantes.

As despesas acarretadas por este estudo serão de responsabilidade da equipe de pesquisa, não havendo, por outro lado, previsão de compensação financeira.

.....

Eu fui completamente orientado(a) por _____ sobre a natureza, propósito e atividades deste estudo e tive a oportunidade de questioná-lo(a) sobre todos os seus aspectos. Além disto, recebi uma cópia da folha de informações, a qual li, compreendi e tive plena liberdade para decidir acerca da minha espontânea participação nesta pesquisa.

Após a leitura do presente termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, declaro expressamente que entendi o objetivo do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2014.

PARTICIPANTE

NOME:

ASSINATURA:

PESQUISADOR

NOME:

ASSINATURA:

PESQUISADOR

NOME:

ASSINATURA:
